

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



**FUNÇÃO PATERNA E COMPORTAMENTOS DELINQUENTES EM  
RAPAZES ADOLESCENTES**

Teresa Marília Velez Mira Lago

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

**2009**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



**FUNÇÃO PATERNA E COMPORTAMENTOS DELINQUENTES EM  
RAPAZES ADOLESCENTES**

Teresa Marília Velez Mira Lago

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Manuel Pires Matos

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

**2009**

## **AGRADECIMENTOS**

Os meus sinceros agradecimentos vão para todos aqueles sem a ajuda dos quais a realização desta dissertação não seria possível. Devo, no entanto, uma referência especial:

Ao meu orientador, Professor Doutor Manuel Matos, a quem estou grata pela disponibilidade mostrada nas diversas fases de realização desta dissertação, assim como pelas pertinentes críticas e sugestões aquando da revisão dos textos por mim produzidos.

Aos Conselhos Executivos das escolas básicas em Lisboa onde realizámos a recolha da amostra, cuja amável receptividade e cooperação foram fundamentais para a execução da parte empírica desta dissertação.

Aos alunos das referidas escolas, pela sua preciosa colaboração no preenchimento dos questionários, sem a qual esta investigação não seria possível.

Agradeço ainda a José Pereira, pela valiosa cooperação na realização da análise estatística dos dados.

Finalmente, um enorme e sincero agradecimento aos meus pais e ao Eduardo, que me acompanharam de perto ao longo deste percurso de muito trabalho e esforço, proporcionando-me um valioso suporte emocional.

## RESUMO

Tomando em consideração a investigação que tem sido realizada no âmbito dos comportamentos de risco na adolescência, propusemo-nos a estudar a função paterna em adolescentes com comportamentos delinquentes. O nosso objectivo foi apurar qual o papel do pai na expressão deste tipo de comportamentos na adolescência, procurando a possível influência de um défice da função paterna. Com esta finalidade, numa amostra de 94 adolescentes do sexo masculino, aplicámos os seguintes instrumentos de medição: uma escala de comportamentos delinquentes, construída por nós com base nos itens utilizados por FONSECA (1992); o *Parental Bonding Instrument* (PARKER, TUPLING, & BROWN, 1979); e a pergunta de resposta aberta “Quando pensas no teu pai, o que é que te ocorre?”, anteriormente utilizada no estudo de NODIN e LEAL (2005). Esperávamos que a frequência de comportamentos delinquentes fosse superior nos indivíduos que reportam estilos de educação paternos de baixo cuidado (hipótese 1) e igualmente superior nos indivíduos com representação paterna aparentemente negativa (hipótese 2). Os resultados empiricamente obtidos vão no sentido da confirmação apenas da primeira hipótese do nosso estudo. Apontamos as limitações e outras possibilidades de investigação.

Palavras-chave: Adolescência, Comportamentos de Risco, Delinquência, Função Paterna, Paternidade, Representação Paterna.

## ABSTRACT

Taking in account the investigation carried through in the scope of risk behaviours in adolescence, we proposed ourselves to study the paternal function in adolescents with delinquent behaviours. We were aiming to understand father's role in the expression of this kind of behaviours in adolescence, searching for a possible influence of a paternal function deficit. Therefore, in a sample of 94 male adolescents, we used the following measurement instruments: a scale of delinquent behaviours, based on the one employed by FONSECA (1992); the Parental Bonding Instrument (PARKER, TUPLING, & BROWN, 1979); and the open response question "When you think about your father, what occurs to you?", as used in the study of NODIN and LEAL (2005). We expected that the frequency of delinquent behaviours were higher in individuals who reported paternal education styles of low care (hypothesis 1), and equally higher in individuals with apparently negative paternal representations (hypothesis 2). Our empirical results support only the first hypothesis of our study. We point out the limitations of this study and some other possibilities of investigation.

Keywords: Adolescence, Delinquency, Paternal Function, Paternity, Paternal Representations, Risk Behaviours.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>3</b>
<b>CAPÍTULO I: REPRESENTAÇÕES MENTAIS .....</b>	<b>4</b>
1.1 Representações Mentais .....	4
1.2 Função do Objecto na Construção do Mundo Representativo .....	5
1.3 Papel da Função Paterna na Construção das Representações .....	7
<b>CAPÍTULO II: PAI.....</b>	<b>9</b>
2.1 O Pai na Família Contemporânea .....	9
2.2 Evolução da Importância do Pai na Teoria Psicanalítica .....	11
2.3 Funções do Pai.....	15
2.4 Carência da Função Paterna .....	16
<b>CAPÍTULO III: ADOLESCÊNCIA .....</b>	<b>20</b>
3.1 Funcionamento Psicosssexual e Afectivo.....	20
3.2 Psicopatologia da Adolescência: Comportamentos de Risco.....	23
<b>CAPÍTULO IV: COMPORTAMENTOS DELINQUENTES .....</b>	<b>25</b>
4.1 Delinquência Juvenil.....	25
4.2 Génese da Delinquência: Diferentes Teorizações .....	26
4.3 Investigação Sobre a Relação Delinquência/Carência Paterna .....	31
<b>OBJECTIVOS E HIPÓTESES DE TRABALHO.....</b>	<b>33</b>
<b>PARTE II - ENQUADRAMENTO EMPÍRICO .....</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO V: METODOLOGIA .....</b>	<b>36</b>
5.1 Selecção e Caracterização da Amostra .....	36
5.2 Instrumentos de Recolha de Dados.....	40
5.2.1 <i>Questionário Sócio-Demográfico</i> .....	40
5.2.2 <i>Escala de Comportamentos Delinquentes</i> .....	40
5.2.3 <i>Parental Bonding Instrument</i> .....	41
5.2.4 <i>Pergunta: “Quando pensas no teu pai o que é que te ocorre?”</i> ...	43
5.3 Procedimento .....	44
5.3.1 <i>Procedimentos Estatísticos</i> .....	44

<b>CAPÍTULO VI: RESULTADOS .....</b>	<b>45</b>
6. 1 Estatística Descritiva dos Instrumentos.....	45
6.1.1 <i>Escala de Comportamentos Delinquentes</i> .....	45
6.1.2 <i>Parental Bonding Instrument (PBI)</i> .....	45
6.1.3 <i>Pergunta: “Quando pensas no teu pai o que é que te ocorre?”</i> ...	46
6.2 Consistência Interna das Escalas .....	48
6.2.1 <i>Escala de Comportamentos Delinquentes</i> .....	48
6.2.2 <i>Parental Bonding Instrument</i> .....	48
6.3 Teste das Hipóteses.....	49
<b>CAPÍTULO VII: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>54</b>
<b>CAPÍTULO VIII: CONCLUSÃO .....</b>	<b>58</b>
8.1 Síntese Conclusiva .....	58
8.2 Importância para a Investigação e Prática Clínica.....	59
8.3 Limitações da Investigação e Linhas de Desenvolvimento Futuro .....	60
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>62</b>
 <b>ANEXOS .....</b>	 <b>72</b>
ANEXO A: Estatística descritiva da amostra .....	73
ANEXO B: Pedido de autorização para recolha da amostra .....	78
ANEXO C: Projecto de investigação entregue nas escolas.....	80
ANEXO D: Instrumentos de recolha de dados .....	84
ANEXO E: Estatística descritiva dos instrumentos de avaliação.....	91
ANEXO F: Consistência interna das escalas utilizadas .....	96
ANEXO G: Análise estatística (hipótese 1).....	103
ANEXO H: Análise estatística (hipótese 2).....	113
ANEXO I: Análise estatística adicional.....	116

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Idade dos indivíduos da amostra.....	36
Tabela 2 - Coabitação dos indivíduos da amostra.....	37
Tabela 3 - Profissão dos pais dos indivíduos da amostra .....	39
Tabela 4 - Profissão das mães dos indivíduos da amostra.....	39
Tabela 5 - Estatística descritiva da escala de comportamentos delinquentes .....	45
Tabela 6 - Estatística descritiva da subescala paterna do PBI .....	46
Tabela 7 - Estatística descritiva da subescala materna do PBI .....	46
Tabela 8 - Estatística descritiva da pergunta de resposta aberta .....	47
Tabela 9 - Consistência interna da escala de comportamentos delinquentes.....	48
Tabela 10 - Consistência interna do PBI (escala paterna) .....	48
Tabela 11 - Consistência interna do PBI (escala materna) .....	49
Tabela 12 - Comparação entre a escala de comportamentos delinquentes e os modelos educativos paternos (ANOVA) .....	50
Tabela 13 - Teste de Tukey HSD para a subescala de transgressão de menores	50
Tabela 14 - Estatística descritiva da comparação entre as subescalas de comportamentos delinquentes e os modelos educativos paternos.....	51
Tabela 15 - Comparação entre a escala de comportamentos delinquentes e os modelos educativos maternos (ANOVA) .....	52
Tabela 16 - Estatística descritiva da comparação entre as subescalas de comportamentos delinquentes e os modelos educativos maternos.....	52
Tabela 17 - Teste t de Student para amostras independentes.....	53

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Ano de escolaridade dos indivíduos da amostra .....	36
Figura 2 - Ausência paterna nos indivíduos da amostra.....	38
Figura 3 - Modelos educativos .....	42



## INTRODUÇÃO

O presente estudo, inserido numa perspectiva psicodinâmica do desenvolvimento, tem como objectivo central contribuir para a investigação sobre o papel do pai no agir de comportamentos delinquentes na adolescência.

Consideramos a importância da função paterna no desenvolvimento identitário, nomeadamente a forma como o défice desta função pode estar relacionado com o desenvolvimento de comportamentos delinquentes em jovens adolescentes do sexo masculino.

O corrente trabalho desenvolve-se ao longo de oito capítulos, sendo que os primeiros quatro capítulos (Parte I) pretendem enquadrar teoricamente o problema de investigação, enquanto os restantes capítulos (Parte II) consistem na parte empírica desta dissertação.

Visando possibilitar um entendimento do estudo realizado, na primeira parte do presente trabalho são discutidas perspectivas teóricas relevantes, além de serem apresentadas investigações proeminentes dentro do tema em questão.

No Capítulo primeiro focamos aspectos ligados às representações mentais. Consideramos a importância do objecto materno na construção do mundo representacional da criança, sublinhando a importância da separação introduzida pelo pai no desenvolvimento e na consolidação do mesmo. Pretende-se, com este capítulo, lançar as bases de entendimento da nossa posição de que o comportamento delincente na adolescência surge como resultado de uma insuficiência dos processos de representação, a qual pode ser vinculada a uma carência paterna.

No segundo Capítulo fazemos uma incursão pela perspectiva actual sobre a forma como o pai se insere na família contemporânea, e pela evolução da importância atribuída ao papel do pai nas correntes psicanalíticas. Neste capítulo fazemos ainda uma síntese das concepções teóricas sobre as funções do pai pré-edipiano e edipiano, e explicitamos perspectivas distintas sobre a carência paterna como fonte de psicopatologia.

No terceiro Capítulo enquadramos teoricamente a adolescência, focando aspectos do funcionamento psicosexual e afectivo desta etapa do desenvolvimento que marca a passagem da infância para a idade adulta. Destacamos as perspectivas teóricas sobre a psicopatologia da adolescência, nomeadamente sobre a origem dos

comportamentos de risco, nos quais se incluem os comportamentos delinquentes. Sublinhamos a perspectiva de que o comportamento agido na adolescência, com concomitante prevalência da acção sobre o pensamento, surge como sintoma de uma incapacidade de pensar e prever, face a uma insuficiência dos processos de representação.

O Capítulo quarto, último no que diz respeito ao enquadramento teórico do tema de investigação, centra-se numa reflexão sobre a delinquência juvenil e as teorizações sobre a sua génese. Fazemos uma revisão da literatura teórica e empírica acerca da ausência do pai como factor de risco para a delinquência. Sublinhamos, neste capítulo, a perspectiva de que é a falência da função paterna, e não a ausência do pai propriamente dita, que se correlaciona com a expressão dos comportamentos delinquentes na adolescência.

Ao longo da Parte II da presente dissertação é feito todo o enquadramento empírico da investigação. Desta forma, o Capítulo quinto centra-se nos aspectos metodológicos do estudo empírico. Neste capítulo descrevemos a investigação realizada, incluindo a forma de selecção e caracterização da amostra, o procedimento adoptado na recolha dos dados, os instrumentos de medição aplicados, e o tratamento estatístico utilizado.

No Capítulo sexto apresentamos os resultados obtidos pelos indivíduos da nossa amostra. Inclui-se a apresentação da estatística descritiva dos resultados obtidos em cada instrumento, da consistência interna das escalas, e do resultado do teste das hipóteses.

O sétimo Capítulo incide sobre a análise e discussão dos dados empiricamente obtidos, em função das hipóteses postuladas e do enquadramento teórico apresentado.

Por último, no Capítulo oitavo, apresentamos as conclusões do presente trabalho. Sintetizamos os aspectos mais relevantes do estudo, analisamos as possíveis implicações para a investigação e a prática clínica, apontamos as principais limitações, e sugerimos linhas de investigação futuras nesta área de estudo.

## **PARTE I**

### **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

# CAPÍTULO I

## REPRESENTAÇÕES MENTAIS

### 1.1 REPRESENTAÇÕES MENTAIS

Segundo a definição de LALANDE (1951), citado no *Vocabulário da Psicanálise* de LAPLANCHE e PONTALIS (1967/1970), classicamente o termo representação designa “aquilo que se representa, o que forma o conteúdo de um acto de pensamento”, “em especial a reprodução de uma percepção anterior”.

Em Psicanálise, o conceito de representação começa a tomar forma na sequência da primeira “teoria pulsional” de FREUD (1905/1972). Foi no seguimento desta teorização que a Psicanálise deixou de focar o estudo da realidade externa e do seu impacto nos processos psicológicos, voltando-se para o mundo interno, dominado pela luta do indivíduo com os seus impulsos. FREUD havia postulado que a actividade sexual do indivíduo é direccionada pela procura da satisfação, ou seja, a extinção parcial e temporária da pulsão. De acordo com isto, os elementos aos quais a pulsão se fixa, não são os objectos externos, mas sim as suas representações internas.

No entanto, tal como é sublinhado por DRUBSCKY (2008), a noção de representação de Freud não se conforma à definição acima citada, no sentido em que este compreendeu a representação como o que é recalcado da pulsão. Existiriam então representações inconscientes, algo que ainda não havia sido concebido pela filosofia ou psicologia.

Em 1912, JUNG cria o termo “imago” (citado por PETOT, 1991/2001), designando uma figura prototípica inconsciente da mãe (imago materna) ou do pai (imago paterna). As imagos são representações que reflectem o mundo externo e os elementos procedentes das sensibilidades e afectos do indivíduo, sendo criadas precocemente e investidas pulsionalmente.

Na sequência dos desenvolvimentos acerca do conceito de transferência (FREUD, 1916-1917/1976), segundo o qual, durante a análise, existe um deslocamento do investimento da formação inconsciente para a pessoa do analista, passa-se do estudo das relações interpessoais exteriores (as interacções), para o estudo das relações que existem internamente, como representações mentais.

A partir da teoria psicanalítica clássica freudiana, derivaram duas grandes linhas de investigação: a “psicologia do Ego”, representada por HARTMANN, MAHLER, e SPITZ, entre outros, que se debruçou sobre o estudo do desenvolvimento do ego e das suas funções; e a “teoria das relações objectais”, que tem em KLEIN, WINNICOTT, e FAIRBAIRN os seus principais representantes, e que coloca a ênfase no estudo do *self* em relação com os objectos significativos externos e internos. Esta última afasta-se da teoria pulsional de Freud ao pressupor que as representações têm uma base relacional.

De acordo com GREENBERG e MITCHELL (1983/2003), no seio da teoria das relações objectais, é geralmente aceite que as representações constituem um “resíduo, dentro da mente, dos relacionamentos com pessoas significativas na vida do indivíduo”, e que vêm “modelar posteriores atitudes, reacções, percepções, etc.” (p. 31). No entanto, são atribuídas diferentes denominações a tais imagens internas, tais como objectos internos, outros ilusórios, introjectos, personificações e os constituintes de um mundo representacional; sendo as suas funções igualmente controversas.

Os teóricos das Relações Objectais vieram então contribuir com diversos pontos de vista para a noção de que vivemos “simultaneamente num mundo interno e num mundo externo, e de que a relação entre esses dois mundos vai desde a mais fluida mistura até à mais rígida separação” (GREENBERG & MITCHELL, 1983/2003, p. 32).

## 1.2 FUNÇÃO DO OBJECTO NA CONSTRUÇÃO DO MUNDO REPRESENTATIVO

Segundo a teoria psicanalítica de FREUD (1905/1976), a mãe é o primeiro objecto de amor da criança, de tal modo que esta relação primitiva será um protótipo de todas as posteriores relações de amor. Será na relação pré-edipiana com a mãe que se constrói, com o que é projectado de fantasmático na interacção mãe-bebé, o primeiro organizador interno do psiquismo – a imago materna (FERREIRA, 1998/2002).

De acordo com COIMBRA de MATOS (1978/2002b), para o bebé, a mãe começa por ser um pré-objecto. Ou seja, a mãe não é mais do que um objecto parcial, gratificante ou frustrante, que está unicamente ligado à descarga da pulsão, existindo apenas aquando da necessidade instintiva. Com a continuação da vivência perceptiva e afectiva, ficam registados traços mnésicos que vão construindo o objecto total mãe. Este primeiro objecto, total, constante, e preferido de forma ambivalente, constitui a representação mental da mãe.

De acordo com BION (1962/1966), a interacção do bebé com a mãe vai ocorrendo à medida que, face à estimulação externa e interna, este procura no objecto materno a descarga pulsional e a satisfação. Para que o bebé possa desenvolver a capacidade de representação e simbolização, será fundamental que a mãe seja capaz de um estado mental – o devaneio ou “*rêverie*” – pelo qual recebe os objectos do bebé, as suas boas ou más identificações projectivas, e os significa. A criança começa, então, partindo da partilha de experiências emocionais com o objecto materno, a desenvolver o seu aparelho de pensar, ou “função alfa”.

A relação de objecto será, então, a fundadora da simbolização, actividade através da qual o sujeito pode exprimir ou representar uma coisa no lugar de outra, no sentido em que, pela relação com o objecto, é criada uma representação psíquica afectivamente investida e substitutiva do objecto propriamente dito (MATOS, 1999/2005).

Tal como é frisado por GOLSE (2006/2007), no estudo sobre a origem e desenvolvimento das representações, o corpo e a pele têm ocupado um papel cada vez mais central.

No livro *La violence de l'interprétation*, Piera AULAGNIER (1975; cit. por DRUBSCKY, 2008) formulou uma concepção de representação em que compara a actividade psíquica de representação ao trabalho metabólico. Segundo esta perspectiva, o psiquismo como que “metaboliza” um conteúdo de informação, de ordem libidinal, transformando-o num representante no espaço psíquico. Mas será com a representação pictográfica, ou “pictograma”, do primeiro encontro boca-seio que se funda o psiquismo da criança.

Na década de 80, DOLTO (1984/1992, 1987/1991) propôs o conceito de “imagem inconsciente do corpo”. De acordo com esta autora, sendo a criança um ser relacional e em comunicação, é dotada desde o início de actividade representativa. Os primeiros referenciais da criança serão, então, as primeiras imagens do corpo, constituídas pelas impressões somato-psíquicas deixadas pelas palavras e pelos afectos. Estas imagens são representações muito precoces e, no momento em que são elaboradas, serão não figurativas, só se vindo a revelar posteriormente, através do desenho e da moldagem.

IMBASCIATI (1998/2003) formulou um modelo segundo o qual a percepção implica uma organização em conjuntos das aferências recepcionadas, os “engramas”, que possuem, cada um, um valor representativo que é conservado como memória. Estas

unidades representativas (engramas) operam tanto na codificação ou reconhecimento da realidade externa, como na codificação da realidade interna.

Este autor propõe que, no caso do bebé, as primeiras operações mentais se servem de engramas recebidos dos canais sensoriais mais primitivos: os canais pré-verbais tácteis e acústicos. Dependerá da qualidade da relação entre mãe e bebé, a possibilidade de este vir a ser capaz de organizar operações mentais que lhe permitam uma cada vez maior síntese de elementos perceptivos e sensoriais, “transformáveis em recordações, depois em imaginações, em fantasias e, de seguida, em pensamento” (IMBASCIATI, 1998/2003, p. 97).

Pode-se então afirmar a existência de uma estreita relação entre pele e psiquismo. A sensorialidade do bebé adquire um papel fundamental na emergência das representações, sendo pelo encontro desta com a responsividade do objecto que é atribuído significado ao sensorio e surgem os primeiros esboços representativos (MATOS, 2007).

### 1.3 PAPEL DA FUNÇÃO PATERNA NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES

Os estudos sobre o papel do pai na construção da vida psíquica da criança são relativamente recentes. As primeiras teorizações sobre o desenvolvimento psicológico do bebé relegaram o pai para uma função secundária de apoio e protecção à mãe, atribuindo importância à intervenção paterna apenas num estágio mais tardio. Actualmente, atribui-se ao pai um papel primordial na fase de separação da díade mãe-bebé.

De acordo com MATOS (2007), na emergência e consolidação das representações, são imprescindíveis os processos de descontinuidade e ausência. Isto é, para construir uma representação do Eu e uma representação do objecto, há que haver um reconhecimento de se ser separado do objecto, exterior e interiormente. De acordo com este autor, isto pode ser ilustrado com a conceptualização de WINNICOTT (1951-1953/1971) de objectos e fenómenos transicionais, segundo a qual a proximidade ou distanciamento excessivos são impedimentos à criação das representações.

A origem da representação, estando intrinsecamente ligada à sensorialidade, como já foi referido, está, por isso mesmo, obrigatoriamente vinculada ao objecto materno. A descontinuidade necessária será introduzida pela interferência de uma outra realidade, que conduz à transformação da sensorialidade ligada à comunicação materna,

em linguagem paterna, apoiada no “alfabeto universal do símbolo que promove o pensamento e o prazer de pensar” (MATOS, 2007, p. 15).

Segundo MATOS (2007), apenas pelo aparecimento da função paterna no seio da díade, o sujeito pode ter acesso à representação correspondente à terceira pessoa, dando-se assim a consolidação do processo representativo. O reconhecimento de um terceiro constitui-se, então, como condição fundamental à simbolização e inerente à organização psíquica. Esta manifestação do pai no contexto da relação precoce mãe-bebê dá-se, como será desenvolvido no próximo capítulo, como representante da realidade (de acordo com Freud), ou representante da Lei (na concepção de Lacan).

A “relação com o pai deve apresentar-se como distinta e revigorante na evolução psíquica” da criança (MATOS, 2005, p. 226), de outra forma, segundo o autor, se há mãe em excesso e insuficiente representação paterna, a construção identitária sofre prejuízos, conduzindo frequentemente a psicopatologia.

Esta importância da função paterna havia já sido apontada por LACAN, ao formular o conceito de “forclusão do pai”, o qual tem por base a rejeição da representação paterna, induzida pelo objecto materno. Segundo LACAN (1958/1998a) o pai intervém na díade sob a forma de “pai simbólico”, introduzindo distância na relação mãe-filho ao representar a lei e a interdição. Será através do Nome do Pai, apresentado à criança no discurso materno, e quando é reconhecido pela mãe como Lei, que a criança acede à função simbólica. De outro modo, se o lugar simbólico do "Nome do Pai" não existir na mãe, este será excluído na criança, conduzindo no extremo à forclusão do pai, na psicose (LACAN 1958/1998b).

Em suma, durante a fase pré-edipiana, o pai contrapõe-se à mãe, surgindo como o primeiro outro significativo fora da órbita mãe-criança, e providenciando a triangulação no psiquismo da criança. Para a construção de uma imagem paterna forte serão importantes uma presença real e investida do pai e uma valorização deste por parte da mãe. No Capítulo que se segue esta temática será aprofundada.



## CAPÍTULO II

### PAI

#### 2.1 O PAI NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

A instituição familiar ocidental sofreu profundas alterações no decorrer do século XX, durante as quais se deu uma mutação dos papéis parentais e o crescimento em número das famílias nucleares, em detrimento das tradicionais famílias alargadas. Foi agente de mudança a natural evolução da sociedade, numa época em que coexistiu a rápida industrialização dos países ocidentais, a crescente mobilidade geográfica das populações e as conquistas igualitárias da mulher.

CASTELAIN-MEUNIER (1997), na obra *La paternité*, observa que, após a Revolução francesa, adveio uma diminuição da autoridade do pai em favor do Estado. Esta tendência terá sido acentuada, mais tarde, aquando do movimento de emancipação feminina. Segundo a autora, a “autoridade parental” sucedeu ao antigo “poder paterno”, resultado do maior envolvimento do homem na vida privada, da tendência à parceria no conjugal e parental, e da libertação da mulher relativamente à instituição familiar.

Adicionalmente, a autonomia económica da mulher e a sua maior liberdade sexual, a par da evolução das tecnologias reprodutivas, originaram constelações familiares, tal como a monoparentalidade feminina, que, de certa forma, marginalizam o pai biológico.

LEBOVICI e CRÉMIEUX (1970) evocam como factores contributivos para a diminuição do papel patriarcal, as concepções educativas que denunciaram os danos do despotismo paterno e o crescente peso da adolescência na nossa cultura, que promove o desejo de permanecer jovem, criando pais que não ousam aparecer como tal. A falta de autoridade das figuras parentais manifesta-se na incapacidade de sustentar a angústia frente à reacção agressiva dos filhos ou pelo posicionamento como amigo destes, evitando as restrições da castração (PEDROZO, 2005); tal, segundo MARCELLI (2003), conduz à ausência de referências ou à necessidade de os filhos desempenharem o papel de pais dos próprios pais, com consequente extinção das diferenças geracionais.

Para lá da diminuição do poder paterno, nas sociedades ocidentais constata-se uma “pseudo-efeminização” do papel do pai devido ao crescente envolvimento no universo da gravidez e do nascimento, e pelo foco de interesse e cuidados no qual o

recém-nascido se tornou para o homem. CASTELAIN-MEUNIER (1997) considera que, em consequência, o papel paterno perdeu a sua consistência, com a imagem do pai enfraquecida em termos de valor de autoridade e de modelo de identificação.

ODY e SMADJA (1985) utilizaram o termo “pais maternais”, para caracterizar uma geração de pais comprometidos em participar activamente nos cuidados da criança, em face da divisão de tarefas do casal parental. Estes autores distinguem dois modos de ser um pai maternal que influenciam, diferentemente, a organização da triangulação e a elaboração das imagos. De um lado reside o pai que participa nos cuidados habitualmente identificados à mãe, sem que tal ponha em causa o desempenho da sua função paterna; desta forma, as qualidades masculinas do pai, que estão na base da identidade sexuada, estarão em jogo nos posteriores movimentos edipianos. De outro lado, existe o pai cuja mobilização de identificações maternas e femininas entra em conflito com a função paterna; aqui, não se trata somente de participar nos cuidados prestados, mas de ser uma mãe que exclui o terceiro, isto é, a própria função paterna.

LEBOVICI e CRÉMIEUX (1970) salientaram que, independentemente da mutação do papel do pai na família contemporânea, são numerosos os casos em que este está ausente. O pai está fisicamente ausente devido às condições de trabalho, com vastos horários laborais, que limitam o seu tempo de presença na família. Adicionalmente, há uma atitude de recusa de contacto e de procura de distrações, em pretexto do cansaço, que o torna pouco preocupado em intervir na vida educativa dos filhos. Então, a imagem paterna torna-se inconsistente, sendo apresentada uma realidade, fundada na monotonia e indiferença, onde os valores identificatórios são abafados.

DAVID (1977) considera que a carência da autoridade do pai, independentemente de ser devida à ausência ou ao excesso da sua presença, está na base de muitas das dificuldades encontradas nas crianças. Segundo este autor, a necessidade do pai faz-se sentir, mas não é o pai real que é reclamado e sim a lei de interdição do desejo que ele representa e que é necessária à construção da personalidade.

STOLOFF (2007), por sua vez, interroga-se sobre se o declínio do núcleo patriarcal, da sociedade ocidental, provoca realmente uma carência da função paterna. Este autor relativiza a importância atribuída por Freud e Lacan ao primado do falo e à angústia de castração no desenvolvimento do sujeito, e que conduz à confusão entre função paterna e androcentrismo. Este autor defende que, ao invés de uma carência da função do pai, assistimos ao declínio das formas de pensamento androcêntricas,

destinadas a perpetuar o domínio masculino, e que, tendo servido de máscara à função paterna, não a definem. A função paterna, o autor define-a como sendo a de “introduzir, graças ao recalçamento originário, o sujeito na filiação simbólica das gerações”, transformando-o num ser de cultura, indo além das determinações biológicas. Desta forma, apesar das mudanças ocorridas nas representações sociais e imaginárias do pai, a função paterna continua a desempenhar, em conjunto com a função da mãe, numa estrutura mais larga de parentalidade, um papel determinante na socialização do sujeito.

## 2.2 EVOLUÇÃO DA IMPORTÂNCIA DO PAI NA TEORIA PSICANALÍTICA

Classicamente, a passagem da relação dual inicial (pré-edipiana) à relação triangular, quando a terceira personagem entra em cena, é considerada o momento chave da influência da função paterna. Segundo FREUD (1905/1972), este momento dá-se entre os três e os cinco anos, com o complexo de Édipo, no apogeu da fase fálica do desenvolvimento, sendo que o seu declínio marca a entrada no período de latência.

O complexo de Édipo é marcado, numa fase inicial, pelo investimento no objecto materno e a identificação ao pai. Quando o desejo relativo à mãe se torna mais intenso, o pai torna-se um obstáculo à sua realização, do qual a criança se tem de livrar para tomar o lugar junto da mãe. O Édipo introduz no sujeito a ameaça de castração, e será devido a essa angústia que se opera na criança a renúncia ao incesto e ao parricídio.

Em resultado da resolução deste complexo forma-se um precipitado no Eu, o Supereu, herdeiro da instância paterna, que será tanto mais rigoroso, sob a forma de senso moral ou de um sentimento inconsciente de culpa, quanto mais forte o complexo de Édipo e quanto mais depressa tiver sucumbido ao recalçamento (FREUD, 1923/1989).

Esta perspectiva pressupõe que as relações triádicas ocorrem relativamente tarde. KLEIN (1928/1982, 1933/1958), por sua vez, veio admitir a existência de um conflito edipiano precoce, na segunda metade do primeiro ano de vida da criança, pressupondo uma organização psicológica bastante precoce.

KLEIN percebeu, no curso das suas análises, que o Supereu já estava em actividade há um certo tempo nos seus pacientes de 2 a 4 anos de idade. Este seria mais rigoroso e cruel que o da criança mais velha, e criado com elementos imaginários dos pais, ou imagos, que a criança havia incorporado em si, durante a etapa oral-sádica, em estreita relação com os primeiros impulsos edípicos. De acordo com a autora, apenas

durante a etapa genital, o Supereu começa a exercer um governo mais suave e persuasivo e a apresentar exigências possíveis de cumprir, transformando-se gradualmente em consciência moral (1928/1982, 1933/1958).

Assim, a importância da função paterna na vida emocional da criança é antecipada para a passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, da qual seria facilitadora (KLEIN, 1928/1982). No entanto, o pai adopta uma função activa apenas aquando da forma terminada do complexo de Édipo, como elaborado por Freud.

Na sequência da teoria freudiana, a relação pré-edipiana mãe-bebé havia-se tornado o principal foco de estudo, sendo crença geral que a importância do pai se limitava à triangulação edipiana. É em França, com LACAN (1958/1998a), que surge a discussão sobre a intervenção do pai na díade mãe-bebé, sob a forma de “pai simbólico” que introduz a distância na relação mãe-filho ao representar a lei e a interdição. No complexo de Édipo lacaniano, o pai deve intervir como objecto real, dando corpo à castração, mas é pelos seus efeitos no inconsciente, que realiza a proibição da mãe.

LACAN (1958/1998c) considera três tempos do Édipo: no *primeiro tempo*, a criança procura ser o objecto de desejo da mãe, o falo; no *segundo tempo*, o pai privará a mãe de seu filho-falo e a este da satisfação imaginária proporcionada por ser o falo da mãe, ou seja, o pai intervém como interditor da mãe, e a criança passa da ilusão de ser o falo para a necessidade de ter esse objecto. A saída do complexo de Édipo depende do *terceiro tempo*. O pai apresenta-se, não como sendo, mas como tendo um falo. A instância do falo é então restabelecida como objecto de desejo da mãe, e não apenas como objecto do qual o pai pode privar. Para que a criança tenha acesso à ordem da cultura e das relações, é operada uma castração, já que, ao substituir o significante “falo” pelo “Nome-do-Pai”, a criança acede à primeira simbolização, ao pensamento, à autonomia.

Durante muito tempo considerou-se que a criança apreendia a presença do pai após a primeira infância. Os estudos realizados sobre a relação mãe-bebé (e.g., SPITZ, BOWLBY, MAHLER, WINNICOTT) valorizavam essencialmente o papel da mãe na infância precoce, atribuindo ao pai uma acção indirecta, de apoio e protecção à mãe.

Considerando que o pai não deve surgir prematuramente, WINNICOTT (1951-1953/1971) aprofunda a dinâmica relacional na díade mãe-bebé, estudando a facilitação do desenvolvimento do bebé pelo cuidado materno suficientemente bom. O papel do pai seria importante no sentido em que presta apoio moral à mãe, sustenta a lei e a ordem

que esta implementa na vida da criança, e fornece a vitalidade e as qualidades positivas que o distinguem dos outros homens (1957/1982).

BOWLBY (1958/1976), autor que utilizou primeiramente o termo vinculação, referindo-se ao laço afectivo entre dois indivíduos, não alude ao papel do pai. Os posteriores estudos de AINSWORTH (1969/1976), no âmbito da teoria da vinculação, vieram mostrar que o bebé desde cedo demonstra ser capaz de estabelecer vínculos afectivos com familiares que não desempenham um papel rotineiro nos cuidados prestados ao bebé. A autora questiona, então, que a relação alimentar seja crucial na formação da ligação mãe-bebé, e encara o pai como potencial figura de vinculação.

MAHLER (1963) interessou-se pela ênfase colocada por Freud na dependência emocional da mãe ao longo da vida, como verdade universal da existência humana. Esta autora postulou que, da fase simbiótica da relação mãe-bebé, derivam os precursores do início do indivíduo que, juntamente com factores constitucionais inatos, determinam a constituição psicossomática do indivíduo. No processo de individuação, segundo a sua conceptualização, a relação simbiótica a nível da satisfação de necessidades é gradualmente transformada numa relação de objecto.

Após uma investigação sobre a génese da esquizofrenia, realizada em 1971, ABELIN hipotetizou um papel do pai numa experiência organizadora, a que chamou de “triangulação precoce”, na qual a criança de 18 meses tem de apreender e internalizar a relação entre pai e mãe. Segundo este autor, e com base na teoria de Mahler, o reconhecimento do pai pela criança começa durante a fase de “simbiose”, posteriormente ao reconhecimento da mãe. Na subfase de “exploração” o pai torna-se a figura diferente, o espaço não-mãe, enquanto esta é a base de reabastecimento. Na subfase de “reaproximação” o pai é crucial ao permitir que a criança se identifique consigo. A criança começa então a representar na sua mente uma relação entre dois objectos distintos e delimitados (pai e mãe) e, por extensão, *Self* e outro, o que constitui um pré-estádio para a triangulação propriamente dita (ABELIN, 1975).

Em 1952, no artigo *Étude des fantasmes chez l'enfant*, LEBOVICI e DIATKINE descreveram a importância do pai no processo de “edipificação”, pelo qual a criança toma progressivamente consciência de si própria e do outro. Quando o pai frustra a relação dual criança-mãe, a criança determina que é necessário afastá-lo, e desloca a agressividade sobre o pai, determinando a culpabilidade e a organização elaboradora das pulsões. A criança vai então querer identificar-se com o papel do pai na sua concepção

da cena primitiva. Este será um processo de triangulação e proibição do incesto que não se confunde com a especificidade do complexo de Édipo (cit. por LEOVICI, 1982).

No entanto, em 1970, LEOVICI e CRÉMIEUX consideram que é provável que a identificação ao pai comece mais cedo. Desta forma, tal como a relação objectal é investida pela criança mesmo antes de ser percebida, poder-se-á dizer o mesmo do pai. Antes da diferenciação objectal (quando as relações pré-objectais apenas existem quando a mãe fornece cuidados ou quando a criança os reclama), o pai poderia ser apreendido em certos dos seus aspectos primitivos, sendo mais tarde reconstruído como um objecto parcial. Isto seria favorecido pela própria evolução sociocultural, na medida em que os cuidados ao bebé já não são fornecidos exclusivamente pela mãe.

Actualmente, grande parte da literatura admite que o pai começa por desempenhar um papel essencial na fase de “separação” entre a mãe e o bebé, ao introduzir a criança à diferença e impedindo simbolicamente o prolongamento da “fusão” original.

COIMBRA de MATOS (1983/2001) também se refere uma triangulação pré-edipiana. Segundo este autor, na escolha do objecto, a criança guia-se pela qualidade do investimento, escolhendo o que lhe é mais dedicado – a mãe. Mais tarde, ao perceber que este objecto dedica o mesmo interesse a um outro (o pai ou outro filho), a criança triangula, sentindo ciúme e rivalidade. Entretanto, a criança escolhe um segundo objecto de amor, o segundo que lhe é mais dedicado: o pai, constituindo o investimento pré-edipiano do pai. Nesta altura, a criança investe nos pais situando-se numa posição angular, ou seja, investe separadamente na mãe e no pai, sem consciência da relação privilegiada entre ambos. A posição triangular, da vivência edipiana, surge somente quando a criança fantasia relações privilegiadas e secretas entre estes dois objectos, ao projectar as que fantasia entre si e cada um deles.

Segundo STOLOFF (2007), trabalhos recentes consideram que a criança, antes da fase edipiana propriamente dita, é confrontada com a diferença sexual e a diferença dos tipos masculino-feminino, e deduz que há algo lhe é escondido. A criança sente a presença de um “elemento terceiro”, não somente porque o pai separa a criança da mãe, mas porque esta se separa da criança. A criança produz então um outro elemento da cena primitiva, a representação do pai. Ao separar a criança do objecto de investimento, favorecendo um investimento indirecto, a função do pai tem um efeito metafórico, desempenhando um papel no acesso à metáfora e à simbolização (STOLOFF, 2007).

Actualmente, encontram-se várias referências na literatura à necessidade de reservar, o mais cedo possível, um lugar para a figura paterna. DOLTO (1988/1990) diz-nos que a triangulação pai-mãe-filho começa na concepção, e que o nascimento constitui-se como o fruto do encontro do desejo da mãe, do desejo do pai e do desejo de um sujeito de se encarnar num corpo. No entanto, mesmo antes da concepção da criança, o pai já está implicado, no projecto de parentalidade do casal (CAMUS, 2000/2002; CLERGET, 1979/1980).

### 2.3 FUNÇÕES DO PAI

O ser pai não chega para o indivíduo se *sentir* pai. A passagem da paternidade para a “paternalidade” exige um trabalho psíquico, em grande parte inconsciente, que se inicia antes do nascimento da criança (e se prolonga para além deste). Será este processo que permitirá que o pai “se viva emocionalmente (e não só intelectualmente) como o pai daquela criança, que sinta que aquela criança é verdadeiramente o seu filho (sentimento de pertença), e que descubra gradualmente estar pronto para assumir o lugar, os papéis e as funções de pai para com ela” (GOLSE, 2006/2007, p. 175).

Como foi referido no ponto anterior, pode-se dizer que, actualmente, são vários os autores que consideram a importância do envolvimento paterno desde o nascimento da criança (e.g. CAMUS, 2000/2002; DOLTO, 1988/1990).

Inicialmente, a função paterna começa por ter uma dimensão de suporte à díade mãe-bebé, contribuindo para a criação das condições necessárias para a aproximação entre a mãe e a criança, seja através do sustento económico da família ou do apoio emocional prestado à mãe (GOLSE, 2006/2007; LAMB, 1986/1992; ODY e SMADJA, 1985; WINNICOTT, 1957/1982). COIMBRA de MATOS (1979/2002b) refere-se ainda à função paterna de sustentáculo do narcisismo materno. Segundo este autor, para uma relação mãe-bebé positiva, é essencial que esta se sinta suficientemente satisfeita em termos amorosos, além de segura na sua qualidade de pessoa, mulher, e mãe.

A generalidade dos teóricos aceita que o pai pré-edipiano desempenha um papel primordial na “separação” entre a mãe e o bebé, introduzindo assim a diferença e promovendo a triangulação no psiquismo da criança (ABELIN, 1975; COIMBRA de MATOS, 1983/2001; LBOVICI & CRÉMIEUX, 1970; STOLOFF, 2007). Mas a faceta de portador dos interditos, seja face aos desejos incestuosos (FREUD, 1905/1972, 1923/1989) ou face ao objecto (LACAN, 1958/1998a), pertence ao pai edipiano.

Ao pôr um termo ao conflito edipiano, o pai dá uma nova dimensão ao funcionamento psíquico da criança. Perante a evolução das funções do Eu e estruturação do Supereu, derivado da interiorização das proibições e ordens do pai (FREUD, 1923/1989), e o acesso da criança ao simbólico, fruto da metáfora paterna (LACAN, 1958/1998a), a criança poderá inserir-se na sociedade.

DIAMOND (1998), tendo uma perspectiva desenvolvimentista de paternidade, considera que a influência paterna pode ainda ser estendida a todas as fases do desenvolvimento, sendo que têm um papel essencial as imagens paternas construídas em cada idade.

## 2.4 CARÊNCIA DA FUNÇÃO PATERNA

Nas primeiras teorizações sobre a importância do pai, presumia-se que eram os excessos da sua presença, a imagem do pai terrífico, que geravam as problemáticas. Posteriormente, tal como é sublinhado por LACAN (1958/1998a), encontrámo-nos na outra extremidade, a interrogarmo-nos sobre a carência do pai. Numerosos estudos têm sido realizados, investigando a relação entre a ausência paterna e temáticas como a identidade de género, o comportamento sexual, ou o desenvolvimento cognitivo.

Como vimos até aqui, é esperado que o pai cumpra a sua função psicológica e inultrapassável de promover a distância na relação mãe-filho, permitindo assim a passagem de uma relação dual a uma relação triangular, a identificação da diferença dos sexos e o reconhecimento do tabu do incesto, o acesso à simbolização, e, por conseguinte, a inserção da criança no mundo da linguagem e da cultura. As consequências das situações de carência paterna, porém, podem ser mais difíceis de definir do que aquelas assentes no seio da relação precoce mãe-bebé.

M. MEISS (1952), no artigo *The oedipal problems of a fatherless child*, apresenta a problemática edipiana de um menino de 5 anos que perdeu o pai com cerca de 3 anos. O autor relacionou os sintomas da criança com o facto de a morte do pai ter ocorrido numa altura em que a criança fantasiava sobre substituí-lo. Na medida em que a ausência deste havia tornado impossível para a criança corrigir a imagem fantasmática de um pai onisciente e zangado, a morte do pai conduziu a uma intensificação e fixação da rivalidade edipiana e angústia de castração.

Anna FREUD (1968; cit. por ODY & SMADJA, 1985) sublinhou que, quando o rival edipiano está ausente, aumenta a angústia e a culpabilidade da fase fálica no rapaz,



na medida em que a criança interpreta a ausência do pai como punição da sua agressividade. De acordo com a autora, isto atrapalhará os processos de identificação e de escolha do objecto, a sua masculinidade e desejos heterossexuais.

BURGNER (1985) estudou crianças com pai ausente devido a separação parental ou divórcio, ocorrido nos primeiros 5 anos de vida, tendo descoberto material analítico e comportamento observado que pareciam corresponder a conflitos edipianos, mas que continham elementos de fases precoces: medos primitivos de perda do objecto e um desejo de proximidade impulsionado pela ansiedade. Este autor considera que o stress familiar, antes e depois da separação parental, pode resultar no aumento das necessidades pré-edipianas da criança, as quais persistem se a capacidade da mãe para satisfazer estas necessidades da criança estiver afectada.

Como resultado da distorção da fase edipiana, BURGNER reporta nestas crianças uma formação superegóica precoce rígida (devido aos medos de retaliação mobilizados pela ansiedade da concretização da fantasia de parricídio) e identificações narcísicas e sexuais defeituosas (aos rapazes faltava um modelo masculino como objecto de identificação, concomitante com alguma confusão sobre as qualidades fálicas, castrantes da mãe; para as raparigas, as dúvidas sobre a feminilidade da mãe tornavam-na um modelo de identificação conflituoso, e a perda do pai era experimentada como uma confirmação da inadequação dos seus corpos).

MALPIQUE (1990), num estudo sociopsicológico sobre a ausência paterna, conclui que os rapazes com o pai presente exprimem uma relação mais conflituosa com este porque a imago sofre a progressiva desidealização que a presença do pai real lhe impõe. Por outro lado, se o pai está ausente há condições para se manter idealizado, o que não permite a construção de uma imago paterna que se ofereça como referência identificatória. É criado um Ideal do Eu megalómano que não pode ser corrigido por um Supereu que represente a autoridade e as interdições introjectadas do pai real. Isto pode ocasionar o enfraquecimento do Eu, que, frustrado por não corresponder a ideais fantasistas (Ideal do Eu megalómano), sucumbe a um Supereu rígido e sem maturidade adaptativa (por não ter sido modelado pela presença de uma autoridade paterna).

No entanto, a concepção do “pai simbólico” de LACAN leva-nos a considerar que a função paterna não se reduz somente às contribuições trazidas pelo pai, enquanto figura real e presente. Segundo este autor, o que institui a palavra do pai como intérprete da Lei, é o facto de a mãe o reconhecer no seu desejo, fazer caso da sua palavra para

promover a lei. Se o lugar simbólico do "Nome do Pai" não existir na mãe, este será excluído na criança, conduzindo no extremo à forclusão do Nome-do-Pai, na psicose (LACAN 1958/1998b).

Outros autores consideram que a eficiência da função do pai não está ligada à sua presença real, mas ao facto de este ser introduzido junto da criança, ao adquirir consistência no discurso da mãe. A função paterna dependerá, então, do lugar que o pai ocupa no funcionamento mental da mãe, ou seja, da representação mental paterna que esta possui, e que pode variar desde a negação até à idealização. Será pela transmissão das representações paternas à criança, através do seu discurso e conduta, que a mãe permite que o pai intervenha na díade como portador da lei, separando-a (N. JEAMMET, 1989/1990; ODY & SMADJA, 1985).

Deste modo, se a experiência diádica pré-edipiana da criança com o pai for limitada, a construção da representação paterna pode ser feita em parte por experiência indirecta: apoiando-se sobre a própria representação paterna, a mãe pode manter a função simbólica do pai através do seu discurso e comportamento (ATKINS, 1981, 1989; MARCELLI, 2003; MARTINHO, 2006; McDOUGALL, 1989), ou a criança pode desenvolver uma imagem do pai através das memórias de interações passadas, ou mesmo possuir um pai substituto sob a forma de outra figura de referência masculina (BILLER, 1970). Neste sentido, segundo CHILAND (1982) uma mãe sozinha pode suportar a dimensão paterna, se estiver confortável com a própria identidade sexual, mantiver sentimentos positivos relativamente ao pai da criança, e tiver uma vida satisfatória não focada exclusivamente na criança. Adicionalmente, as diferentes culturas dispõem, mesmo na ausência de uma figura paterna, de meios simbólicos (tais como a linguagem, as instituições ou as regras sociais) que asseguram a sua função (MALPIQUE, 1990).

Porém, segundo KRUEGER, (1983; cit. por GILL, 1991), a figura paterna introjectada pela criança de pai ausente, na medida em que não experimenta as transformações a que estaria sujeita a imagem do pai real presente, pode tornar-se um mito pessoal, distorcido, que influencia a percepção do *Self*, do modo de vida e das relações do sujeito.

Do mesmo modo que a criança de pai ausente pode construir uma representação paterna, adequada ou não, o pai pode encontrar-se fisicamente presente mas ser vivido como simbolicamente perdido, ausente ou morto no mundo interno da criança,

dependendo da forma como a mãe o investe e fala dele à criança (McDOUGALL, 1989).

KIRSHNER (1992) expõe 3 casos de pacientes do sexo masculino cuja relação parental perturbada prejudicou a inserção do pai como terceiro na triangulação. Segundo o autor, estes pacientes tiveram o pai presente na infância, no entanto experienciavam-no como ausente, não possuindo imagens ou memórias deste. É sugerida a ocorrência de um processo semelhante à clivagem do Eu, no qual a significância do pai foi renunciada, tendo sido fantasiado um papel especial com a mãe. Estes pacientes reportavam, juntamente com sentimentos de grandiosidade, a falta de um sentido de masculinidade e preocupação fóbica acerca dos perigos da violência masculina.

MATOS (1998/2005) assume que a paternidade é o continente que assegura o processo maturativo da puberdade, no sentido em que o pai surge como um “entendedor pensante” a que o adolescente pode recorrer face às transformações desenvolvimentais. Este autor aponta que, na psicopatologia do adolescente, é comum observar-se que, mesmo que o pai real esteja fisicamente presente, o pai está ausente na estrutura psíquica, como pai simbólico, enquanto guardião da proibição do incesto e da passagem ao acto agressivo. MATOS chama a atenção para o facto de que, se a dimensão identificatória e simbólica da paternidade estiver ausente durante as transformações pubertárias, surge a puberdade agida, em que o agir é usado como forma de procura identitária (1998/2005).

## CAPÍTULO III

### ADOLESCÊNCIA

#### 3.1 FUNCIONAMENTO PSICOSSEXUAL E AFECTIVO

De acordo com ARIÈS (1973/1988), até ao séc. XVIII não se fazia distinção entre adolescência e infância, mesmo em termos de vocabulário. As profundas alterações sofridas na família, nos finais do séc. XIX, foram determinantes para o surgimento do conceito de adolescência. Em meados do séc. XX, em França, a adolescência tornou-se um tema literário e uma preocupação de moralistas e políticos. Este autor refere o aumento da escolaridade, e o conseqüente atraso da entrada no mundo produtivo, como factores significativos na delimitação da adolescência como etapa de desenvolvimento.

BRACONNIER e MARCELLI (1998/2000) acrescentam outros factores explicativos do aumento da importância dada à adolescência, tais como: o início cada vez mais precoce da puberdade; o prolongamento da adolescência surge como uma evolução filogenética, ao permitir conservar por mais tempo as qualidades de adaptação e de flexibilidade que lhe são inerentes; o reforço da cultura “jovem” pelo maior número de produtos comerciais e tecnológicos dirigidos ao adolescente; a grande concentração de jovens em zonas suburbanas, que amplificam o mimetismo e a identificação recíproca; ainda o facto de a adolescência surgir como um modelo de mudança social e cultural para os mais velhos, numa sociedade em que tal é valorizado.

A adolescência é considerada uma idade de mudança, de passagem da infância para a idade adulta. Existe, então, um movimento de negação da infância e de procura dum estatuto adulto que constitui a essência da “crise” que o adolescente atravessa (MARCELLI & BRACONNIER, 1983/2004).

O início da adolescência é marcado pelas transformações fisiológicas da puberdade, ligadas à maturação sexual, pelo que, além de ser um período de desenvolvimento do psiquismo, que assegura a transição para a idade adulta, a adolescência serve também de sustentáculo psíquico às transformações pubertárias (MATOS, 1998/2005).

O estudo psicanalítico da adolescência iniciou-se com FREUD, e os seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). De um modo geral, o início do processo

de puberdade é acompanhado pelas transformações que fazem a ponte entre a vida sexual infantil e a sua forma definitiva: a descoberta do objecto sexual, a subordinação das zonas erógenas ao primado da zona genital, e o estabelecimento de um novo objectivo sexual (diferentes nos dois sexos).

Em 1936, Anna FREUD contribuiu com a publicação de dois artigos para a ainda escassa literatura sobre a adolescência. O seu interesse nesta temática derivou de uma preocupação acerca das batalhas entre o Ego e o Id, que conduzem ao desenvolvimento da personalidade, de forma a acomodar as novas formas de sexualidade, ou, na patologia, à formação de sintomas neuróticos (cit. por A. FREUD, 1958).

A. FREUD (1958) considera que a adolescência tem muito em comum com o luto e a experiência de amor não correspondido, situações nas quais a libido está envolvida na relação com um objecto real, sendo a dor mental causada pela tarefa de desinvestimento. Na adolescência, segundo a autora, é feito um desinvestimento libidinal dos pais, pelo que é inevitável o luto pelos objectos do passado, de forma a serem estabelecidas novas relações amorosas extra-familiares.

De acordo com DIAS CORDEIRO (1975/1979), o luto pelas imagos parentais corresponde a um primeiro “organizador” do período evolutivo da adolescência, necessário ao desenvolvimento, à semelhança daqueles apontados por Spitz relativamente ao bebé. Neste trabalho de luto, face à ansiedade de separação dos objectos de relação infantis, poderão ser utilizados mecanismos patológicos de defesa do Eu, que podem conduzir a um *acting-out* dissocial ou criminal, cuja evolução depende dos futuros objectos de relação.

COIMBRA de MATOS (1978/2002b) considera que, para lá da mudança de objecto amoroso, na maturação instintiva da adolescência dá-se igualmente uma mudança de objectivos. O adolescente descarta os interesses predominantemente narcísicos, característicos da infância, voltando-se para o desenvolvimento de interesses sociais. Segundo COIMBRA de MATOS, isto traduz-se num conflito intrapsíquico entre o investimento objectal e o investimento narcísico.

Numa perspectiva desenvolvimentista, o final da adolescência é definido em função da realização de determinadas tarefas que lhe são inerentes. ERIKSON (1968/1976), na formulação da sua teoria do desenvolvimento psicossocial, considerou que a tarefa inerente à adolescência consiste na aquisição da identidade, no contexto do

que definiu como uma “moratória psicossocial”, em que o indivíduo experimenta sucessivos papéis. Esta procura de identidade conduz o adolescente a rejeitar os seus pais, o que tem como função libertá-lo das identificações infantis aos pais e do seu controlo e autoridade.

De acordo com BLOS (1962, 1965), a adolescência constitui-se como um segundo processo de individuação, havendo um alargar dos laços objectais infantis, de modo a que o adolescente possa avançar para as relações objectais adultas, a par da emergência de um papel social distintivo, e de um sentido de finalidade e de pertença.

Em 1982, BLOS conceptualiza, para o rapaz adolescente, uma reactivação da vinculação precoce ao pai, estabelecida aquando da necessidade da criança em distanciar-se da mãe, e que seria deixada incompleta no final da infância. À medida que a maturação sexual, na puberdade, reanima este complexo, vai aumentando o desejo regressivo normal de suporte e supervisão por parte do pai. A luta do adolescente pela liberdade, independência e auto-determinação, constituirá um esforço para evitar o perigo da regressão (fusão e indiferenciação), e para criar distanciamento emocional com o pai precoce.

Segundo AMARAL DIAS (1988), na adolescência, o grupo reveste-se de primordial importância no processo de aquisição da identidade, na medida em que permite ao jovem “ensaiar-se nos outros e com os outros”, através das identificações projectivas. Desta forma, a diversificação intra e inter-grupal irá facilitar as mobilidades identificatórias e diminuir a idealização onipotente.

COIMBRA de MATOS (1996/2006) sublinha que a consolidação da identidade própria, na adolescência, manifesta-se na passagem da identidade xenomórfica (identificação ao modelo, ao qual procura assemelhar-se) à identidade idiomórfica (identificação por aprendizagem directa, pela interiorização das formas visíveis e comportamentos observados).

COIMBRA de MATOS (2002/2003) considera que o adolescente tem de lidar com quatro problemas: *adaptar-se e usufruir do corpo erótico*, que terá um desenvolvimento adaptativo se predomina o fascínio e o desejo de experimentar e desfrutar, ou será desviante se prevalecer o medo, a vergonha, a repulsa e a culpa; *passar do domínio do amor pelos pais para o amor pelo par sexual*, advindo uma nova corrente libidinal que se sobrepõe à primeira; realizar o *trabalho de construção identitária*, em que o grupo desempenha um papel de relevo, pelo domínio de

processos de identificação por complementaridade, em que o indivíduo procura ser o complemento adequado do objecto eleito; por último, está o *problema da morte*, de lidar com a angústia existencial, que deve ser ultrapassada pelo acesso à imortalidade simbólica.

BRACONNIER e MARCELLI (1998/2000) distinguiram diferentes fases da adolescência: na *instalação da adolescência* dão-se transformações corporais e um aumento quantitativo da força instintiva e pulsional; na *primeira adolescência propriamente dita* há a procura do amigo idealizado, que vem eventualmente fazer concorrência aos pais; na *adolescência estabelecida* surge o primeiro amor e a procura de uma relação sexual; no *fim da adolescência* consolida-se a representação de si próprio enquanto sujeito; finalmente, na *pós-adolescência*, com o seu carácter, as suas orientações e ideais, o adolescente dá a entrada no mundo dos adultos.

Posto isto, na adolescência, a ausência do pai não pode deixar de ter consequências a nível psicológico, altura em que se colocam as problemáticas do luto das imagos parentais e da mudança de objecto (A. FREUD, 1958; COIMBRA de MATOS, 1979/2002a). MARCELLI e BRACONNIER (1983/2004), considerando a importância do pai na formação da identidade, chamam a atenção para o facto de a sua ausência, para o rapaz adolescente, constituir um factor de risco para qualquer forma de desvio.

### 3.2 PSICOPATOLOGIA DA ADOLESCÊNCIA: COMPORTAMENTOS DE RISCO

Durante a fase de adolescência, é certo que os jovens tendem a agir mais do que pensam. Segundo MATOS (1996/2005), porque neste período o jovem tende a aprender pela experiência, em função da sua dificuldade em imaginar, prever e antecipar, a adolescência constitui-se como uma altura da vida em que aumenta a exposição a diversos perigos, tais como delinquência, toxicodependência e outros comportamentos de risco (MATOS, 1996/2005).

BRACONNIER e MARCELLI (1998/2000) consideram que a própria reorganização da ligação com os pais, com as concomitantes necessidades de separação e de conquista de autonomia, conduzem o adolescente a uma procura de limites que pode levar a transgressões sem um significado patológico.

É importante distinguir que o acto pode ocupar o lugar do pensamento, quando o agir toma o papel de evitar o confronto com a reflexão e a elaboração mental, ou pode

constituir uma descarga pura dos impulsos, de cariz mais patológico, a que se dá o nome de “passagem ao acto” ou “*acting out*”. O *acting out* designa então acções de carácter impulsivo, que estão em ruptura com os habituais sistemas de motivação do indivíduo, e que tendem a tomar formas auto ou hetero-agressivas (BRACONNIER & MARCELLI, 1998/2000; MARCELLI & BRACONNIER, 1983/2004). Constitui-se como uma forma de externalização do conflito psíquico, utilizando a motricidade ou equivalente, e que se distancia da resolução do mesmo (MATOS, 2001/2005).

Segundo BLOS (1979/2003), o *acting out* na adolescência é uma forma particular de comunicação altamente organizada, expressa por via do sistema de acção, no adolescente que perdeu parcialmente o sistema simbólico de linguagem e pensamento como instrumento de expressão de ideias e sentimentos.

ANASTASOPOULOS (1988) considera que o *acting out* deriva de um distúrbio ou de uma regressão na capacidade de formação de símbolos, consistindo num elemento comum durante a adolescência, e específico desta fase de desenvolvimento, e que, em casos extremos, pode conduzir a distúrbios emocionais.

Então, na adolescência, face às reorganizações da identidade inerentes ao crescimento fisiológico e à maturação do Eu, o jovem pode ser impelido a utilizar mecanismos de defesa da ordem do agir, em que o comportamento surge como sintoma de uma insuficiência na capacidade de pensar e prever (MATOS, 1996/2005). No entanto, o agir não se manifesta somente nas crises da adolescência, mas também na psicopatologia do adolescente, nomeadamente nas perturbações do comportamento, nos quais se inserem os comportamentos de fuga da escola ou de casa; a toxicomania, a conduta suicidária; o comportamento delinquente; a auto-agressividade com auto mutilação impulsiva; as perturbações do comportamento alimentar; e as perturbações das condutas sexuais (CONSTANT, 2000/2004; FLEMING, 1992/2005; MARCELLI & BRACONNIER, 1983/2004).

Desta forma, os comportamentos de risco na adolescência, segundo MATOS (1996), serão formas de comportamento agido, devido a uma insuficiência dos processos de representação. O conflito é deslocado sobre a realidade externa, de modo a libertar a agressividade que ameaça o equilíbrio psíquico, originando a heterogeneidade de sintomas que os constituem.



## CAPÍTULO IV

### COMPORTAMENTOS DELINQUENTES

#### 4.1 DELINQUÊNCIA JUVENIL

Juridicamente, fala-se em delinquência quando se está perante uma diversidade de infracções que são legalmente sancionadas. Se estas infracções são cometidas por menores, está-se perante delinquência juvenil. Esta é uma subcategoria das condutas desviantes, observada, sobretudo, durante a adolescência (SELOSSE, 1991/2001).

O conceito de delinquência é controverso pois, não só os comportamentos delinquentes podem assumir diferentes formas, dependendo da origem social, da idade e do sexo dos infractores (SELOSSE, 1991/2001), como a própria rotulagem de alguém como delinquente depende da época e do contexto sociocultural a que se encontra associada (CARVALHO, 2005). DIAS CORDEIRO (1975/1979, p.65) definiu sucintamente o conceito de delinquência como um “modo de inadaptação a uma dada sociedade, durante uma dada época”.

A delinquência tem sido considerada como uma perturbação da personalidade, marcada por uma organização interna específica (e.g. BLOS, 1957; MUCCHIELLI, 1979). No entanto, há que ter em consideração que a transgressão das regras socialmente instituídas nem sempre significa uma alteração psíquica (COIMBRA de MATOS, 1978/2002a), podendo variar entre um simples apelo, de carácter transitivo e reactivo, e a expressão dos conflitos de uma perturbação psicopatológica (SELOSSE, 1991/2001). Neste sentido, BERNABEU (1958) considera que a delinquência não deve ser considerada uma doença ou síndrome *per se*, mas sim um sintoma.

A investigação indica que as primeiras manifestações de delinquência tendem a surgir antes da puberdade (BOWLBY, 1944; MUCCHIELLI, 1979). De acordo com FRIEDLANDER (1950/1961), os primeiros sinais de conduta anti-social surgem por volta do 7-9 anos, tomando a forma de pequenos delitos.

Segundo uma investigação realizada por CARVALHO (2003), mais de metade dos jovens delinquentes institucionalizados em Portugal foi alvo de uma primeira intervenção tutelar entre os 9 e os 13 anos. A maioria dos delinquentes juvenis institucionalizados é do sexo masculino (81,9%), com uma maior incidência na faixa etária dos 14-15 anos, sendo que a primeira institucionalização ocorreu com maior

incidência entre os 12-13 anos. Já as raparigas delinquentes tendem a situar-se nos escalões mais velhos (16-17 anos), com a primeira institucionalização aos 14-15 anos. CARVALHO (2003) formula uma hipótese explicativa, sugerindo que se intervém mais precocemente junto de rapazes, enquanto que as raparigas são alvo de intervenção apenas quando aos seus actos está associada uma maior gravidade ou violência.

A mesma investigação mostra que a qualidade das relações familiares destes jovens é acentuadamente negativa, sendo frequente a ausência de contacto com um dos progenitores (sobretudo o pai). Há uma ausência constante de dados de caracterização da figura paterna, decorrente da sua ausência do agregado familiar e do processo educativo do jovem. O grupo de pares adquire uma visibilidade preponderante nesta população, mais ainda quando se encontra um vazio (físico ou emocional) no lugar da família (CARVALHO, 2003).

Na referida investigação, CARVALHO observa ainda que, nos adolescentes institucionalizados em Portugal, as raparigas apresentam maior número de comportamentos directamente exercidos contra a integridade pessoal, tendendo a agir individualmente, enquanto os rapazes apresentam mais actos ilícitos contra o património e tráfico de droga, com actuação em pequeno grupo.

Segundo BLOS (1957), a delinquência masculina e feminina é essencialmente diferente: enquanto a delinquência masculina tende a manifestar-se numa luta agressiva com o mundo e as suas figuras de autoridade, a delinquência feminina tende a tomar a forma de *acting out* sexual. POROT (1969) sugere um esquema simplista para a delinquência juvenil: “os rapazes roubam, as raparigas prostituem-se, ambos vagabundeiam”.

Estudos epidemiológicos, efectuados com amostras representativas de adolescentes inseridos socialmente, mostram uma certa normatividade dos comportamentos delinquentes na adolescência, pois cerca de metade dos jovens entre os 13 e os 18 anos admitem o roubo e algum tipo de destruição de propriedade (BIRD, 2001), e a frequência destes comportamentos tende a diminuir com o aumento da idade (entre os 12 e os 16 anos) (MARCELLI, 2003).

#### 4.2 GÉNESE DA DELINQUÊNCIA: DIFERENTES TEORIZAÇÕES

KLEIN (1927/1982, 1934/1982) postulou que a principal característica dos indivíduos que manifestam tendências criminais e anti-sociais consiste na severidade do

Supereu, que seria cruel e primitivo, fixado num estágio muito precoce. O mecanismo psicológico que estaria na base das tendências anti-sociais seria um círculo vicioso estabelecido durante a fase sádica: a angústia da criança leva-a a destruir os objectos cruéis, internos ou externos, multiplicando contra eles os seus ataques imaginários; isto provoca um aumento da angústia, que a criança projecta novamente nos objectos. Seriam então a angústia e o sentimento de culpabilidade que conduziriam o criminoso a cometer os seus delitos.

Outros autores vieram explicar a génese da delinquência como uma má formação do Supereu. FRIEDLANDER (1950/1961) considera que o que conduz um indivíduo a concretizar activamente, em prejuízo próprio e da sociedade, pensamentos e impulsos anti-sociais, são factores ligados a uma formação defeituosa do Supereu e à carência precoce. De acordo com RUBEN (1957), quando o Supereu é invulgarmente severo perde o seu carácter de regulador das exigências instintivas, observando-se na criança uma disposição agressiva, a qual advém de uma luta entre um Supereu rígido e instável e os impulsos do Id. Apesar de rígido, este Supereu mal integrado vai demonstrar pouca capacidade reguladora quando as necessidades instintivas são maiores, manifestando-se em comportamentos delinquentes.

Em 1944, BOWLBY colocou o foco na relação precoce mãe-bebé ao considerar como potenciais causas da delinquência a separação prolongada da mãe, a coexistência de aparente amor e de não admitida rejeição materna, e traumas emocionais na primeira década de vida.

Na sequência do reconhecimento de uma relação entre comportamentos delinquentes e privação emocional, WINNICOTT (1946/1997; 1956/1997) introduziu o conceito de tendência anti-social. Na génese da tendência anti-social estaria a privação de uma boa experiência da criança, num estágio de desenvolvimento em que esta já tem capacidade para perceber que a causa da perda reside numa falha ambiental. A privação dá-se durante um período de tempo maior do aquele em que a criança mantém viva a memória da experiência.

Para este autor, existem duas vertentes na tendência anti-social: o roubo e a destrutividade. Na primeira, a criança está à procura de algo que, falhando em encontrar, esperançosa, procura noutro lugar (procura do objecto). Na segunda vertente, a criança procura uma estabilidade ambiental que agente o estrago resultante do comportamento impulsivo. Na delinquência juvenil, a justiça muitas vezes entra neste

espaço, tornando-se, para o adolescente, no limite que a família tem dificuldade em exercer. Deste modo, além de haver uma procura da boa mãe, há também a procura da autoridade paterna, que irá limitar o comportamento impulsivo e proteger a mãe dos seus ataques, feitos no exercício do amor primitivo (WINNICOTT, 1946/1997; 1956/1997).

Seguindo uma linha de investigação diferente, em 1947, T. PARSONS (cit. por SIEGMAN, 1966) sugere que o comportamento anti-social no rapaz se relaciona com dificuldades na identificação precoce ao pai. Segundo este autor, sendo a mãe a fonte primária de identificação, só mais tarde o rapaz se apercebe da expectativa cultural de que se comporte de forma masculina. Como resultado, ao procurarem rejeitar a identificação feminina, estes meninos apresentam frequentemente um comportamento exageradamente masculino; se, a par disto, a feminilidade é identificada com “bondade”, o jovem rapaz pode apresentar comportamento anti-social, como afirmação simbólica da sua masculinidade.

No mesmo sentido, W. B. MILLER (1958; cit. por BILLER, 1970) postulou que a delinquência poderia resultar de uma super-compensação masculina, particularmente entre meninos de pai ausente. Segundo as suas observações, as crianças do sexo masculino, inseridas em famílias de classe baixa com base feminina, num esforço para provar a sua masculinidade, envolvem-se mais frequentemente em actos anti-sociais do que os meninos com o pai presente. Segundo tais teorias de “protesto masculino” do comportamento anti-social, todos os factores que conduzam a uma forte identificação com a mãe, e a uma falha na identificação precoce com o pai, tendem a produzir comportamento anti-social.

BLOS (1957) não se opõe à posição de que um abandono, real ou afectivo, seja um elemento influente na génese da delinquência, ao conduzir a uma forma de depressão infantil. No entanto, este autor considera que esses mesmos elementos depressivos podem ser encontrados em quaisquer tipos de distúrbios emocionais infantis. Segundo BLOS, será a prontidão (ou mesmo antecipação) na gratificação parental das necessidades instintivas da criança o que conduz a defeitos no Eu que se manifestam pelo impulso para agir, no sentido da descarga imediata da tensão. Face à falha do Eu na sua função mediadora com a realidade, a principal característica do delinquente seria então uma incapacidade de internalização do conflito, sendo as tensões internas vividas sob a forma de conflito com o mundo externo.

ANDRY (1957, 1960) questionou a ênfase do papel das mães nas principais teorizações sobre a gênese da delinquência. As investigações conduzidas por este autor salientavam uma relação mais satisfatória entre delinquentes e suas mães, do que a relação dos mesmos com os pais. Os resultados conduziram-no à conclusão de que seria o desajustamento no papel dos pais, mais do que das mães, o que diferenciava jovens delinquentes de não delinquentes. Este autor propôs substituir o conceito de “privação materna”, de BOWLBY, pelo de “relações mãe-criança e pai-criança faltosas”, para uso nas descrições etiológicas no campo da delinquência.

MUCCHIELLI (1979), mesmo apoiando a perspectiva de que na etiologia da delinquência se destacam as carências maternas precoces, aponta três situações distintas em que a posição da figura paterna no meio familiar pode implicar um reforço do Eu e do egocentrismo da criança, ao mesmo tempo que um enfraquecimento do seu sistema de valores. São elas: (1) a dissociação pai-mãe, quando esta, voluntariamente ou não, diminui e desqualifica a autoridade do pai ou as suas exigências em relação à criança; (2) a ausência do pai, não existindo uma figura de substituição suficiente, diferente da mãe (seja por morte, ausência propriamente dita, ou aparecimentos fugazes de um pai ausente); e (3) a carência paterna, devido a um pai que não desempenha o seu papel, não existindo como autoridade simultaneamente exigente e protectora (seja por excessiva autoridade que, impedindo a relação, impele a criança para a mãe; por indiferença ou negligência; ou por superprotecção e indulgência, ausência de exigências e satisfação total dos desejos da criança) (MUCCHIELLI, 1979).

M. BERZANSKY (1981), no livro *Adolescent Development*, faz um paralelo entre o tipo de delinquência (social, neurótica ou psicopática) e os modelos educativos adoptados pelos pais do adolescente. Assim, o delinquente social seria aquele cuja família apresenta maior estabilidade, sendo caracterizada por um pai dominante e uma mãe submissa; este indivíduo sente-se rejeitado e incapaz de cumprir as expectativas do pai. A família do delinquente neurótico, conflituosa e em desarmonia, caracteriza-se pelo domínio materno e ineficácia paterna; o adolescente sente culpabilidade, insegurança e hostilidade. Por fim, o meio familiar do delinquente psicopático é descrito como sendo dominado por um pai rejeitante e repressivo, que reforça a expressão da agressividade fora de casa; o filho é descrito como auto-centrado, imoral e oportunista (cit. por FLEMING, 1992/2005).

Em Portugal, COIMBRA de MATOS (1978/2002a) compreende a delinquência em termos objectais, considerando que o seu traço mais característico é a inconstância da relação de objecto, não existindo no indivíduo delinquente um objecto interno suficientemente estável. O facto de não ter sido interiorizado um bom objecto conduz no indivíduo a um sentimento de depressão inconsciente, que é compensado por comportamentos instáveis e de fuga para a frente. Uma segunda característica, frequente nos indivíduos delinquentes, seria a intolerância à frustração e a incapacidade de suportar a ansiedade. Isto sucede porque o delinquente não consegue elaborar mentalmente a frustração que lhe é imposta pela realidade, consumindo a energia pulsional no agir.

Em 1986, COIMBRA de MATOS (1986/2002) faz uma distinção entre delinquência neurótica e *borderline*. Nesta perspectiva, o delinquente neurótico tem um comportamento controlado e inibido, que obedece às prescrições de um Supereu rígido e severo. No entanto, periodicamente tem passagens ao acto agressivas, de forma a aliviar o estado de tensão e mal-estar derivado das frustrações que impõe a si mesmo. A origem desta forma de delinquência será um meio familiar que não respeita a individualidade do sujeito, e que lhe impõe a tolerância à frustração e à contrariedade.

O delinquente *borderline* teve, na sua história de vida precoce, distorções relacionais prestadas por objectos abandonantes, frustrantes, resultando numa deficiência narcísica primária e num Supereu lacunar. O *Self* está clivado numa imagem que é grandiosa e noutra diminuta e defeituosa (geralmente recalcada), sendo que esta clivagem é projectada de forma inversa no objecto, com o qual mantém uma relação dual alternante (amor-ódio). A relação de objecto é funcional, ao nível da satisfação das necessidades; e a relação triangular, quando esboçada, não representa um verdadeiro Édipo, mas uma edipificação, com uma vivência de estar cheio de ódio pelo rival (COIMBRA de MATOS, 1986/2002).

AMARAL DIAS e NUNES VICENTE (1984) consideram que os comportamentos de risco na adolescência, nomeadamente o comportamento delinquente, surgem como uma forma do indivíduo negar uma vivência depressiva e esconder a ansiedade. Segundo estes autores, uma perda (real ou fantasiada) do objecto, que teria como consequência um defeito no Supereu, por uma impossibilidade de introjecção das imagos parentais, conduziria à passagem ao acto. A impossibilidade de reajustamento do Eu delinquente, perante o luto não elaborado, levaria ao *acting out*

como forma do aparelho psíquico se libertar da angústia depressiva não integrada. AMARAL DIAS e NUNES VICENTE referem ainda terem encontrado, num estudo com delinquentes juvenis, uma grande inconsistência da figura paterna.

Na linha de BION (1962/1966), segundo o qual a capacidade de pensar (ou “função alfa”) resulta da capacidade da mãe de ser receptora das projecções do bebé, podemos ver na génese da delinquência uma perturbação na relação precoce que não permitiu que a criança desenvolvesse o aparelho de pensar os pensamentos. Segundo MATOS (1996/2005), não havendo a capacidade de reflectir o pensamento, como forma de alívio do sofrimento psíquico, o indivíduo vai projectar no exterior a sua ansiedade ou dor depressiva, e utilizar o agir como forma de ataque à realidade externa. Desta forma, na delinquência, os actos não são mais do que “esboços de pensamentos não pensados à procura de um intérprete” (MATOS, 1996/2005, p. 64).

#### 4.3 INVESTIGAÇÃO SOBRE A RELAÇÃO DELINQUÊNCIA/CARÊNCIA PATERNA

Têm sido realizados numerosos estudos que ligam a ausência do pai ao desenvolvimento problemático. A maioria destes estudos refere-se à inexistência de interacção pai-criança. Segundo MALPIQUE (1990), os quadros psicopatológicos mais frequentemente descritos, no âmbito dessa área de investigação, são a depressão, o insucesso escolar e a delinquência na adolescência.

Relativamente à delinquência juvenil, vários estudos têm procurado investigar a relação com a ausência do pai (e.g. MOSHER, 1969; PASCHALL, RINGWALT, & FLEWELLING, 2003; RODNEY & MUPIER, 1999).

Na obra *Unraveling juvenile delinquency*, de 1950, GLUECK e GLUECK descrevem os resultados obtidos no estudo longitudinal levado a cabo com uma amostra de 1000 jovens adolescentes. Estes autores reportam que mais de 2/5 dos rapazes adolescentes delinquentes da sua amostra tinham pais ausentes, enquanto a ausência do pai só surgia em menos de 1/4 do grupo equiparado não delinquente. Também GREGORY (1965), num estudo realizado com uma amostra de adolescentes a frequentar o ensino secundário, encontrou uma forte associação entre a ausência do pai e o comportamento delinquente (estudos citados por BILLER, 1970).

SIEGMAN (1966) comparou a frequência relativa de actividades anti-sociais num grupo de indivíduos do sexo masculino, estudantes do primeiro ano da universidade, cujos pais estiveram fora nos serviços armados durante a infância precoce,

com a de indivíduos cujos pais não estiveram ausentes. Os resultados mostraram que o grupo de indivíduos de pai ausente demonstrava maior frequência de comportamentos anti-sociais do que o grupo de pai presente, o que é consistente com a hipótese de que a ausência paterna está associada com comportamento anti-social.

ADAMS et al., no livro *Fatherless Children*, (1984; cit. por LEWIS, 1991), reporta uma relação entre os efeitos da ausência paterna e os comportamentos delinquentes, principalmente em rapazes brancos de classe média.

TRINDADE (1998) investigou o impacto da ausência do pai (casos em que não existe pai ou quando este desapareceu por um período superior a 6 meses) na delinquência juvenil severa, tendo observado que a ausência e a privação do pai tiveram um peso maior do que a ausência e a privação da mãe.

Não obstante os estudos que encontram uma relação entre a ausência física do pai e os comportamentos anti-sociais, a investigação também mostra que, aquando da ausência deste, existem outros factores a ter em conta, tal como a existência de uma figura de substituição masculina com a qual os jovens formem uma relação próxima (e.g. GLUECK & GLUECK, 1950; NELSON & VALLIANT, 1993).

Adicionalmente, no que respeita à investigação da carência paterna, outras variáveis devem ser tidas em consideração, podendo ter efeitos tão penetrantes quanto a própria ausência, tais como: altura, tipo, duração e causa da ausência do pai; reacção da mãe à ausência; qualidade da interacção mãe-criança; qualidade da relação estabelecida e internalizada com o pai (BILLER, 1970; KLEBANOW, 1976; ODY & SMADJA, 1985).

Embora vários estudos enfatizem o papel da ausência paterna na génese da delinquência, outras investigações demonstram que a qualidade da relação pai-filho produz um impacto maior na criança do que a presença ou ausência paterna (e.g. KING, 1994). Neste sentido, JOHNSON (1987; cit. por TREMBLAY et al., 2004) observou que quanto mais fraca a percepção de amor por parte do pai, maior o nível de delinquência. Este autor conclui que, para os rapazes, a ligação ao pai é mais significativa para predeterminar a delinquência do que a ligação com a mãe. Há ainda que realçar a investigação que mostra que delinquentes juvenis de pai presente parecem ter relações muito pobres com os seus pais (e.g., ANDRY, 1965; BACH & BREMER, 1947; cit. por BILLER, 1970).



Considerando a noção de pai simbólico, e tendo em conta as investigações, acima citadas, que sublinham a primazia da “qualidade” da relação sobre a “continuidade” da relação como factor de risco da delinquência juvenil, defendemos então a necessidade de investigar a relação entre carência paterna e comportamento delinquente num outro plano que não o da desagregação familiar.

#### OBJECTIVOS E HIPÓTESES DE TRABALHO

Na realização da presente investigação, partimos do seguinte *problema de investigação*: qual a influência da função paterna na manifestação de comportamentos delinquentes na adolescência?

No seguimento das conceptualizações teóricas até aqui expostas, parte-se do *pressuposto* de que uma carência do pai, devido a uma função paterna deficitariamente cumprida, é um factor de risco para o comportamento agido, nomeadamente, o comportamento delinquente na adolescência.

De acordo com esta premissa, no nosso estudo, a *variável dependente* consiste na existência de comportamentos delinquentes, enquanto a *variável independente* consiste na função paterna.

Face à abrangência do conceito de função paterna, e à necessidade de que este conceito fosse traduzido empiricamente o mais fielmente possível, escolhemos operacionalizar a variável independente em termos da qualidade da ligação do adolescente com a figura paterna e o carácter da sua representação paterna consciente. Para esta operacionalização, aceitámos o pressuposto de que a percepção que o adolescente tem das atitudes parentais é um bom indicador do seu ajustamento, comparativamente ao estudo objectivo do comportamento dos pais (para uma revisão de literatura ver SCHAEFER, 1965).

Neste sentido, foram formuladas as seguintes hipóteses:

- Uma percepção de baixo “cuidado”, relativamente à relação com o pai, relaciona-se com uma maior frequência de comportamentos delinquentes.
- Uma representação paterna aparentemente negativa relaciona-se com uma maior frequência de comportamentos delinquentes.

Para caracterizar os indivíduos a nível da existência de comportamentos delinquentes, utilizaremos uma escala do tipo *self-report*, no qual o adolescente revela a frequência de determinados comportamentos durante o último ano.

O instrumento de medida a que se recorreu para formular a primeira hipótese foi o *Parental Bonding Instrument* (PBI), construído por PARKER, TUPLING, e BROWN (1979) de forma a avaliar a qualidade da relação do adolescente com a figura paterna, através da percepção de duas dimensões (cuidado e controlo). Os resultados deste instrumento são expressos segundo modelos educativos: parentalidade óptima, parentalidade negligente, controlo com afecto, e controlo sem afecto. Este instrumento tem sido amplamente utilizado na investigação em psicologia, particularmente no estudo das representações parentais em diversos grupos clínicos (e.g. HELGELAND & TOGERSEN, 1997; LIZARDI & KLEIN, 2005; TORRESANI, FAVARETTO, & ZIMMERMANN, 2000).

Relativamente ao teste da segunda hipótese, foi utilizada uma pergunta de resposta aberta: *‘Quando pensas no teu pai, o que é que te ocorre?’*, de forma a aceder à “representação consciente da figura paterna, organizada através de palavras”, tal como havia sido feito anteriormente por NODIN e LEAL (2005).

Porque se considerou ser funcional proceder à recolha da amostra em instituições de ensino, na realização do presente estudo empírico utilizaremos uma amostra de jovens adolescentes, inseridos a nível social e familiar, que frequentem o 3º ciclo de escolaridade (7º, 8º e 9º anos).

Em face das investigações que apontam para um número significativamente maior de delinquentes juvenis do sexo masculino, comparativamente com delinquentes juvenis do sexo feminino (e.g. CÓIAS, 1995; CARVALHO, 2003), na actual investigação só serão considerados adolescentes do sexo masculino.

Na Parte II da presente dissertação, que consiste no enquadramento empírico da investigação, constará uma caracterização mais aprofundada da amostra recolhida e dos instrumentos utilizados.

## **PARTE II**

### **ENQUADRAMENTO EMPÍRICO**

## CAPÍTULO V

### METODOLOGIA

#### 5.1 SELECÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra seleccionada para o nosso estudo é constituída por 94 indivíduos do sexo masculino. Os participantes são estudantes do ensino básico, integrados em 12 turmas do 7º ao 9º ano de escolaridade, de 2 estabelecimentos de ensino da área da Grande Lisboa.

A caracterização que se segue foi efectuada com base no cálculo da estatística descritiva das variáveis medidas pelo questionário sócio-demográfico. No Anexo A encontram-se as tabelas de frequências, obtidas através do programa estatístico SPSS.

A Figura 1 ilustra a distribuição do *ano de escolaridade* na amostra em estudo. Através da análise da figura, é possível verificar que a maior percentagem de indivíduos da nossa amostra se enquadra no 7º ano de escolaridade (59,6 %), seguida do 8º ano (22,3 %), sendo que a menor percentagem de indivíduos frequenta o 9º ano de escolaridade (18,1 %).

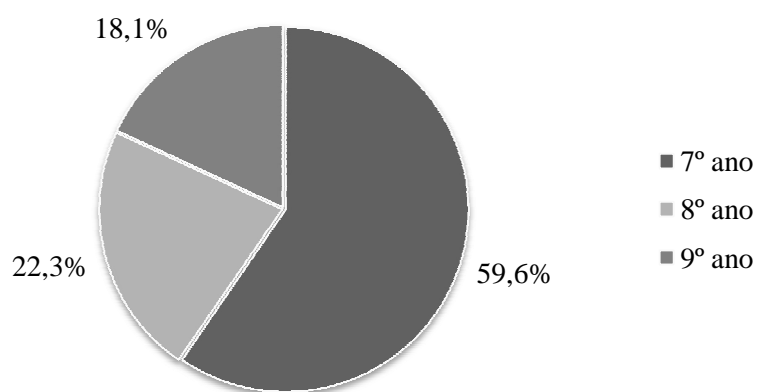


Figura 1 - Ano de escolaridade dos indivíduos da amostra

No que diz respeito à variável *idade*, verificámos que a faixa etária da amostra se situa entre os 11 e os 18 anos, correspondendo a média de idades a 13,4. Analisando a distribuição desta variável (ver Tabela 1, na página seguinte), verificamos que a maior

percentagem de indivíduos da amostra se situa nos 12 anos (31,9 %), seguida dos 13 anos de idade (24,5 %). A menor percentagem de indivíduos encontra-se nos 11 anos de idade (3,2 %), e na faixa entre os 16 e os 18 anos de idade (9,7 %).

Tabela 1 - Idade dos indivíduos da amostra

	N	%
11	3	3,2
12	30	31,9
13	23	24,5
14	17	18,1
15	12	12,8
16	4	4,3
17	4	4,3
18	1	1,1
<b>Total</b>	<b>94</b>	<b>100</b>

Relativamente à distribuição da variável *ocupação*, verificámos que a grande maioria dos indivíduos da nossa amostra apenas estuda (98,9 %), sendo que apenas um indivíduo reportou ser trabalhador-estudante (1,1 %).

No que diz respeito à distribuição da variável *coabitação*, representada na Tabela 2, os dados permitem-nos afirmar que a maior percentagem de indivíduos da nossa amostra vive em famílias biparentais e com fratria (42,6 %), seguidos dos indivíduos em famílias monoparentais e com fratria (20,2 %). A menor percentagem observada na nossa amostra é constituída por indivíduos que vivem com ambos os pais e a família alargada (8,7 %), e por indivíduos que vivem unicamente com outros familiares que não os pais (3,2 %).

Tabela 2 - Coabitação dos indivíduos da amostra

	N	%
Família monoparental	8	8,5
Família monoparental e fratria	19	20,2
Família monoparental (c/s fratria) e outros familiares	3	3,3
Família biparental	16	17,1
Família biparental e fratria	40	42,6
Família biparental (c/s fratria) e outros familiares	5	5,4
Outros familiares (c/s fratria)	3	3,2
<b>Total</b>	<b>94</b>	<b>100</b>

No que concerne à variável *ausência do pai*, observamos que esta é aplicável a 36 indivíduos da nossa amostra (correspondendo a 38,3 % da amostra total). A Figura 2 ilustra a distribuição dos indivíduos com pai biológico ausente, segundo os motivos reportados para a ausência paterna.

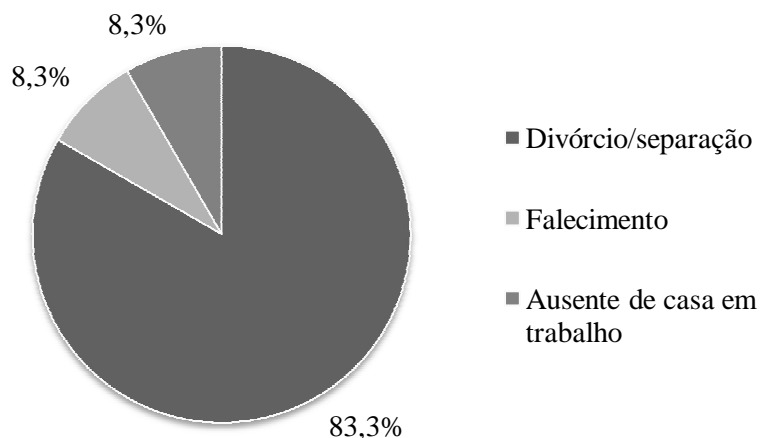


Figura 2 - Ausência paterna nos indivíduos da amostra

Através da análise da Figura 2, observamos que a maior percentagem de indivíduos com pai ausente corresponde a divórcio ou separação dos progenitores (83,3 %), sendo equivalente a percentagem de indivíduos com pai ausente por falecimento ou por motivos de trabalho (8,3 %).

No que concerne às variáveis *profissão da mãe* e *profissão do pai*, optámos por distribuir as profissões de acordo com os critérios definidos pela Classificação Nacional das Profissões (Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2001). As Tabelas 3 e 4, na página seguinte, representam a distribuição das respectivas variáveis.

De acordo com os dados da Tabela 3, referente à profissão do pai, verificamos que a maior percentagem dos pais dos indivíduos da nossa amostra corresponde a trabalhadores que se situam na categoria de Operários, Artífices e Trabalhadores Similares (28,7 %), seguidos dos que se inserem na categoria de Pessoal dos Serviços e Vendedores (10,6 %). Observamos ainda que a menor percentagem de pais corresponde a trabalhadores que se situam na categoria de Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas (1,1 %).

Tabela 3 - Profissão dos pais dos indivíduos da amostra

	N	%
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	5	5,3
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	4	4,3
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	4	4,3
Pessoal Administrativo e Similares	4	4,3
Pessoal dos Serviços e Vendedores	10	10,6
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	1	1,1
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	27	28,7
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	7	7,4
Trabalhadores não Qualificados	7	7,4
Desempregados(as)/Domésticos(as)	2	2,1
Não responde/Não aplicável	23	24,5
<b>Total</b>	<b>94</b>	<b>100</b>

No que diz respeito à distribuição das profissões das mães, na Tabela 4, a maior percentagem inclui-se nas categorias de Pessoal dos Serviços e Vendedores (25,5 %), e de Trabalhadores não Qualificados (21,3 %). A menor percentagem pertence à categoria de Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem (1,1 %).

Tabela 4 - Profissão das mães dos indivíduos da amostra

	N	%
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	5	5,3
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	3	3,2
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	5	5,3
Pessoal Administrativo e Similares	6	6,4
Pessoal dos Serviços e Vendedores	24	25,5
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	4	4,3
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	1	1,1
Trabalhadores não Qualificados	20	21,3
Desempregados(as)/Domésticos(as)	17	18,1
Não responde/Não aplicável	9	9,6
<b>Total</b>	<b>94</b>	<b>100</b>

## 5.2 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

De forma a obter a autorização para a recolha dos dados foi necessário proceder à entrega, nos Conselhos Executivos de diferentes escolas de ensino básico em Lisboa, de um pedido de autorização por escrito (ver Anexo B), juntamente com um projecto da investigação (ver Anexo C), de forma a dar a conhecer o tipo de trabalho a ser realizado e o método de investigação utilizado.

Após conseguidas as devidas permissões, em duas das escolas por nós abordadas, a recolha de dados realizou-se durante os meses de Outubro e Novembro de 2008. No Anexo D encontra-se uma cópia do formulário entregue para preenchimentos aos alunos que acederam a participar na investigação, constituído pelo questionário de recolha de dados sócio-demográficos e pelos instrumentos de medida.

### 5.2.1 QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Com o intuito de proceder à caracterização da amostra recolhida, foi elaborado um questionário sócio-demográfico. O conjunto de questões colocadas diz respeito a uma selecção de variáveis atributo, nomeadamente: a idade do indivíduo, o ano de escolaridade frequentado, a ocupação, a coabitação, a caracterização da ausência paterna, e a profissão dos pais (ou outros encarregados de educação).

### 5.2.2 ESCALA DE COMPORTAMENTOS DELINQUENTES

No presente estudo foi administrado aos indivíduos da amostra, um inventário de 30 itens referentes a comportamentos delinquentes, construído com base nos itens utilizados por António FONSECA (1992) numa investigação sobre comportamentos anti-sociais no ensino básico. Os itens agrupam-se em diferentes categorias de comportamentos: *danos, roubo, transgressões de menores, agressão/violência, e uso de droga ou substâncias tóxicas*.

O formato adoptado no nosso questionário teve por base outros instrumentos de medida da frequência de comportamentos delinquentes, igualmente criados para o efeito de investigação de hipóteses (e.g. SIEGMAN, 1966; VIEIRA & MONTEIRO, 2000; PASCHALL, RINGWALT, & FLEWELLING, 2003).

A utilização do auto-relato em investigações com amostras de crianças e jovens é frequentemente evitada, já que estas tendem a desvalorizar a gravidade e a presença



dos comportamentos anti-sociais. Não obstante esta desvantagem, segundo KAZDIN e BUELA-CASAL (2001), a informação sobre a presença deste tipo de condutas, frequentemente, obtém-se com maior facilidade através de auto-relatos, do que através de terceiros ou de arquivos institucionais.

Foi, então, pedido aos sujeitos que indicassem a frequência (nunca, uma vez, de vez em quando, ou frequentemente) com que haviam adoptado cada um dos comportamentos referidos, durante o último ano.

As respostas aos itens foram codificadas de forma a atribuir uma cotação de 0 a 3 a cada frequência de comportamentos, em que o 0 se refere a “nunca” e o 3 a “frequentemente”. Pela soma das respostas a todos os itens, foi possível obter pontuações parciais (para cada subcategoria de comportamentos) e uma pontuação total, sendo que uma pontuação mais alta é indicadora de maior número de comportamentos delinquentes no último ano.

Com o objectivo de medir a variável independente “Função paterna”, foram utilizados dois métodos: o *Parental Bonding Instrument* (PARKER, TUPLING, & BROWN, 1979), e uma pergunta de resposta aberta.

### 5.2.3 PARENTAL BONDING INSTRUMENT (PBI)

O PBI (PARKER et al., 1979) consiste numa medida de *self-report*, originalmente construída para ser completada por indivíduos com mais de 16 anos. Este instrumento exige aos respondentes que pontuem os próprios pais, de acordo com 25 itens, tal como se recordam dos mesmos durante os primeiros 16 anos do seu desenvolvimento.

Apesar de ter sido pensado para uma população adulta, o PBI tem sido utilizado com sucesso em investigações empíricas com amostras constituídas por adolescentes a partir dos 14 anos (e.g., CUBIS, LEWIN, & DAWES, 1989; KASHANI, 1987; KEDDIE, 1992; PEDERSEN, 1994).

Esta escala permite isolar duas dimensões das relações parentais: a dimensão “cuidado” (*care*), constituída por 12 itens, e a dimensão “controlo” (*control*), que inclui 13 itens.

De acordo com os autores, uma pontuação elevada na dimensão “cuidado” pressupõe que os pais são considerados afectivos, empáticos, emocionalmente

calorosos, e compreensivos. Por outro lado, uma pontuação baixa indica que os pais são percebidos como rejeitantes, indiferentes, e emocionalmente frios.

Uma pontuação elevada na dimensão “controle” descreve os pais como controladores, invasivos, infantilizantes, e não permissivos de comportamento independente. Os pais com uma pontuação baixa nesta dimensão proporcionam à criança autonomia e independência (PARKER, TUPLING, & BROWN, 1979). No entanto, alguns estudos indicam que uma pontuação muito baixa nesta dimensão pode representar indiferença (PARKER, 1983; cit. por PEDERSON, 1994).

PARKER et al., (1979) sugeriram que este instrumento de medida pudesse ser usado de dois modos diferentes, isto é, não só permite calcular e examinar as pontuações relativas às duas dimensões, mas também permite o contraste entre os estilos parentais resultantes da intersecção desses resultados. Desta forma, a combinação das duas dimensões origina quatro quadrantes: *controle com afecto*, *controle sem afecto*, *ligação óptima* e *ligação ausente ou fraca*. Estes dois últimos foram posteriormente renomeados como *parentalidade óptima* e *parentalidade negligente*, respectivamente (PARKER, 1983; ARRINDELL, HANEWALD, & KOLK, 1989; cit. por PARKER, n.d.), tal como está representado na Figura 3.

		Cuidado	
		Elevado	Baixo
Controle	Elevado	Controle com afecto	Controle sem afecto
	Baixo	Parentalidade óptima	Parentalidade negligente

Figura 3 - Modelos educativos

Alguns estudos procuraram estabelecer valores de corte que determinem as pontuações altas e baixas das dimensões “cuidado” e “controle”. No nosso estudo baseámo-nos nos valores sugeridos por PARKER (n.d.), os quais consistem, no que concerne às mães, em 27.0 na escala “cuidado” e 13.5 na escala “controle”. Relativamente aos pais, este autor propôs os valores de corte de 24.0 na escala “cuidado” e de 12.5 na escala “controle”.

No que diz respeito às cotações dos itens, cada um destes é pontuado numa escala de *Likert* de 4 pontos, aos quais corresponde uma cotação de 0 a 3. Explicitando a forma de cotar, os itens 1, 5, 6, 11, 12, e 17 da escala “cuidado”, bem como os itens 8, 9, 10, 13, 19, 20, e 23 da escala “controle”, devem ser cotados da seguinte forma:

discordo totalmente = 0, discordo um pouco = 1, concordo um pouco = 2, e concordo totalmente = 3.

Inversamente, os itens 2, 4, 14, 16, 18, e 24 da escala “cuidado”, e os itens 3, 7, 15, 21, 22, e 25 da escala “controlo”, devem ser cotados como: discordo totalmente = 3, discordo um pouco = 2, concordo um pouco = 1, e concordo totalmente = 0.

É importante referir que o PBI não possui direitos de *copyright* pelo que pode ser usado na clínica e investigação sem necessidade de obter permissão por parte dos seus autores.

#### 5.2.4 PERGUNTA: “QUANDO PENSAS NO TEU PAI O QUE É QUE TE OCORRE?”

A última fonte de informação utilizada consistiu na indicação de que o adolescente escrevesse um pequeno texto, respondendo à questão “Quando pensas no teu pai, o que é que te ocorre?”. Procurou-se, por esta forma, aceder à representação consciente da figura paterna dos indivíduos da amostra, através da sua organização por palavras, como havia sido realizado no estudo de NODIN e LEAL (2005).

Seguindo o exemplo dos investigadores acima citados, procedeu-se ao tratamento da informação recolhida em cada resposta através da realização de uma análise de conteúdos. A informação foi categorizada de uma forma dedutiva, na medida em que utilizámos duas categorias de características da figura paterna previamente definidas: a categoria de “características da relação”, que engloba aspectos particulares da relação do indivíduo com o pai, e a categoria de “características de atribuição”, que consiste nas referências feitas à personalidade do pai e ao seu modo de agir e interagir com os outros.

Utilizando a informação recolhida, procurámos realizar uma caracterização comparativa da representação paterna, nos grupos de maior e menor frequência de comportamentos delinquentes.

Adicionalmente, de forma a realizar-se uma análise estatística em que fosse possível relacionar as respostas a esta pergunta de resposta aberta com as pontuações obtidas no questionário de comportamentos delinquentes, foi introduzida no programa estatístico SPSS, para cada indivíduo, a categorização da resposta em representação paterna aparentemente positiva/negativa.

### 5.3 PROCEDIMENTO

Os instrumentos foram administrados a uma amostra constituída por 94 indivíduos, com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos. A referente amostra foi recolhida em duas escolas do ensino básico, sitas na área da Grande Lisboa.

O conjunto dos instrumentos foi aplicado em contexto de sala de aula, a 12 turmas do terceiro ciclo do ensino básico, entre o 7º e o 9º ano de escolaridade. A aplicação decorreu em dias distintos, um dia para cada turma, de acordo com a disponibilidade dos professores dos respectivos estabelecimentos de ensino.

Os participantes foram instruídos a responderem o mais honestamente possível, tendo sido garantido o anonimato e sublinhado a inexistência de respostas certas ou erradas. Cada aplicação demorou aproximadamente 45 minutos.

#### 5.3.1 PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

O programa informático utilizado para procedermos à análise estatística dos dados foi o SPSS (*Statistical Package for Social Science*), versão 16.0 para Windows.

Os dados recolhidos foram tratados com recurso à estatística descritiva, para efeito de descrição da amostra e dos resultados obtidos nos diferentes instrumentos. Foram calculadas frequências absolutas e relativas, medidas de posição e de dispersão.

Em relação à estatística inferencial, para estabelecer relações entre as variáveis e testar as diferentes hipóteses, utilizámos os testes paramétricos *Anova One-way* e o teste *t de Student*. Para nos ser possível recorrer a estes testes estatísticos, necessitámos de verificar o cumprimento de pressupostos inerentes ao seu uso. Como tal, o pressuposto de normalidade de distribuições e o pressuposto de homogeneidade de variâncias foram analisados através dos testes de *Kolmogorov-Smirnov* e de *Levene*.

A consistência interna das escalas aplicadas foi calculada utilizando o coeficiente de consistência interna *Alpha de Cronbach*.

## CAPÍTULO VI

### RESULTADOS

#### 6.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA DOS INSTRUMENTOS

Neste subcapítulo será feita a apresentação da estatística descritiva referente aos instrumentos de recolha de dados utilizados. No Anexo E é possível encontrar as tabelas de frequências completas, tal como foram obtidas através do programa estatístico SPSS.

##### 6.1.1 ESCALA DE COMPORTAMENTOS DELINQUENTES

No que se refere ao questionário de comportamentos delinquentes, o valor global de comportamentos auto-revelados obtido pela nossa amostra (média=8,71) pode ser considerado normal. Este valor é muito semelhante ao obtido por FONSECA (1992), que obteve uma média de 8,19 na amostra masculina, ao aplicar um questionário com itens semelhantes aos por nós utilizados.

Como pode ser observado na Tabela 5, no que concerne aos valores obtidos nas diferentes subescalas de comportamentos delinquentes, a tendência para agir sob a forma de *agressão/violência* e de *transgressão de menores* é a de maior importância na nossa amostra (respectivamente, médias de 2,89 e 2,59).

Tabela 5 - Estatística descritiva da escala de comportamentos delinquentes

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Danos	94	,00	10,00	1,7021	1,85397
Roubo	94	,00	17,00	1,0000	2,07390
Agressão/Violência	94	,00	20,00	2,8936	3,26423
Transgressão de menores	94	,00	11,00	2,5851	1,90872
Drogas ou substâncias tóxicas	94	,00	6,00	,5319	1,23308
Delinquência total	94	,00	64,00	8,7128	8,44161

##### 6.1.2 PARENTAL BONDING INSTRUMENT (PBI)

No que diz respeito ao PBI, nomeadamente à subescala relativa à ligação do adolescente com o pai, a distribuição percentual dos indivíduos da amostra (ver Tabela 6) indica que a maioria descreve uma *parentalidade óptima* (46,8%), sendo seguido da

descrição de um modelo educativo de *controlo sem afecto* (23,4%). A *parentalidade negligente* é o modelo educativo paterno reportado pela menor percentagem de indivíduos (12,8%).

Tabela 6 - Estatística descritiva da subescala paterna do PBI

	Frequência	Percentagem
Controlo com afecto	16	17,0
Controlo sem afecto	22	23,4
Parentalidade óptima	44	46,8
Parentalidade negligente	12	12,8
Total	94	100,0

Não obstante o nosso problema de investigação ser referente apenas à função do pai, visto este instrumento possuir uma subescala materna que foi igualmente aplicada, optámos por fazer referência aos dados obtidos, por poderem vir a ser de potencial interesse.

Deste modo, no que concerne à subescala relativa à ligação do adolescente com a mãe, a distribuição percentual dos indivíduos (Tabela 7) demonstra que a maioria reporta uma *parentalidade óptima* (52,1%), sendo seguido dos modelos educativos de *controlo com afecto* e *controlo sem afecto* (ambos correspondentes a 20,2% dos sujeitos da amostra). A *parentalidade negligente* é o modelo educativo materno reportado pela menor percentagem de indivíduos (7,4%).

Tabela 7 - Estatística descritiva da subescala materna do PBI

	Frequência	Percentagem
Controlo com afecto	19	20,2
Controlo sem afecto	19	20,2
Parentalidade óptima	49	52,1
Parentalidade negligente	7	7,4
Total	94	100,0

#### 6.1.3 PERGUNTA: “QUANDO PENSAS NO TEU PAI O QUE É QUE TE OCORRE?”

No que diz respeito à pergunta de resposta aberta, utilizada como indicador da representação paterna do adolescente, a distribuição percentual dos indivíduos da amostra, figurada na Tabela 8, indica que a maioria possui uma *representação paterna*

*positiva* (83,1%). Os restantes indivíduos (16,9%) apresentam uma representação paterna aparentemente *negativa*.

Tabela 8 - Estatística descritiva da pergunta de resposta aberta

	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Representação paterna positiva	69	83,1
Representação paterna negativa	14	16,9
Total	83	100,0

Para realizar a análise comparativa entre as respostas dos indivíduos que obtiveram resultados baixos na escala de comportamentos delinquentes (n=40) e as respostas dos indivíduos que obtiveram resultados mais elevados (n=42), dividimos a amostra utilizando como ponto de corte a mediana dos valores obtidos nessa mesma escala (mediana=6). No Anexo E podem ser consultadas as frequências dos indicadores encontrados na análise de conteúdo, para cada categoria de características (“características de relação” e “características de atribuição”).

Desta forma, nos indivíduos que reportam poucos comportamentos delinquentes sobressai a percepção de uma figura paterna disponível para ajudar e orientar, afectuosa e que transmite sentimentos de segurança e bem-estar. É uma figura presente, com que os indivíduos partilham diversas actividades, sendo a relação com esta, por vezes, descrita como sendo de amizade. É ainda com alguma frequência feita a descrição de um pai dialogante, da relação com o qual os indivíduos possuem recordações positivas.

Os adolescentes que reportam uma maior frequência de comportamentos delinquentes tendem a referir-se à figura paterna como sendo um bom pai, afectivamente caloroso, e disponível para ajudar e orientar. Destacam-se as referências a um indivíduo com quem partilham momentos e realizam actividades conjuntas, e que se constitui como uma fonte de segurança e bem-estar. No entanto, são ainda significativos os indivíduos que reportam uma ausência do pai e uma relação marcada por um afastamento afectivo.

No que se refere às características de personalidade e de forma de agir atribuídas à figura paterna, não foi encontrado um quadro comum de aspectos, para qualquer dos grupos. No entanto, enquanto os indivíduos do grupo de baixa frequência de comportamentos delinquentes apenas utilizaram características positivas para descrição do pai, no grupo de alta frequência de comportamentos delinquentes encontra-se uma utilização significativa de atributos de carácter negativo.

## 6.2 CONSISTÊNCIA INTERNA DAS ESCALAS

Neste subcapítulo será apresentada a análise da consistência interna dos instrumentos de medida utilizados, nomeadamente da escala de comportamentos delinquentes e do PBI. No Anexo F encontram-se as tabelas com os resultados do teste estatístico a que se recorreu – coeficiente de consistência interna *Alpha de Cronbach* –, tal como foram obtidas através do programa estatístico SPSS.

### 6.2.1 ESCALA DE COMPORTAMENTOS DELINQUENTES

O valor global de consistência interna que obtivemos para a escala de comportamentos delinquentes corresponde a 0,888 (ver Tabela 9). Utilizando como referência os valores indicados por HILL e HILL (2005), este valor pode ser considerado Bom. Os valores do coeficiente de consistência interna das subescalas variam entre um mínimo de 0,507 (na subescala de *transgressão de menores*) e um máximo de 0,750 (*roubo*).

Tabela 9 - Consistência interna da escala de comportamentos delinquentes

	<b>Alpha de Cronbach</b>	<b>Nº de Itens</b>
Danos	,576	4
Roubo	,750	8
Transgressões de menores	,507	5
Drogas ou substâncias tóxicas	,713	3
Agressão/Violência	,692	5
Delinquência Total	,888	30

### 6.2.2 PARENTAL BONDING INSTRUMENT

Os valores do coeficiente de consistência interna obtidos na subescala paterna do PBI (ver Tabela 10), quer para a dimensão “cuidado” (0,859) quer para a dimensão “controlo” (0,795), podem ser considerados Razoável e Bom, respectivamente, utilizando como referência os valores referidos por HILL e HILL (2005).

Tabela 10 - Consistência interna do PBI (escala paterna)

<b>Dimensões</b>	<b>Alpha de Cronbach</b>	<b>Nº de Itens</b>
Cuidado	,859	12
Controlo	,795	13



Os valores do coeficiente de consistência interna obtidos para as dimensões “cuidado” (0,826) e “controle” (0,738) da subescala materna do PBI (ver Tabela 11) podem ser considerados Razoável e Bom (utilizando como referência HILL & HILL, 2005).

Tabela 11 - Consistência interna do PBI (escala materna)

Dimensões	Alpha de Cronbach	Nº de Itens
Cuidado	,826	12
Controle	,738	13

### 6.3 TESTE DAS HIPÓTESES

Para o teste das hipóteses será utilizado como referência para aceitar ou rejeitar a hipótese nula um nível de significância ( $\alpha \leq 0,05$ ).

Na hipótese 1, visto estarmos a comparar quatro grupos segundo uma variável dependente medida numa escala quantitativa, foi utilizado o teste *Anova One-way*. Todos os *outputs* do programa SPSS, relativamente ao teste desta hipótese, podem ser consultados no Anexo G.

Na hipótese 2, como estamos a comparar dois grupos numa variável dependente medida numa escala quantitativa, utilizámos o teste *t de Student* para amostras independentes. O *output* do programa SPSS pode ser consultado no Anexo H.

Os pressupostos que é necessário cumprir para a utilização destes testes, nomeadamente o pressuposto de normalidade de distribuições e o pressuposto de homogeneidade de variâncias, foram analisados através dos testes de *Kolmogorov-Smirnov* e teste de *Levene*, respectivamente. Os resultados destas análises podem ser consultados nos Anexos G e H, respectivamente para a hipótese 1 e 2.

**Hipótese 1** – Uma percepção de baixo “cuidado” (modelos educativos de *controlo sem afecto* e de *parentalidade negligente*), relativamente à relação com o pai, relaciona-se com uma maior frequência de comportamentos delinquentes.

Para testar esta hipótese, necessitámos de verificar se a qualidade da ligação ao pai, expressa pelos diferentes modelos educativos obtidos pela escala PBI, influencia significativamente a frequência de comportamentos delinquentes.

Como se é possível verificar na Tabela 12, tendo realizado o teste estatístico *Anova One-way*, encontrámos uma diferença estatisticamente significativa, para um nível de significância  $< 0,10$ , ao compararmos os modelos educativos paternos na subescala *transgressão de menores* da escala de comportamentos delinquentes.

Tabela 12 - Comparação entre a escala de comportamentos delinquentes e os modelos educativos paternos (ANOVA)

	df	F	Sig.
Danos	3; 90	1,213	,310
Roubo	3; 90	2,147	,100
Agressão/Violência	3; 90	,559	,643
Transgressão de menores	3; 90	2,568	,059 *
Drogas ou substâncias tóxicas	3;90	0,845	,473
Delinquência total	3; 90	1,517	,215

\*  $< 0,10$

Quando vamos identificar em que modelo educativo paterno surge esta diferença significativa, através da utilização do teste de comparação múltipla *a posteriori* de *Tukey* (ver Tabela 13, na página seguinte), verificamos que as diferenças se situam no *controlo sem afecto*. Isto é, o grupo de sujeitos que reporta um modelo de controlo sem afecto apresenta, em média, uma frequência de comportamentos delinquentes da subescala de *transgressão de menores* significativamente superior aos restantes grupos (parentalidade negligente, controlo com afecto e parentalidade óptima).

Tabela 13 - Teste de Tukey HSD para a subescala de transgressão de menores

Modelos educativos	Alfa = ,10	
	N	
Parentalidade negligente	12	2,1667
Controlo com afecto	16	2,3125
Parentalidade óptima	44	2,3182
Controlo sem afecto	22	3,5455
Sig.		,114

Não obstante não serem significativas as diferenças encontradas relativamente às outras subescalas de comportamentos delinquentes, constata-se que os indivíduos que reportam um modelo educativo paterno de *controlo sem afecto* apresentam sempre, em média, um maior número de comportamentos delinquentes, tal como pode ser observado pela análise da Tabela 14.

Tabela 14 - Estatística descritiva da comparação entre as subescalas de comportamentos delinquentes e os modelos educativos paternos

		N	Média	Desvio Padrão
Danos	Controlo com afecto	16	1,2500	1,65328
	Controlo sem afecto	22	2,3182 *	2,31735
	Parentalidade óptima	44	1,5682	1,66213
	Parentalidade negligente	12	1,6667	1,77525
	Total	94	1,7021	1,85397
Roubo	Controlo com afecto	16	,5625	,89209
	Controlo sem afecto	22	1,9545 *	3,64466
	Parentalidade óptima	44	,7273	1,24571
	Parentalidade negligente	12	,8333	1,19342
	Total	94	1,0000	2,07390
Agressão/Violência	Controlo com afecto	16	2,0000	1,82574
	Controlo sem afecto	22	3,3636 *	4,75640
	Parentalidade óptima	44	2,9318	2,99144
	Parentalidade negligente	12	3,0833	2,39159
	Total	94	2,8936	3,26423
Transgressão de menores	Controlo com afecto	16	2,3125	1,70171
	Controlo sem afecto	22	3,5455 *	2,44418
	Parentalidade óptima	44	2,3182	1,72226
	Parentalidade negligente	12	2,1667	1,19342
	Total	94	2,5851	1,90872
Drogas ou substâncias tóxicas	Controlo com afecto	16	,1250	,34157
	Controlo sem afecto	22	,5909 *	1,36832
	Parentalidade óptima	44	,5682	1,20845
	Parentalidade negligente	12	,8333	1,74946
	Total	94	,5319	1,23308
Delinquência total	Controlo com afecto	16	6,2500	4,59710
	Controlo sem afecto	22	11,7727 *	12,88385
	Parentalidade óptima	44	8,1136	6,96575
	Parentalidade negligente	12	8,5833	6,17117
	Total	94	8,7128	8,44161

Embora não ter sido enunciado formalmente como hipótese de investigação, foi igualmente testada, em relação à escala materna do PBI, a influência da qualidade da

ligação do adolescente com a mãe na expressão de comportamentos delinquentes na adolescência. No Anexo I encontra-se o *output* do SPSS dos testes estatísticos realizados.

Após a realização do teste *Anova One-way*, e como pode ser observado na Tabela 15, verificamos que os resultados não levam à rejeição da hipótese nula, para qualquer das subescalas de comportamentos delinquentes. Ou seja, de acordo com os resultados obtidos na nossa amostra, os diferentes modelos educativos maternos não produzem uma frequência significativamente mais elevada de comportamentos delinquentes.

Tabela 15 - Comparação entre a escala de comportamentos delinquentes e os modelos educativos maternos (ANOVA)

	<b>df</b>	<b>F</b>	<b>Sig.</b>
Danos	3; 90	1,109	,350
Roubos	3; 90	1,589	,198
Agressão/Violência	3; 90	,352	,788
Transgressão de menores	3; 90	1,378	,255
Drogas ou substâncias tóxicas	3; 90	,995	,399
Delinquência total	3; 90	,982	,405

No entanto, apesar de estas diferenças não serem estatisticamente significativas, constatamos que, à semelhança com o ocorrido na hipótese anterior, os sujeitos que reportam um modelo materno de *controlo sem afecto* têm sempre, em média, um maior número de comportamentos delinquentes (ver Tabela 16).

Tabela 16 - Estatística descritiva da comparação entre as subescalas de comportamentos delinquentes e os modelos educativos maternos

		<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>
Danos	Controlo com afecto	19	1,4737	1,34860
	Controlo sem afecto	19	2,3684 *	2,62912
	Parentalidade óptima	49	1,5102	1,59586
	Parentalidade negligente	7	1,8571	2,19306
	Total	94	1,7021	1,85397
Roubo	Controlo com afecto	19	,7368	,99119
	Controlo sem afecto	19	1,8947 *	3,87147
	Parentalidade óptima	49	,8367	1,35933
	Parentalidade negligente	7	,4286	,78680
	Total	94	1,0000	2,07390
Agressão/Violên	Controlo com afecto	19	2,7895	2,20048

cia	Controlo sem afecto	19	3,0526 *	5,06045
	Parentalidade óptima	49	3,0408	2,90803
	Parentalidade negligente	7	1,7143	2,05866
	Total	94	2,8936	3,26423
Transgressão de menores	Controlo com afecto	19	2,3684	1,92095
	Controlo sem afecto	19	2,3684 *	2,56495
	Parentalidade óptima	49	2,3673	1,62908
	Parentalidade negligente	7	2,1667	1,39728
Drogas ou substâncias tóxicas	Total	94	2,5851	1,90872
	Controlo com afecto	19	,2105	,53530
	Controlo sem afecto	19	,8947 *	1,59495
	Parentalidade óptima	49	,5306	1,30866
Delinquência total	Parentalidade negligente	7	,4286	,78680
	Total	94	,5319	1,23308
	Controlo com afecto	19	7,5789	5,09156
	Controlo sem afecto	19	11,5789 *	14,28797
	Parentalidade óptima	49	8,2857	6,60177
	Parentalidade negligente	7	7,0000	5,53775
	Total	94	8,7128	8,44161

**Hipótese 2** – Uma representação paterna aparentemente negativa relaciona-se com uma maior frequência de comportamentos delinquentes.

O teste desta segunda hipótese de investigação implicou a utilização do teste *t de Student* para amostras independentes, cujos resultados figuram na Tabela 17.

Visto não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas, aceitamos a hipótese nula para todas as subescalas de comportamentos delinquentes. Isto é, na nossa amostra, a representação paterna, medida pela resposta à pergunta de resposta aberta, não se relaciona com diferenças significativas na frequência de comportamentos delinquentes.

Tabela 17 - Teste t de Student para amostras independentes

	t	df	Sig. (bi-caudal)
Danos	,556	80	,580
Roubo	-,175	80	,861
Agressão/Violência	,089	80	,929
Transgressão de menores	,535	80	,594
Drogas ou substâncias tóxicas	-,033	80	,973
Delinquência total	,221	80	,825

## CAPÍTULO VII

### DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo por sustentáculo o referencial teórico apresentado na primeira parte deste trabalho, passaremos agora à análise e discussão dos resultados previamente apresentados.

No que diz respeito aos resultados obtidos na escala de comportamentos delinquentes, observámos que a média global dos indivíduos pode ser considerada normal, quando em comparação com a média obtida num estudo com uma amostra representativa da população juvenil portuguesa (FONSECA, 1992). Visto a nossa amostra ter sido recolhida em meio escolar, sendo constituída por indivíduos inseridos socialmente, tal média vai ao encontro do que seria previsto.

No que concerne aos resultados globais obtidos na escala PBI, era igualmente esperada a frequência elevada de modelos educativos paternos e maternos de parentalidade óptima, pois coaduna-se com o facto de a nossa amostra pretender ser representativa da população normal.

Pode ainda observar-se que a distribuição das frequências obtidas para os quatro modelos educativos é semelhante para a subescala paterna e materna do PBI. Porém, comparando estas distribuições, há uma maior percentagem de indivíduos que reporta um modelo materno de parentalidade óptima e uma menor percentagem que reporta uma parentalidade negligente, em comparação com a distribuição para o modelo paterno. Tal diferença vai ao encontro da tendência encontrada por PARLER, TUPLING e BROWN (1979), os quais observaram que, independentemente do sexo da criança, as mães tendem a ser percebidas como significativamente mais carinhosas e ligeiramente mais protectoras do que os pais.

No que se refere à análise de conteúdo efectuada nas respostas à questão aberta “quando pensas no teu pai, o que é que te ocorre?”, e à comparação efectuada entre indivíduos com maior e menor frequência de comportamentos delinquentes, observámos que as percepções da figura paterna tendem a ser bastante semelhantes, sendo o pai maioritariamente descrito como uma figura afectuosa, disponível para ajudar e que transmite sentimentos positivos. No entanto, é possível perceber uma tendência para, nos indivíduos com maior frequência de comportamentos delinquentes,

esta ser percebida como uma figura ausente, com a qual é mantida uma relação marcada por um afastamento afectivo, e à qual tendem a atribuir maior número de características negativas, o que vai ao encontro da nossa premissa de que uma ausência paterna é factor de risco para o agir de comportamentos delinquentes na adolescência.

Remetendo para a **primeira hipótese** testada, havíamos assumido que os jovens com comportamentos delinquentes apresentam uma relação pouco satisfatória com a figura paterna, relatando um modelo educativo de baixo valor na dimensão cuidado, em particular, os modelos de controlo sem afecto e de parentalidade negligente.

A análise estatística efectuada, que comparou os dados obtidos através da escala de comportamentos delinquentes (medida da variável dependente) e da escala PBI (medida da variável independente), revelou uma diferença significativa na subescala de *transgressão de menores* do questionário de comportamentos delinquentes, para o modelo educativo paterno de *controlo sem afecto*. Na medida em que os indivíduos que percebem um estilo relacional paterno de controlo sem afecto apresentam uma maior frequência de comportamentos delinquentes, mesmo que apenas numa das subescalas de comportamentos delinquentes, podemos afirmar que os resultados não contrariam a hipótese formulada.

Adicionalmente, verificámos que os indivíduos que reportam um modelo educativo paterno de controlo sem afecto apresentam sempre, em média, uma maior frequência de comportamentos delinquentes nas restantes subescalas. Estas diferenças, mesmo não sendo estatisticamente significativas, vão no sentido da confirmação da Hipótese 1 do nosso estudo.

Estes dados permitem, então, afirmar que a percepção da figura paterna como um elemento pouco afectuoso e que se relaciona de um modo controlador e superprotector, influencia significativamente o agir de comportamentos transgressores na adolescência. Estes resultados são consistentes com a literatura que frisa o papel do défice da função paterna, por excessiva autoridade, rejeição e superprotecção, na génese da delinquência (BERZANSKY, 1981; MUCCHIELLI, 1979).

Não obstante vários estudos terem sido realizados no sentido de enfatizar a relação entre a delinquência juvenil e a ausência física precoce do pai (e.g. MOSHER, 1969; SIEGMAN, 1966; TRINDADE, 1998), os nossos resultados vão no sentido de apoiar as investigações que pressupõem que a qualidade da relação pai-filho, particularmente a fraca percepção de amor paterno por parte da criança, produz um

impacto maior do que a presença ou ausência física do pai (e.g. ANDRY, 1965; JOHNSON, 1987; KING, 1994).

Os resultados obtidos vão ainda ao encontro de estudos que apontam o PBI como uma medida preditiva da existência de factores de risco para comportamentos desviantes. Neste sentido, CARRILHO e ALEXANDRE (2008), num estudo recente de validação do PBI para a população portuguesa, na faixa etária dos 6 aos 12 anos, concluíram que a percepção dos modelos educativos parentais é um dos preditores do comportamento delinquente na adolescência.

No entanto, é de salientar que considerávamos na nossa primeira hipótese que a frequência de comportamentos delinquentes também fosse significativamente mais elevada para o grupo de indivíduos que reporta um modelo educativo paterno de “parentalidade negligente”, em que a relação estabelecida com o pai se caracteriza por indiferença e fraca ligação emocional.

Porém, se atentarmos à diversidade de investigações em que a escala PBI tem sido utilizada, observamos que apenas o modelo educativo de “controlo sem afecto” é constantemente apontado como indicativo de risco aumentado para perturbações psicossociais, tais como ansiedade, depressão, fobias, compulsões, e ainda perturbações do comportamento em adolescentes (para uma revisão ver PEDERSEN, 1994). Este estilo relacional, em que é predominante uma percepção de baixo cuidado, a par de comportamentos de superprotecção, foi igualmente encontrado num estudo português com uma amostra de indivíduos com dependência de tóxicos, particularmente no que concerne à figura paterna (TORRADO & OUAKINIM, 2008).

Num estudo que se assemelha metodologicamente à investigação por nós realizada, A. S. MAK (1990; citado por PARKER, n.d.) utilizou o PBI e uma medida de auto-revelação de actividades delinquentes para investigar a relação entre a delinquência juvenil e o cuidado e protecção parentais percebidos. Este autor concluiu que a delinquência se relaciona, justamente, com os estilos maternos e paternos de controlo sem afecto.

No que concerne à **Hipótese 2** do nosso estudo, segundo a qual jovens com comportamentos delinquentes apresentam uma representação aparentemente negativa da figura paterna, a análise estatística dos resultados alcançados através da pergunta de resposta aberta *não* permite afirmar que os resultados obtidos apoiem a hipótese formulada.



De acordo com a revisão de literatura efectuada, esperávamos obter uma diferença estatisticamente significativa na escala de comportamentos delinquentes, por parte do grupo de adolescentes com representação paterna aparentemente negativa. Apesar de estes resultados não se terem verificado, consideramos que a premissa na qual nos baseamos para construir a hipótese não está necessariamente incorrecta, mas que o instrumento utilizado não terá sido o indicado para o objectivo a que nos propúnhamos.

Fazendo uma análise crítica do instrumento, consideramos que, constituindo-se este como uma medida da percepção consciente que o indivíduo tem do seu pai, teria sido mais adequado utilizar uma medida projectiva, que permitisse analisar a representação inconsciente do pai. Desta forma, obtivemos certamente resultados referentes a uma racionalização sobre a relação com pai, quando esperaríamos obter dados que permitissem perceber se, nos indivíduos com comportamentos delinquentes, o pai se tinha constituído como elemento diferenciador da triangulação e figura de identificação, ou se existiria uma ausência simbólica da figura paterna, na sua função de representante da lei e de portador da interdição (FREUD, 1905, 1923; LACAN, 1958), conduzindo a uma “puberdade agida” (MATOS, 1998/2005).

Adicionalmente, ao procedermos a uma divisão na nossa amostra entre indivíduos que apresentam uma representação paterna positiva ou negativa, com base nas respostas dadas à questão aberta, implica a possibilidade de termos considerado determinados indivíduos que apresentavam manifestações agressivas relativamente ao pai como possuidores de uma representação paterna aparentemente negativa, desprezando que, na adolescência, fase de mudança de objectos de amor, é normal, e mesmo estruturante para o indivíduo, uma relação agressiva com o pai.

## CAPÍTULO VIII

### CONCLUSÃO

#### 8.1 SÍNTESE CONCLUSIVA

Remetendo para o que foi largamente discutido na revisão de literatura, é esperado que, desde o nascimento da criança, a mãe reserve um lugar para a figura paterna, permitindo que esta se mostre presente e envolvida na relação com a criança (CAMUS, 2000/2002; CLERGET, 1979/1980). A função paterna adquire importância no período pré-edipiano, ao promover a distância psicológica na díade mãe-filho, permitindo a passagem de uma relação dual a uma relação triangular (ABELIN, 1975; COIMBRA de MATOS, 1983/2001; LEOVICI & CRÉMIEUX, 1970; STOLOFF, 2007). Posteriormente, a relação com o pai reveste-se de importância ao promover a interiorização da Lei psíquica paterna de proibição do incesto (FREUD, 1905, 1923) ou do objecto (LACAN, 1958). Só assim o indivíduo acede à simbolização e se integra no mundo da linguagem e da cultura.

Há várias décadas que a investigação tem procurado estudar as consequências das situações de carência paterna, referindo-se à ausência real do pai como particularmente nefasta para o desenvolvimento identitário dos indivíduos (A. FREUD, 1968; MEISS, 1952). No entanto, estas situações são de difícil definição pois assume-se que a carência paterna não se reduz à ausência física, sendo de maior importância a distorção da sua representação simbólica (ATKINS, 1981, 1989; N. JEAMMET, 1989; MARCELLI, 2003; McDOUGALL, 1989; ODY & SMADJA, 1985).

Uma quota de trabalhos realizados no domínio da delinquência e da função paterna, sublinham que os sujeitos delinquentes tendem a revelar uma história pessoal marcada pela ausência real e/ou simbólica do pai, figura que está também frequentemente ausente do discurso materno, desde os primeiros tempos de vida (ANDRY, 1957, 1960; BERZANSKY, 1981; MILLER, 1958; MUCCHIELLI, 1979). A investigação que tem vindo a ser realizada, para lá de demonstrar uma relação entre a delinquência e a ausência do pai (para uma revisão ver BILLER, 1970 e LEWIS, 1991), tende ainda a evidenciar, particularmente para os indivíduos do sexo masculino, um vivido relacional sentido como pouco gratificante com a figura paterna, em virtude da sua ausência no plano emocional (e.g. ANDRY, 1965; KING, 1994).

Procurando ir ao encontro do que foi referido na revisão de literatura, o presente trabalho pretendeu salientar a existência de uma falência da dimensão paterna, nas suas funções de suporte afectivo e de instauração de limites, em rapazes que apresentam comportamentos delinquentes. Deste modo, procurou investigar-se empiricamente qual a eventual relação entre a percepção que os adolescentes do sexo masculino têm da ligação com a sua figura paterna e a frequência de comportamentos delinquentes.

Neste sentido, o que se tornou evidente com os resultados encontrados no presente estudo, é o facto de, no que diz respeito a rapazes adolescentes, nos depararmos com uma maior frequência de comportamentos delinquentes auto-revelados quando os mesmos percebem o pai como um indivíduo controlador e pouco cuidador.

Estes resultados permitem reforçar a noção existente de que, no desenvolvimento masculino, é fundamental que o pai esteja presente e preocupado em assumir-se como uma figura preponderante de identificação e instauradora de uma autoridade moral, com um estilo relacional que manifeste um equilíbrio de cuidado e protecção, sob pena de que um processo disfuncional de construção da identidade contribua para o desenvolvimento e manutenção de uma problemática do agir.

## 8.2 IMPORTÂNCIA PARA A INVESTIGAÇÃO E PRÁTICA CLÍNICA

Acreditamos que os resultados obtidos assumem alguma relevância na investigação empírica uma vez que são escassos os estudos, generalizáveis à população portuguesa, que se propõem a aprofundar o modo como um défice da função paterna se relaciona com o agir de comportamentos delinquentes.

Em face da demonstração, através da nossa análise dos resultados, de uma influência significativa da relação com a figura paterna, quando esta é sedimentada na carência afectiva e intrusão, no agir de comportamentos delinquentes, parece estar sustentada a importância de prosseguir com esta linha de investigação.

A compreensão de que a ausência emocional da figura paterna, durante a infância e a adolescência, se constitui como factor de risco para a construção de uma identidade desviante, permite ainda aos terapeutas ganharem uma maior sensibilidade em relação ao sofrimento psicológico que pode estar dissimulado por detrás das condutas agidas dos adolescentes. Particularmente, a atenção para sinais que denotem um percurso desenvolvimental isento de um elemento masculino cuidador e securizante,

que permitisse a internalização de uma imagem paterna estruturante, ou um contexto familiar em que predomine um pai demitido emocionalmente da relação com o filho e/ou uma atitude materna de desvalorização da figura paterna.

Adicionalmente, reconhecer a relação de proximidade emocional com a figura paterna como um factor promotor de um desenvolvimento psicossocial saudável, pode reflectir-se no contexto psicoterapêutico, ao conduzir a um maior investimento num trabalho reparador das representações paternas, com vista à obtenção de mudanças relacionais importantes, particularmente em crianças e jovens que denunciam uma desvalorização das normas e regras sociais, face a uma falência de interiorização da Lei do pai.

### 8.3 LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO E LINHAS DE DESENVOLVIMENTO FUTURO

A parte empírica da nossa investigação foi realizada utilizando uma amostra de estudantes de apenas dois estabelecimentos de ensino localizados na área da Grande Lisboa, não podendo ser considerada representativa da generalidade da população de adolescentes que habitam em Portugal. Apesar da dimensão aceitável da nossa amostra, cumprindo os requisitos necessários à realização de uma investigação válida, consideramos que teria sido uma mais valia conseguir uma amostra, não só de maiores dimensões, mas também com uma maior diversidade geográfica e cultural de indivíduos.

A escala de comportamentos delinquentes utilizada na nossa investigação, correspondendo a uma medida de auto-avaliação, e possuindo grande validade facial, está sujeita ao enviesamento dos resultados devido ao efeito da desejabilidade social, conducente à preferência por respostas consideradas socialmente desejáveis. Adicionalmente, tendo sido uma escala criada para a investigação em causa, constitui-se como um instrumento que não foi sujeito a um processo de aferição empírica para a população em estudo.

As condições de aplicação dos instrumentos, colectivamente e em contexto de sala de aula, aumentam a possibilidade de presença de variáveis estranhas, tais como a dificuldade de concentração devido à presença dos pares, que podem influenciar os resultados. Adicionalmente, o demorado tempo de aplicação, de cerca de 45 minutos, pode induzir o cansaço e desmotivação que se reflectem num desempenho mais fraco nas últimas escalas.

Pode ser objectado que a escala PBI foi concebida para ser aplicada com adultos, que se referiam à sua percepção dos pais durante a infância. A nossa amostra, pelo contrário, consiste em adolescentes que vivem com os pais, na sua maioria, o que reconhecemos ter o potencial de enviesar os dados.

Finalmente, outra limitação diz respeito ao facto de procurarmos avaliar a variável representação paterna através de uma pergunta de resposta aberta, cuja resposta se aproxima mais de uma percepção acerca do pai, do que de uma verdadeira representação paterna inconsciente. Uma forma de contornar esta limitação é a possibilidade de, num futuro estudo, ser utilizado um instrumento projectivo que permita fazer uma avaliação das representações parentais.

Não obstante as limitações ao estudo que foram referidas, cremos que os resultados por nós obtidos não deixam de contribuir para fomentar outras e mais aprofundadas investigações sobre esta temática. Como linha de investigação futura, sugeríamos a replicação do estudo, com as devidas correcções metodológicas, e com uma amostra mais alargada, que permitisse tornar os resultados generalizáveis à globalidade dos adolescentes que habitam em Portugal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abelin, E. L. (1975). Some further observations and comments on the earliest role of the father. *International Journal of Psycho-Analysis*, 56, 293-302.
- Ainsworth, M. (1976). Relações objectais, dependência e vinculação: uma análise teórica das relações da criança com a mãe. In D. W. Rajecki, & L. Soczka (eds.), *As ligações infantis*. Amadora: Livraria Bertrand. (Tradução de um original publicado em 1969).
- Amaral Dias, C. (1988). *Para uma psicanálise da relação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Amaral Dias, C., & Nunes Vicente, T. (1984). *A depressão no adolescente*. Porto: Edições Afrontamento.
- Anastasopoulos, D. (1988). Acting out during adolescence in terms of regression in symbol formation. *International Review of Psycho-Analysis*, 15, 177-186.
- Andry, R. G. (1957). Faulty paternal- and maternal-child relationships, affection and delinquency. *British Journal of Delinquency*, 8, 34-48.
- Andry, R. G. (1960). *Delinquency and parental pathology*. N.Y.: Methuen.
- Ariès, P. (1988). *A criança e a vida familiar no antigo regime*. Lisboa: Relógio d'Água (Tradução de um original publicado em 1973).
- Atkins, R. N. (1981). Finding one's father: the mother's contribution to early father representations. *The Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 9(4), 539-59.
- Atkins, R.N. (1989). The fate of the father representation in adolescent sons. *Journal of American Academy of Psychoanalysis*, 17, 271-291.
- Bernabeu, E. P. (1958). Underlying ego mechanisms in delinquency. *Psychoanalytic Quarterly*, 27, 383-396.
- Biller, H. B. (1970). Father absence and the personality development of the male child. *Developmental Psychology*, 2(2), 181-201.

- Bion, W. R. (1966). Aprender com a experiência. In W. R. Bion, *Os elementos da Psicanálise*. R. J.: Zahar editores. (Tradução de um original publicado em 1962).
- Bird, H. R. (2001). Psychoanalytic perspectives on theories regarding the development of antisocial behavior. *Journal of American Academy of Psychoanalysis*, 29, 57-71.
- Blos, P. (1957). Preodipal factors in the etiology of female delinquency. *Psychoanalytic Study of the Child*, 12, 229-249.
- Blos, P. (1962). *On adolescence*. N.Y.: Free Press of Glencoe.
- Blos, P. (1965). The initial stage of male adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 20, 145-164.
- Blos, P. (1982). Freud and the father complex. *Psychoanalytic Study of the Child*, 42, 425-441.
- Blos, P. (2003). Acting out en delinquencia. In P. Blos, *La transición adolescente*. Buenos Aires: ASSAPIA. (Tradução de um original publicado em 1979).
- Bowlby, J. (1944). Forty-four juvenile thieves: Their characters and home-life. *International Journal of Psycho-Analysis*, 25, 19-53.
- Bowlby, J. (1976). *A natureza da ligação da criança com a mãe*. In D. W. Rajecki, & L. Soczka (eds.), *As ligações infantis*. Amadora: Livraria Bertrand. (Tradução de um original publicado em 1958).
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi. (Tradução de um original publicado em 1998).
- Burgner, M. (1985). The oedipal experience: Effects on development of an absent father. *International Journal of Psychoanalysis*, 66, 311-320.
- Camus, Jean Le- (2002). *O verdadeiro papel do pai*. Porto: Ambar. (Tradução de um original publicado em 2000).
- Carrilho, L., & Alexandre, M. (2008). Preditores de comportamento desviante na adolescência. Validação da escala PBI - Parental Bonding Instrument para a população portuguesa. *Ousar integrar – revista de reinserção social e prova*, 1, 33-39.
- Carvalho, M. J. L. de (2003). *Entre as malhas do desvio*. Oeiras: Celta editora.

- Castelain-Meunier, C. (1997). *La paternité*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Chiland, C. (1982). A new look at fathers. *Psychoanalytic Study of the Child*, 37, 367-379.
- Instituto do Emprego e Formação Profissional (2001). *Classificação Nacional de Profissões: Versão de 1994* (2ª ed.). Acedido em Outubro de 2008 em: <http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>
- Clerget, J. (1980). *Ser pai hoje*. Lisboa: Moraes editores. (Tradução de um original publicado em 1979).
- Cóias, J. (1995). O internamento de menores como medida educativa e terapêutica: Um modelo de intervenção em meio institucional. In *Os jovens e a justiça: Actas do congresso*. Lisboa: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Coimbra de Matos, A. (2001). *A depressão* (Notas sobre psicopatologia dinâmica, pp. 197-227). Lisboa: Climepsi. (Publicado originalmente em 1983).
- Coimbra de Matos, A. (2002a). *Adolescência* (Notas sobre a delinquência juvenil). Lisboa: Climepsi. (Publicado originalmente em 1978).
- Coimbra de Matos, A. (2002b). *Adolescência* (Mudança de objecto e mudança de objectivos na adolescência). Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1978).
- Coimbra de Matos, A. (2002a). *Adolescência* (Crise da juventude e identidade). Lisboa: Climepsi. (Publicado originalmente em 1979).
- Coimbra de Matos, A. (2002b). *O Desespero: Aquém da depressão* (O pai na pré-história do indivíduo, pp. 169-172). Lisboa: Climepsi. (Publicado originalmente em 1979).
- Coimbra de Matos, A. (2002). *O Desespero: Aquém da depressão* (A delinquência: Perspectiva psicodinâmica, pp. 299-306). Lisboa: Climepsi. (Publicado originalmente em 1986).
- Coimbra de Matos, A. (2003). *Mais amor, Menos doença* (A especificidade da psicopatologia da criança e do adolescente, pp. 193-204). Lisboa: Climepsi. (Publicado originalmente em 2002).



- Coimbra de Matos, A. (2006). *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica* (2ªed) (Percursos da identidade: Processos transformadores, pp. 215-224). Lisboa: Climepsi. (Publicado originalmente em 1996).
- Constant, J. (2004). Perturbações do comportamento. In D. Houzel, M. Emmanuelli, & F. Moggio, *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente*. Lisboa: Climepsi. (Tradução de um original publicado em 2000).
- Cubis, J., Lewin, T., & Dawes, F. (1989). Australian adolescents. perceptions of their parents. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 23, 35-47.
- David, P. (1977). *Psicanálise e família* (M. Rodrigues Martins, trad.). Lisboa: Moraes editores. (Tradução de um original publicado em 1976).
- Dias Cordeiro, J. C. (1979). *Adolescente e a família*. Lisboa: Moraes editores. (Obra publicada originalmente em 1975).
- Diamond, M. J. (1998). Fathers with sons: Psychoanalytic perspectives on “good enough” fathering throughout the life cycle. *Gender & Psychoanalysis*, 3(3), 243-300.
- Dolto, F. (1990). *Quando os pais se separam*. Lisboa: Notícias, DL. (Tradução de um original publicado em 1988).
- Dolto, F. (1992). *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectivas. (Tradução de um original publicado em 1984).
- Dolto, F., & Nasio, J. -D. (1991). *A criança do espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Tradução de um original publicado em 1987).
- Drubsky, C. A. (2008). *Até que ponto o narcisismo pode ser datado? Uma reflexão à luz das contribuições de Piera Aulagnier*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar editores. (Tradução de um original publicado em 1968).
- Fleming, M. (1992). Adolescência e perturbações de comportamento: Passagem ao acto sob a forma de “roubo” e “destruição”. In M. Fleming, 2005, *Entre o medo e o desejo de crescer – Psicologia da adolescência*. Porto: Ed. Afrontamento.

- Fonseca, A. C. (1992). Comportamentos anti-sociais no ensino básico: Resultados de um questionário preenchido pelos próprios alunos (self-report). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 26(2), 279-300.
- Freud, A. (1958). Adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 13, 255-279.
- Freud, S. (1972). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Ramiro da Fonseca, trad.). Lisboa: Livros do Brasil. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1976). *Pequena colecção das obras Freud* (Conferências introdutórias sobre psicanálise: Teoria geral das neuroses). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Capítulo que consiste na tradução de um original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (1989). O Ego e o Id. In A. Freud (org.), *Textos essenciais da psicanálise* (vol. III). Portugal: Publicações Europa-América. (Tradução de um original publicado em 1923).
- Friedlander, K. (1961). *Psicoanálisis de la delincuencia juvenil* (3ª ed). Buenos Aires: Editorial Paidós. (Tradução de um original publicado em 1950).
- Gill, H. S. (1991). Internalization of the absent father. *International Journal of Psychoanalysis*, 72, 243-252.
- Golse, B. (2007). *O ser-bebé*. Lisboa: Climepsi. (Tradução de um original publicado em 2006).
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (2003). *Relações de objecto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi. (Tradução de um original publicado em 1983).
- Helgeland, M. I. W., & Torgersen, S. (1997). Maternal representations of patients with schizophrenia as measured by the Parental Bonding Instrument. *Scandinavian Journal of Psychology*, 38(1), 39-43.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2005). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Lisboa: Sílabo.
- Imbasciati, A. (2003). *Nascimento e construção da mente*. Lisboa: Climepsi. (Tradução de um original publicado em 1998).
- Jeammet, N. (1990). *O ódio necessário*. Lisboa: Editorial estampa. (Tradução de um original publicado em 1989).
- Kashani, J. H., Hooper, E. W., Beck, N. C., Corcoran, C. M., Fallahi, C., McAllister, J., Rosenberg, T. J. K., & Reid, J. C. (1987). Personality, psychiatric disorders, and

- parental attitude among a community sample of adolescents. *American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 26(6), 879-885.
- Kazdin, A. E., & Buela-Casal, G. (2001). *Conduta anti-social: Avaliação, tratamento e prevenção na infância e na adolescência*. Portugal: McGraw-Hill.
- Keddie, A. M. (1992). Psychological factors associated with teenage pregnancy in Jamaica. *Adolescence*, 27(108), 873-890.
- King, V. (1994). Nonresident father involvement and child well-being: Can dads make a difference? *Journal of Family Issues*, 15(1), 78-96.
- Kirshner, L. A. (1992). The absence of the father. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 40, 1117-1138.
- Klebanow, S. (1976). Parenting in the single parent family. *Journal of American Academy of Psychoanalysis*, 4, 37-48.
- Klein, M. (1958). El desarrollo temprano de la conciencia en el niño. In M. Klein, *Psicología infantil y psicoanálisis de hoy*. Buenos Aires: Paidós. (Tradução de um original publicado em 1933).
- Klein, M. (1982). Les stades précoces du conflit œdipien. In M. Klein, *Essaies de psychanalyse*. Paris: Peyot. (Obra original publicada em 1928).
- Klein, M. (1982). Les tendances criminelles chez les enfants normaux. In M. Klein, *Essaies de psychanalyse*. Paris: Peyot. (Obra original publicada em 1927).
- Klein, M. (1982). La criminalité. In M. Klein, *Essaies de psychanalyse*. Paris: Peyot. (Obra original publicada em 1934).
- Lacan, J. (1998a). La métaphore paternelle. J. Lacan, *Le séminaire* (livre V: les formations de l'inconscient). Paris : Éditions du Seuil. (Obra original publicada em 1958).
- Lacan, J. (1998b). La forclusion du nom du père. In J. Lacan, *Le séminaire* (livre V: les formations de l'inconscient). Paris : Éditions du Seuil. (Obra original publicada em 1958).
- Lacan, J. (1998c). Les trois temps de l'Oedipe. In J. Lacan, *Le séminaire* (livre V: les formations de l'inconscient). Paris : Éditions du Seuil. (Obra original publicada em 1958).

- Lamb, M. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, 1(10), 19-34. (Tradução de um artigo publicado originalmente em 1986).
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1970). *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa: Moraes editores. (Tradução de um original publicado em 1967).
- Lebovici, S. (1982). The origins and development of the Oedipus complex. *International Journal of Psychoanalysis*, 63, 201-215.
- Lebovici, S., & Crémieux, R. (1970). A propos du rôle et de l'image du père. Supplément à *La psychiatrie de l'enfant*, 13(2), 341-447.
- Lewis, O. (1991). Paternal absence: Psychotherapeutic considerations in boys. *Contemporary Psychoanalysis*, 27, 265-287.
- Mahler, M. S. (1963). Thoughts about development and individuation. *Psychoanalytic Study of the Child*, 18, 307-324.
- Malpique, C. (1990). *A ausência do pai*. Porto: Edições Afrontamento.
- Marcelli, D. (2003). *L'enfant, chef de la famille: L'autorité de l'infantile*. Paris: Albin Michel.
- Marcelli, D., & Braconnier, A. (2004). *Adolescência e Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi. (Tradução de um original publicado em 1983).
- Martinho, J. (2006). Paternidade e psicanálise em Portugal. *Afreudite*, 314, 99-105.
- Matos, M. P. (1996). *Relatório da disciplina de Psicopatologia Dinâmica da criança e do adolescente*. Apresentado a concurso para professor associado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Matos, M. (2005). *Adolescência, Representação e Psicanálise* (Adolescer e delinquir, pp. 57-64). Lisboa: Climepsi. (Publicado originalmente em 1996).
- Matos, M. (2005). *Adolescência, Representação e Psicanálise* (A puberdade agida, pp. 65-74). Lisboa: Climepsi. (Publicado originalmente em 1998).
- Matos, M. (2005). *Adolescência, Representação e Psicanálise* (No limite da adolescência – ou aquém e além da adolescência, pp. 107-114). Lisboa: Climepsi Editores. (Publicado originalmente em 2001).

- Matos, M. (2005). *Adolescência, Representação e Psicanálise* («Verso-reverso» das distorções simbólicas, pp. 162-170). Lisboa: Climepsi. (Publicado originalmente em 1999).
- Matos, M. (2005). *Adolescência, Representação e Psicanálise* (A emergência das representações na contra-transferência, pp. 206-254). Lisboa: Climepsi.
- Matos, M. (2007). *Sensorialidade e representação: Aspectos teóricos e clínicos*. Artigo apresentado no ciclo de conferências de psicanálise e psicoterapia psicanalítica do ISPA, Lisboa, Portugal.
- McDougall, J. (1989). The dead father. *International Journal of Psychoanalysis*, 70, 205-220.
- Meiss, M. (1952). The oedipal problems of a fatherless child. *Psychoanalytic Study of the Child*, 7, 216-229.
- Mosher, L. R. (1969). Father absence and antisocial behavior in Negro and white males. *International Journal of Child & Adolescent Psychiatry*, 36(6-7), 186-202.
- Mucchielli, R. (1979). *Como eles se tornam delinquentes: Génese e desenvolvimento da socialização e da dissocialidade*. Lisboa: Moraes editores. (Tradução de um original publicado em 1977).
- Nelson, C., & Valliant, P. M. (1993). Personality dynamics of adolescent boys where the father is absent. *Perceptual and Motor Skills*, 76, 435-443.
- Nodin, N., & Leal, I. (2005). Representações paternas na anorexia nervosa. *Análise psicológica*, 2(23), 201-208.
- Ody, M., & Smadja, C. (1985). Carence paternelle : Importance du père et de la fonction paternelle dans le développement du fonctionnement mental. In S. Lebovici, R. Diatkine, & M. Soulé, *Nouveau traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent* (vol. IV). Paris: Presses Universitaires de France.
- Paschall, M. J., Ringwalt, C. L., & Flewelling, R. L. (2003). Effects of parenting, father absence and affiliation with delinquent peers on delinquent behavior among African-American male adolescents. *Adolescence*, 38(149), 15-34.
- Parker, G., Tupling, H., & Brown, L.B. (1979). A Parental Bonding Instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 52, 1-10.

- Parker, G. (n.d.). *The parental bonding instrument*. Texto acedido em Setembro de 2008 em: <http://www.blackdoginstitute.org.au/docs/theparentalbondinginstrument.pdf>.
- Paschall, M. J., Ringwalt, C. L., & Flewelling, R. L. (2003). Effects of parenting, father absence, and affiliation with delinquent peers on delinquent behavior among african-american male adolescents. *Adolescence*, 38(149), 15-34.
- Pedersen, W. (1994). Parental relations, mental health and delinquency in adolescents. *Adolescence*, 29(116), 975-990.
- Pedrozo, T. L. (2005). *Ausência de poder e desamparo*. Trabalho apresentado no XX Congresso Brasileiro de Psicanálise.
- Petot, J.-M. (2001). Imago. In R. Doron & F. Parot (eds.). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi. (Tradução de um original publicado em 1991).
- Porot, A. (1969). *Manuel alphabétique de psychiatrie*. Paris: PUF.
- Rodney, H. E., & Mupier, R. (1999). Behavioral differences between African American male adolescents with biological fathers and those without biological fathers in the home. *Journal of Black Studies*, 30(1), 45-61
- Ruben, M. (1957). Delinquency, a defense against loss of objects and reality. *Psychoanalytic Study of the Child*, 12, 335-355.
- Schaefer, E. S. (1965). Children's reports of parental behavior: An inventory. *Child Development*, 36, 413-424.
- Selosse, J. (2001). Delinquência. In R. Doron & F. Parot (eds.), *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi. (Tradução de um original publicado em 1991).
- Siegmán, A. W. (1966). Father absence during early childhood and antisocial behavior. *Journal of Abnormal Psychology*, 71(1), 71-74.
- Stoloff, J.-C. (2007). *La fonction paternelle*. Paris: Éditions In press.
- Torrado, M., & Ouakinin, S. (2008). Identidade e toxicodependência no masculino: Relação paterna, auto-conceito e identidade de género. *Revista Toxicodependências*, 14(1), 57-72.
- Torresani, S., Favaretto, E., & Zimmermann, C. (2000). Parental representations in drug-dependent patients and their parents. *Comprehensive Psychiatry*, 41(2), 123-129.

- Trindade, J. (1998). O impacto da ausência do pai na delinquência juvenil severa. *Caesura*, 13, 37-56.
- Tremblay, G., Tremblay, R. E., & Saucier, J.-F. (2004). The development of parent-child relationship perceptions in boys from childhood to adolescence. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 21(4), 407-426.
- Vieira, A., & Monteiro, M. B. (2000). *A dimensão psico-social do comportamento desviante na adolescência: Identidade social e influência social*. Comunicação apresentada no I Congresso Hispano-português de Psicologia: Hacia una psicología integradora.
- Winnicott, D. W. (1971). Objets transitionnels et phénomène transitionnels. In D. W. Winnicott, *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot. (Obra original publicada em 1951-1953).
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar editores. (Tradução de um original publicado em 1957).
- Winnicott, D. W. (1997). Some psychological aspects of juvenile delinquency. In D. W. Winnicott, *Deprivation and delinquency* (4<sup>a</sup> ed.). London: Routledge. (Obra original publicada em 1946).
- Winnicott, D. W. (1997). The antisocial tendency. In D. W. Winnicott, *Deprivation and delinquency* (4<sup>a</sup> ed.). London: Routledge. (Obra original publicada em 1956).

**ANEXOS**



**ANEXO A**  
**ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA AMOSTRA**  
*OUTPUT DO SPSS*

```

FREQUENCIES VARIABLES=idade ocupação escolaridade coabitação ausênciapai
profissãomãe profissãopai
/STATISTICS=STDDEV MINIMUM MAXIMUM MEAN MEDIAN MODE SUM
/PIECHART PERCENT
/ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

		Statistics						
		idade	ocupação	escolaridade	coabitação	ausênciapai	profissãomãe	profissãopai
N	Valid	94	94	94	94	94	94	94
	Missing	0	0	0	0	0	0	0
	Mean	13,40	1,01	7,59	3,91	1,33	5,91	4,52
	Median	13,00	1,00	7,00	3,00	,00	5,00	5,00
	Mode	12	1	7	2	0	5	7
	Std. Deviation	1,526	,103	,782	2,876	2,086	3,359	3,317
	Minimum	11	1	7	1	0	0	0
	Maximum	18	2	9	15	8	10	10
	Sum	1260	95	713	368	125	556	425

## Frequency Table

		idade			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	11	3	3,2	3,2	3,2
	12	30	31,9	31,9	35,1
	13	23	24,5	24,5	59,6
	14	17	18,1	18,1	77,7
	15	12	12,8	12,8	90,4
	16	4	4,3	4,3	94,7
	17	4	4,3	4,3	98,9
	18	1	1,1	1,1	100,0
	Total	94	100,0	100,0	

		ocupação			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Estudante	93	98,9	98,9	98,9
	Trabalhador e estudante	1	1,1	1,1	100,0
	Total	94	100,0	100,0	

**escolaridade**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 7	56	59,6	59,6	59,6
8	21	22,3	22,3	81,9
9	17	18,1	18,1	100,0
Total	94	100,0	100,0	

**coabitação**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Mãe + pai + irmãos + avós	3	3,2	3,2	3,2
Mãe + pai + irmãos	37	39,4	39,4	42,6
Mãe + irmãos	18	19,1	19,1	61,7
Mãe	8	8,5	8,5	70,2
Mãe + pai	15	16,0	16,0	86,2
Mãe + pai + irmãos + avós + outros familiares	1	1,1	1,1	87,2
Mãe + padrasto + avós	1	1,1	1,1	88,3
Mãe + padrasto + irmãos	3	3,2	3,2	91,5
Avós	2	2,1	2,1	93,6
Avós + irmãos	1	1,1	1,1	94,7
Pai + irmãos	1	1,1	1,1	95,7
Mãe + irmãos + outros familiares	1	1,1	1,1	96,8
Mãe + irmãos + avós + outros familiares	1	1,1	1,1	97,9
Mãe + avós	1	1,1	1,1	98,9
Pai + madrasta	1	1,1	1,1	100,0
Total	94	100,0	100,0	

**ausênciapai**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	NA	58	61,7	61,7	61,7
	Divórcio/separação (<= 5 anos de idade)	6	6,4	6,4	68,1
	Divórcio/separação (5 < anos de idade <= 10)	6	6,4	6,4	74,5
	Divórcio/separação (> 10 anos de idade)	7	7,4	7,4	81,9
	Divórcio/separação (idade NS/NR)	11	11,7	11,7	93,6
	Falecimento (<= 5 anos de idade)	1	1,1	1,1	94,7
	Falecimento (5 < anos de idade <=10)	1	1,1	1,1	95,7
	Falecimento (idade NS/NR)	1	1,1	1,1	96,8
	Ausente de casa em trabalho	3	3,2	3,2	100,0
	Total	94	100,0	100,0	

**profissãomãe**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	NR/NA	9	9,6	9,6	9,6
	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	5	5,3	5,3	14,9
	Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	3	3,2	3,2	18,1
	Técnicos e profissionais de Nível Intermédio	5	5,3	5,3	23,4
	Pessoal Administrativo e Similares	6	6,4	6,4	29,8
	Pessoal dos Serviços e Vendedores	24	25,5	25,5	55,3
	Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	4	4,3	4,3	59,6
	Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	1	1,1	1,1	60,6
	Trabalhadores Não Qualificados	20	21,3	21,3	81,9
	/Desempregado(a) /Doméstico(a)	17	18,1	18,1	100,0
	Total	94	100,0	100,0	

## profissão pai

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	NR/NA	23	24,5	24,5	24,5
	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	5	5,3	5,3	29,8
	Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	4	4,3	4,3	34,0
	Técnicos e profissionais de Nível Intermédio	4	4,3	4,3	38,3
	Pessoal Administrativo e Similares	4	4,3	4,3	42,6
	Pessoal dos Serviços e Vendedores	10	10,6	10,6	53,2
	Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	1	1,1	1,1	54,3
	Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	27	28,7	28,7	83,0
	Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	7	7,4	7,4	90,4
	Trabalhadores Não Qualificados	7	7,4	7,4	97,9
	Desempregado(a) /Doméstico(a)	2	2,1	2,1	100,0
	Total	94	100,0	100,0	

## **ANEXO B**

### **PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DA AMOSTRA**

**Exmo. Dr. [nome]**  
**Presidente do Conselho Executivo da**  
**Escola [nome da escola]**

Lisboa, [data]

Assunto: Pedido de autorização de recolha de dados.

Exmo. Dr.,

Encontro-me a realizar a Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de Psicologia Clínica Dinâmica, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, sob a orientação do Professor Doutor Manuel Pires Matos.

A minha dissertação tem como objectivo estudar a função paterna em rapazes adolescentes com comportamentos delinquentes, visando alcançar um entendimento e compreensão sobre o impacto da função do pai no desenvolvimento do comportamento delincente em adolescentes do sexo masculino.

Venho por este meio pedir a permissão de V. Ex.<sup>a</sup> para a recolha da amostra na Escola [nome da escola].

Para os devidos efeitos entrego juntamente o Projecto de Dissertação, onde se encontram incluídos os instrumentos de avaliação a serem utilizados.

Estou ao V. dispor caso seja necessária qualquer informação adicional.

Os meus agradecimentos pela atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

Teresa Marília Velez Mira Lago

Rua Heróis dos Dembos, nº13, R/C Dto.  
1675-126 Pontinha, Odivelas  
Tlm. 968940974  
E-mail: teresa\_v\_lago@hotmail.com

## **ANEXO C**

### **PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO ENTREGUE NAS ESCOLAS**



## 1. INTRODUÇÃO

O presente Projecto de Investigação surge no âmbito da Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Área de Psicologia Clínica Dinâmica, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Lisboa, sob a orientação do Professor Doutor Manuel Pires Matos.

Tendo em conta o meu interesse pela área, pretendo realizar um estudo exploratório com rapazes adolescentes, com o objectivo de alcançar um entendimento e compreensão sobre o impacto do défice da função paterna na delinquência juvenil.

Para a realização deste estudo será utilizada uma amostra de estudantes do sexo masculino, a frequentar o 3º ciclo do ensino básico.

Venho por este meio pedir autorização para fazer a recolha da amostra na Escola [nome da escola], de forma a realizar o referido estudo.

Se tal for autorizado por parte do Conselho Executivo, será feita, em sala de aula, a recolha de alguns dados demográficos e a aplicação de questionários.

É garantido aos participantes desta investigação que será mantida a confidencialidade das informações prestadas e dos resultados obtidos nos instrumentos de avaliação.

Neste estudo serão utilizados como instrumentos de medida: o *Parental Bonding Instrument* (PBI; Parker, Tupling, & Brown, 1979); um questionário de comportamentos delinquentes (com base nos itens do estudo de Fonseca, 1997); e uma pergunta de resposta aberta (utilizada no estudo de Nodin & Leal, 2005). Será ainda utilizado um questionário para caracterizar a amostra em termos sócio-demográficos.

De forma a obter o apoio da Escola [nome da escola] para a realização desta investigação, apresento, em seguida, o projecto da mesma.

Para os devidos efeitos, anexo a este documento os instrumentos de avaliação e de recolha de dados que pretendo aplicar e entrego uma carta dirigida ao Presidente do Conselho Executivo.

## 2. PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO

**Tema:** “Défice da função paterna em rapazes adolescentes com comportamentos delinquentes”.

**Objectivo do estudo:** Investigar a relação entre uma função paterna deficiente e o aparecimento de comportamentos delinquentes em adolescentes do sexo masculino, incluídos em famílias mono e biparentais.

**Participantes:** adolescentes do sexo masculino a frequentarem o 3º ciclo de escolaridade (7º, 8º e 9º anos), preferencialmente um mínimo de 10 a 15 alunos de cada um dos anos lectivos referidos.

### **Metodologia:**

Será feita a aplicação colectiva, em sala de aula, dos seguintes instrumentos, com duração máxima prevista de 30 minutos:

- Questionário demográfico, de forma a caracterizar a amostra;
- Questionário de 30 itens sobre frequência de comportamentos delinquentes, construído com base nos itens utilizados no estudo de Fonseca (1992);
- Questionário da qualidade da relação do adolescente com a figura paterna: PBI (Parker, Tupling, & Brown, 1979);
- Pergunta de resposta aberta: *Quando pensas no teu pai, o que é que te ocorre?*, utilizado anteriormente no estudo de Nodin e Leal (2005).

Todas as dúvidas ou questões no preenchimento dos questionários serão esclarecidas no momento da aplicação.

### 3. BIBLIOGRAFIA

- Fonseca, A. C. (1992). Comportamentos anti-sociais no ensino básico: resultados de um questionário preenchido pelos próprios alunos (*self-report*). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVI (2), 279-300.
- Nodin, N., & Leal, I. (2005). Representações paternas na anorexia nervosa. *Análise psicológica*, 2 (XXIII), 201-208.
- Parker, G., Tupling, H., and Brown, L.B. (1979) A Parental Bonding Instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 1979, 52, 1-10.

## **ANEXO D**

### **INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS**

- **QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO**
- **ESCALA DE COMPORTAMENTOS DELINQUENTES**
- ***PARENTAL BONDING INSTRUMENT***
- **PERGUNTA DE RESPOSTA ABERTA**



Olá!

Estás convidado a participar, como voluntário, num trabalho de investigação.

A única coisa que necessitas de fazer é responder a todas as perguntas que se seguem.

Atenção! *Não existem respostas certas nem erradas.* Por isso, responde com total sinceridade.

Não são recolhidos dados que permitam a tua identificação, ou seja, as tuas respostas são *totalmente anónimas*. Por isso, não escrevas o teu nome em nenhum local deste questionário.

As tuas respostas ao questionário são confidenciais, pelo que apenas a investigadora vai ter acesso a elas.

Se tiveres alguma dúvida podes colocar à investigadora.

Muito obrigada!

**1. Idade:** \_\_\_\_\_

**2. Ocupação:**

Estudante ☐

Trabalhador e Estudante ☐

**3. Ano de escolaridade que frequentas:** \_\_\_\_\_

**4. Com quem vives** (assinala todos os que se aplicarem):

Mãe ☐

Pai (\*) ☐

Irmãos ☐ Idades? \_\_\_\_\_

Avós ☐

Outros ☐ Quais? \_\_\_\_\_

(\*) **4.1 Se não vives com o teu pai, assinala a razão:**

Divórcio/separação ☐ Quando? \_\_\_\_\_

Falecimento ☐ Quando? \_\_\_\_\_

Pai desconhecido ☐

Ausente por outra razão ☐ Qual? \_\_\_\_\_

**5. Profissão dos pais/encarregados de educação:**

---

---

**Instruções:**

Para cada frase, assinala com um **X** a tua resposta.

***No último ano, com que frequência é que tu ...***

	Nunca	1 vez	De vez em quando	Frequente mente
... causaste danos materiais em casa?				
... causaste danos materiais na escola?				
... roubaste duma loja?				
... roubaste em casa?				
... roubaste na escola?				
... roubaste doutros locais?				
... tiraste algo de um carro?				
... copiaste nos testes?				
... bateste em adultos na escola?				
... bateste nos teus pais?				
... bateste nos teus colegas?				
... bateste nos teus irmãos?				
... entraste em zonas proibidas?				
... fugiste de casa?				
... faltaste à escola?				
... bebeste álcool às escondidas?				
... fumaste tabaco?				
... consumiste drogas ilegais?				
... atiraste objectos às pessoas?				
... foste expulso da escola?				
... pintaste nas paredes?				
... causaste desordens em público?				
... pegaste fogo a algo?				
... entraste num edifício para roubar?				
... não pagaste um bilhete?				
... roubaste um saco ou uma carteira?				
... fizeste sofrer animais?				
... ameaçaste outros jovens?				
... trataste mal outras pessoas?				
... andaste com uma arma escondida?				

**Instruções:**

Para cada frase, assinala com um **X** o grau em que concordas/discordas da afirmação.

***O meu pai...***

	Concordo totalmente	Concordo um pouco	Discordo um pouco	Discordo totalmente
fala-me com uma voz amiga e calorosa.				
não me ajuda tanto quanto eu necessito.				
deixa-me fazer as coisas que eu gosto de fazer.				
parece-me frio emocionalmente para comigo.				
parece compreender os meus problemas e preocupações.				
é carinhoso comigo.				
gosta que eu tome as minhas próprias decisões.				
não me deixa crescer.				
tenta controlar tudo o que eu faço.				
invade a minha privacidade.				
gosta de dialogar comigo.				
sorri para mim com frequência.				
trata-me como um bebé.				
não parece compreender o que eu necessito ou quero.				
deixa-me tomar decisões por mim próprio.				
faz-me sentir que não sou desejado.				
faz-me sentir melhor quando estou zangado.				
não fala muito comigo.				
tenta tornar-me dependente dele.				
faz-me sentir que eu não posso tomar conta de mim, a menos que ele esteja próximo.				
dá-me tanta liberdade quanto a que eu desejo.				
deixa-me sair todas as vezes que eu desejo.				
é super-protector sobre mim.				
não me elogia.				
deixa-me vestir do modo que me agrada.				



**A minha mãe...**

	Concordo totalmente	Concordo um pouco	Discordo um pouco	Discordo totalmente
fala-me com uma voz amiga e calorosa.				
não me ajuda tanto quanto eu necessito.				
deixa-me fazer as coisas que eu gosto de fazer.				
parece-me fria emocionalmente para comigo.				
parece compreender os meus problemas e preocupações.				
é carinhosa comigo.				
gosta que eu tome as minhas próprias decisões.				
não me deixa crescer.				
tenta controlar tudo o que eu faço.				
invade a minha privacidade.				
gosta de dialogar comigo.				
sorri para mim com frequência.				
trata-me como um bebé.				
não parece compreender o que eu necessito ou quero.				
deixa-me tomar decisões por mim próprio.				
faz-me sentir que não sou desejado.				
faz-me sentir melhor quando estou zangado.				
não fala muito comigo.				
tenta tornar-me dependente dela.				
faz-me sentir que eu não posso tomar conta de mim, a menos que ela esteja próximo.				
dá-me tanta liberdade quanto a que eu desejo.				
deixa-me sair todas as vezes que eu desejo.				
é super-protectora sobre mim.				
não me elogia.				
deixa-me vestir do modo que me agrada.				

**Agora, para finalizar, responde à seguinte pergunta:**

*Quando pensas no teu pai, o que é que te ocorre?*

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**FONTE:** Nodin e Leal (2005)

**Chegaste ao final deste questionário!**

Muito obrigada pela tua participação 😊

## **ANEXO E**

### **ESTATÍSTICA DESCRITIVA DOS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO**

- **ESCALA DE COMPORTAMENTOS DELINQUENTES**
- ***PARENTAL BONDING INSTRUMENT***
- **PERGUNTA DE RESPOSTA ABERTA**

## DESCRIPTIVES

VARIABLES=Danos Roubo Agressão Transgressão Droga Delinquencia  
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX .

## Descriptives

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Danos	94	,00	10,00	1,7021	1,85397
Roubo	94	,00	17,00	1,0000	2,07390
Agressão	94	,00	20,00	2,8936	3,26423
Transgressão	94	,00	11,00	2,5851	1,90872
Droga	94	,00	6,00	,5319	1,23308
Delinquencia	94	,00	64,00	8,7128	8,44161
Valid N (listwise)	94				

## FREQUENCIES

VARIABLES=Catg\_pais Mae\_Categrozs  
/ORDER= ANALYSIS .

## Frequencies

Statistics

		Catg_pais	Mae_ Categrozs
N	Valid	94	94
	Missing	0	0

## Frequency Table

Catg\_pais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Controllo afecto	16	17,0	17,0	17,0
	controlo sem afecto	22	23,4	23,4	40,4
	parentalidade optima	44	46,8	46,8	87,2
	parentalidade negligente	12	12,8	12,8	100,0
	Total	94	100,0	100,0	

**Mae\_Categrozs**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Controlllo afecto	19	20,2	20,2	20,2
	controlo sem afecto	19	20,2	20,2	40,4
	parentalidade optima	49	52,1	52,1	92,6
	parentalidade negligente	7	7,4	7,4	100,0
	Total	94	100,0	100,0	

FREQUENCIES VARIABLES=análiseconteúdo  
/ORDER=ANALYSIS.

## Frequencies

### Statistics

análiseconteúdo

N	Valid	83
	Missing	11

**análiseconteúdo**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Representação paterna positiva	69	73,4	83,1	83,1
	Representação paterna negativa	14	14,9	16,9	100,0
	Total	83	88,3	100,0	
Missing	Não respondeu	11	11,7		
Total		94	100,0		

Frequência dos indicadores da categoria “Características de relação” para os grupos de valores elevados e valores baixos de comportamentos delinquentes

	Valores elevados	Valores baixos
Aceitação	1	-
Afectividade	13	11
Afinidade de gostos	1	-
Ajuda/orientação	8	12
Amizade	-	6
Ausência de diálogo	-	2
Ausência/afastamento	6	3
Autoridade adequada	3	1
Autoritarismo	-	3
Boa relação	2	1
Bom pai	15	5

Conflituosidade	1	-
Compreensão	-	1
Culpabilização	1	-
Disponibilidade	1	1
Evitamento	-	1
Existência de diálogo	2	4
Fonte de segurança/bem-estar	5	8
Fonte de medo	1	2
Gratidão	2	-
Modelo a seguir	2	1
Necessidade de separação	1	-
Orgulho	1	-
Partilha de momentos/actividades	6	8
Permissividade	1	3
Recordações positivas	1	4
Saudade	4	2
Suscita preocupação	-	3
Tristeza/insatisfação	1	3

Frequência dos indicadores da categoria “Características de atribuição” para os grupos de valores elevados e valores baixos de comportamentos delinquentes

	<b>Valores elevados</b>	<b>Valores baixos</b>
Alegre	-	3
Amigo	3	-
Atencioso	-	1
Ausência de rendimentos	-	1
Boa pessoa	2	5
Bom carácter	1	-
Bom humor	1	2
Calmo	-	3
Carinhoso	-	3
Compreensivo	1	-
Divertido	-	1
Falta de dedicação/desinteresse	1	-
Forte	1	-
Impaciente	1	-
Inteligente	1	3
Limpo	-	1
Mau pai	1	-
Mau porte físico	1	-
Mau humor	1	-
Poderoso	-	1

Prestável	-	1
Responsável	-	1
Simpático	1	4
Sincero	1	-
Sociável	-	1
Trabalhador	-	4
Útil	-	1

**ANEXO F**  
**CONSISTÊNCIA INTERNA DAS ESCALAS UTILIZADAS**  
***OUTPUT DO SPSS***  
**• ESCALA DE COMPORTAMENTOS DELINQUENTES**  
**• *PARENTAL BONDING INSTRUMENT***



```

RELIABILITY
/VARIABLES=del1 del2 del3 del4 del5 del6 del7 del8 del9 del10 del11
del12
del13 del14 del15 del16 del17 del18 del19 del20 del21 del22 del23
del24
del25 del26 del27 del28 del29 del30
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL/MODEL=ALPHA.

```

## Reliability

### Scale: delinquência

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	94	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	94	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,888	30

```

RELIABILITY
/VARIABLES=del1 del2 del21 del23
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL/MODEL=ALPHA.

```

## Reliability

### Scale: ALL VARIABLES

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	94	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	94	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,576	4

RELIABILITY

```
/VARIABLES=del3 del4 del5 del6 del7 del24 del25 del26
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL/MODEL=ALPHA.
```

**Reliability****Scale: ALL VARIABLES****Case Processing Summary**

	N	%
Cases Valid	94	100,0
Excluded <sup>a</sup>	0	,0
Total	94	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,750	8

RELIABILITY

```
/VARIABLES=del8 del13 del14 del15 del20
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL/MODEL=ALPHA.
```

**Reliability****Scale: ALL VARIABLES****Case Processing Summary**

	N	%
Cases Valid	94	100,0
Excluded <sup>a</sup>	0	,0
Total	94	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,507	5

```
RELIABILITY
/VARIABLES=del16 del17 del18
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL/MODEL=ALPHA.
```

**Reliability****Scale: ALL VARIABLES****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	94	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	94	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,713	3

```
RELIABILITY
/VARIABLES=del9 del10 del11 del12 del22
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL/MODEL=ALPHA.
```

**Reliability****Scale: ALL VARIABLES**

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	94	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	94	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,692	5

RELIABILITY

```
/VARIABLES=PBipai3 PBipai7 PBipai8 PBipai9 PBipai10 PBipai13
PBipai15
PBipai19 PBipai20 PBipai21 PBipai22 PBipai23 PBipai25
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL/MODEL=ALPHA.
```

**Reliability****Scale: ALL VARIABLES****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	94	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	94	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,859	12

RELIABILITY

```
/VARIABLES=PBipai3 PBipai7 PBipai8 PBipai9 PBipai10 PBipai13
PBipai15
PBipai19 PBipai20 PBipai21 PBipai22 PBipai23 PBipai25
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL/MODEL=ALPHA.
```

**Reliability**

## Scale: ALL VARIABLES

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	94	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	94	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,795	13

RELIABILITY

```
/VARIABLES=PBImãe1 PBImãe2 PBImãe4 PBImãe5 PBImãe6 PBImãe11 PBImãe12
PBImãe14 PBImãe16 PBImãe17 PBImãe18 PBImãe24
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL/MODEL=ALPHA.
```

## Reliability

## Scale: ALL VARIABLES

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	94	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	94	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,826	12

RELIABILITY

```
/VARIABLES=PBImãe3 PBImãe7 PBImãe8 PBImãe9 PBImãe10 PBImãe13
PBImãe15
PBImãe19 PBImãe20 PBImãe21 PBImãe22 PBImãe23 PBImãe25
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL/MODEL=ALPHA.
```

## Reliability

### Scale: ALL VARIABLES

#### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	94	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	94	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

#### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,738	13

**ANEXO G**  
**ANÁLISE ESTATÍSTICA**  
***OUTPUT* DO SPSS**  
**Comportamentos delinquentes X PBI pai**

## Oneway

### Test of Homogeneity of Variances

Delinquencia

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
1,224	3	90	,306

### ANOVA

Delinquencia

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	319,033	3	106,344	1,517	,215
Within Groups	6308,212	90	70,091		
Total	6627,245	93			

## Post Hoc Tests

### Multiple Comparisons

Dependent Variable: Delinquencia

Tukey HSD

(I) Catg_pais	(J) Catg_pais	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Controlo afecto	controlo sem afecto	-5,52273	2,75076	,193	-12,7234	1,6779
	parentalidade optima	-1,86364	2,44411	,871	-8,2616	4,5343
	parentalidade negligencia	-2,33333	3,19713	,885	-10,7024	6,0358
controlo sem afecto	Controlo afecto	5,52273	2,75076	,193	-1,6779	12,7234
	parentalidade optima	3,65909	2,18608	,343	-2,0634	9,3816
	parentalidade negligencia	3,18939	3,00448	,714	-4,6754	11,0542
parentalidade optima	Controlo afecto	1,86364	2,44411	,871	-4,5343	8,2616
	controlo sem afecto	-3,65909	2,18608	,343	-9,3816	2,0634
	parentalidade negligencia	-,46970	2,72652	,998	-7,6069	6,6675
parentalidade negligencia	Controlo afecto	2,33333	3,19713	,885	-6,0358	10,7024
	controlo sem afecto	-3,18939	3,00448	,714	-11,0542	4,6754
	parentalidade optima	,46970	2,72652	,998	-6,6675	7,6069

## Homogeneous Subsets



**Delinquencia**Tukey HSD<sup>a,b</sup>

Catg_pais	N	Subset for alpha = .05
		1
Controllo afecto	16	6,2500
parentalidade optima	44	8,1136
parentalidade negligente	12	8,5833
controlo sem afecto	22	11,7727
Sig.		,190

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 18,690.
- b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

**T-TEST**

```
GROUPS = Catg_pais(1 2)
/MISSING = ANALYSIS
/VARIABLES = Delinquencia
/CRITERIA = CI(.95) .
```

**T-Test****EXAMINE**

```
VARIABLES=Delinquencia BY Catg_pais
/PLOT BOXPLOT STEMLEAF NPLOT
/COMPARE GROUP
/STATISTICS DESCRIPTIVES
/CINTERVAL 95
/MISSING LISTWISE
/NOTOTAL.
```

**Explore****Catg\_pais****Case Processing Summary**

		Cases					
		Valid		Missing		Total	
		N	Percent	N	Percent	N	Percent
Delinquencia	Catg_pais						
	Controllo afecto	16	100,0%	0	,0%	16	100,0%
	controlo sem afecto	22	100,0%	0	,0%	22	100,0%
	parentalidade optima	44	100,0%	0	,0%	44	100,0%
	parentalidade negligente	12	100,0%	0	,0%	12	100,0%

## Tests of Normality

Catg_pais		Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Delinquencia	Controllo afecto	,232	16	,021	,860	16	,019
	controlo sem afecto	,224	22	,006	,628	22	,000
	parentalidade optima	,187	44	,000	,881	44	,000
	parentalidade negligente	,159	12	,200*	,939	12	,479

\*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

## ONEWAY

```

Danos Roubo Agressão Transgressão BY Catg_pais
/STATISTICS HOMOGENEITY
/MISSING ANALYSIS
/POSTHOC = TUKEY ALPHA(.05).

```

## Oneway

## Test of Homogeneity of Variances

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Danos	,617	3	90	,606
Roubo	2,538	3	90	,062
Agressão	2,977	3	90	,036
Transgressão	1,898	3	90	,136

## ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Danos	Between Groups	12,425	3	4,142	1,213	,310
	Within Groups	307,235	90	3,414		
	Total	319,660	93			
Roubo	Between Groups	26,714	3	8,905	2,147	,100
	Within Groups	373,286	90	4,148		
	Total	400,000	93			
Agressão	Between Groups	18,133	3	6,044	,559	,643
	Within Groups	972,803	90	10,809		
	Total	990,936	93			
Transgressão	Between Groups	26,715	3	8,905	2,568	,059
	Within Groups	312,104	90	3,468		
	Total	338,819	93			

## Post Hoc Tests

## Multiple Comparisons

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) Catg_pais	(J) Catg_pais	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Danos	Controlo afecto	controlo sem afecto	-1,06818	,60706	,300	-2,6573	,5209
		parentalidade optima	-,31818	,53939	,935	-1,7301	1,0938
		parentalidade negligente	-,41667	,70557	,935	-2,2636	1,4303
	controlo sem afecto	Controlo afecto	1,06818	,60706	,300	-,5209	2,6573
		parentalidade optima	,75000	,48245	,410	-,5129	2,0129
		parentalidade negligente	,65152	,66306	,760	-1,0842	2,3872
	parentalidade optima	Controlo afecto	,31818	,53939	,935	-1,0938	1,7301
		controlo sem afecto	-,75000	,48245	,410	-2,0129	,5129
		parentalidade negligente	-,09848	,60172	,998	-1,6736	1,4766
	parentalidade negligente	Controlo afecto	,41667	,70557	,935	-1,4303	2,2636
		controlo sem afecto	-,65152	,66306	,760	-2,3872	1,0842
		parentalidade optima	-,09848	,60172	,998	-1,4766	1,6736
Roubo	Controlo afecto	controlo sem afecto	-1,39205	,66914	,167	-3,1437	,3596
		parentalidade optima	-,16477	,59455	,993	-1,7211	1,3916
		parentalidade negligente	-,27083	,77773	,985	-2,3067	1,7650
	controlo sem afecto	Controlo afecto	1,39205	,66914	,167	-,3596	3,1437
		parentalidade optima	1,22727	,53178	,104	-,1648	2,6193
		parentalidade negligente	1,12121	,73086	,422	-,7920	3,0344
	parentalidade optima	Controlo afecto	,16477	,59455	,993	-1,3916	1,7211
		controlo sem afecto	-1,22727	,53178	,104	-2,6193	,1648
		parentalidade negligente	-,10606	,66325	,999	-1,8422	1,6301
	parentalidade negligente	Controlo afecto	,27083	,77773	,985	-1,7650	2,3067
		controlo sem afecto	-1,12121	,73086	,422	-3,0344	,7920
		parentalidade optima	-,10606	,66325	,999	-1,6301	1,8422
Agressão	Controlo afecto	controlo sem afecto	-1,36364	1,08022	,589	-4,1913	1,4640
		parentalidade optima	-,93182	,95980	,766	-3,4443	1,5806
		parentalidade negligente	-1,08333	1,25551	,824	-4,3699	2,2032
	controlo sem afecto	Controlo afecto	1,36364	1,08022	,589	-1,4640	4,1913
		parentalidade optima	,43182	,85847	,958	-1,8154	2,6790
		parentalidade negligente	,28030	1,17986	,995	-2,8082	3,3688
	parentalidade optima	Controlo afecto	,93182	,95980	,766	-1,5806	3,4443
		controlo sem afecto	-,43182	,85847	,958	-2,6790	1,8154
		parentalidade negligente	-,15152	1,07070	,999	-2,9543	2,6512
	parentalidade negligente	Controlo afecto	1,08333	1,25551	,824	-2,2032	4,3699
		controlo sem afecto	-,28030	1,17986	,995	-3,3688	2,8082
		parentalidade optima	,15152	1,07070	,999	-2,6512	2,9543
Transgressão	Controlo afecto	controlo sem afecto	-1,23295	,61186	,190	-2,8346	,3687
		parentalidade optima	-,00568	,54365	1,000	-1,4288	1,4174
		parentalidade negligente	,14583	,71114	,997	-1,7157	2,0074
	controlo sem afecto	Controlo afecto	1,23295	,61186	,190	-,3687	2,8346
		parentalidade optima	1,22727	,48625	,063	-,0456	2,5001
		parentalidade negligente	1,37879	,66829	,173	-,3706	3,1282
	parentalidade optima	Controlo afecto	,00568	,54365	1,000	-1,4174	1,4288
		controlo sem afecto	-1,22727	,48625	,063	-2,5001	,0456
		parentalidade negligente	,15152	,60646	,994	-1,4360	1,7391
	parentalidade negligente	Controlo afecto	-,14583	,71114	,997	-2,0074	1,7157
		controlo sem afecto	-1,37879	,66829	,173	-3,1282	,3706
		parentalidade optima	-,15152	,60646	,994	-1,7391	1,4360

## Homogeneous Subsets

**Danos**Tukey HSD<sup>a,b</sup>

Catg_pais	N	Subset for alpha = .05
		1
Controllo afecto	16	1,2500
parentalidade optima	44	1,5682
parentalidade negligente	12	1,6667
controlo sem afecto	22	2,3182
Sig.		,296

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 18,690.
- b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

**Roubo**Tukey HSD<sup>a,b</sup>

Catg_pais	N	Subset for alpha = .05
		1
Controllo afecto	16	,5625
parentalidade optima	44	,7273
parentalidade negligente	12	,8333
controlo sem afecto	22	1,9545
Sig.		,164

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 18,690.
- b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

**Agressão**Tukey HSD<sup>a,b</sup>

Catg_pais	N	Subset for alpha = .05
		1
Controllo afecto	16	2,0000
parentalidade optima	44	2,9318
parentalidade negligente	12	3,0833
controlo sem afecto	22	3,3636
Sig.		,586

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 18,690.
- b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

**Transgressão**Tukey HSD<sup>a,b</sup>

Catg_pais	N	Subset for alpha = .05
		1
parentalidade negligente	12	2,1667
Controllo afecto	16	2,3125
parentalidade optima	44	2,3182
controlo sem afecto	22	3,5455
Sig.		,114

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 18,690.
- b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

ONEWAY

```
Transgressão BY Catg_pais
/STATISTICS HOMOGENEITY
/MISSING ANALYSIS
/POSTHOC = TUKEY ALPHA(.10).
```

**Oneway**

### Test of Homogeneity of Variances

Transgressão

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
1,898	3	90	,136

### ANOVA

Transgressão

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	26,715	3	8,905	2,568	,059
Within Groups	312,104	90	3,468		
Total	338,819	93			

## Post Hoc Tests

### Multiple Comparisons

Dependent Variable: Transgressão

Tukey HSD

(I) Catg_pais	(J) Catg_pais	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	90% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Controllo afecto	controlo sem afecto	-1,23295	,61186	,190	-2,6554	,1895
	parentalidade optima	-,00568	,54365	1,000	-1,2696	1,2582
	parentalidade negligente	,14583	,71114	,997	-1,5075	1,7991
controlo sem afecto	Controllo afecto	1,23295	,61186	,190	-,1895	2,6554
	parentalidade optima	1,22727*	,48625	,063	,0968	2,3577
	parentalidade negligente	1,37879	,66829	,173	-,1749	2,9325
parentalidade optima	Controllo afecto	,00568	,54365	1,000	-1,2582	1,2696
	controlo sem afecto	-1,22727*	,48625	,063	-2,3577	-,0968
	parentalidade negligente	,15152	,60646	,994	-1,2584	1,5615
parentalidade negligente	Controllo afecto	-,14583	,71114	,997	-1,7991	1,5075
	controlo sem afecto	-1,37879	,66829	,173	-2,9325	,1749
	parentalidade optima	-,15152	,60646	,994	-1,5615	1,2584

\*. The mean difference is significant at the .10 level.

## Homogeneous Subsets

### Transgressão

Tukey HSD<sup>a,b</sup>

Catg_pais	N	Subset for alpha = .10
		1
parentalidade negligente	12	2,1667
Controlo afecto	16	2,3125
parentalidade optima	44	2,3182
controlo sem afecto	22	3,5455
Sig.		,114

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- Uses Harmonic Mean Sample Size = 18,690.
- The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

### ONEWAY

Danos Roubo Agressão Transgressão Delinquencia BY Catg\_pais  
/STATISTICS DESCRIPTIVES  
/MISSING ANALYSIS .

### Oneway

#### Descriptives

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
						Lower Bound	Upper Bound		
Danos	Controlo afecto	16	1,2500	1,65328	,41332	,3690	2,1310	,00	5,00
	controlo sem afecto	22	2,3182	2,31735	,49406	1,2907	3,3456	,00	10,00
	parentalidade optima	44	1,5682	1,66213	,25058	1,0628	2,0735	,00	6,00
	parentalidade negligente	12	1,6667	1,77525	,51247	,5387	2,7946	,00	6,00
	Total	94	1,7021	1,85397	,19122	1,3224	2,0819	,00	10,00
Roubo	Controlo afecto	16	,5625	,89209	,22302	,0871	1,0379	,00	3,00
	controlo sem afecto	22	1,9545	3,64466	,77704	,3386	3,5705	,00	17,00
	parentalidade optima	44	,7273	1,24571	,18780	,3485	1,1060	,00	5,00
	parentalidade negligente	12	,8333	1,19342	,34451	,0751	1,5916	,00	3,00
	Total	94	1,0000	2,07390	,21391	,5752	1,4248	,00	17,00
Agressão	Controlo afecto	16	2,0000	1,82574	,45644	1,0271	2,9729	,00	6,00
	controlo sem afecto	22	3,3636	4,75640	1,01407	1,2548	5,4725	,00	20,00
	parentalidade optima	44	2,9318	2,99144	,45098	2,0223	3,8413	,00	12,00
	parentalidade negligente	12	3,0833	2,39159	,69039	1,5638	4,6029	,00	6,00
	Total	94	2,8936	3,26423	,33668	2,2250	3,5622	,00	20,00
Transgressão	Controlo afecto	16	2,3125	1,70171	,42543	1,4057	3,2193	,00	6,00
	controlo sem afecto	22	3,5455	2,44418	,52110	2,4618	4,6291	,00	11,00
	parentalidade optima	44	2,3182	1,72226	,25964	1,7946	2,8418	,00	6,00
	parentalidade negligente	12	2,1667	1,19342	,34451	1,4084	2,9249	,00	4,00
	Total	94	2,5851	1,90872	,19687	2,1942	2,9761	,00	11,00
Delinquencia	Controlo afecto	16	6,2500	4,59710	1,14928	3,8004	8,6996	1,00	15,00
	controlo sem afecto	22	11,7727	12,88385	2,74685	6,0603	17,4851	,00	64,00
	parentalidade optima	44	8,1136	6,96575	1,05013	5,9959	10,2314	,00	25,00
	parentalidade negligente	12	8,5833	6,17117	1,78146	4,6624	12,5043	,00	19,00
	Total	94	8,7128	8,44161	,87069	6,9838	10,4418	,00	64,00

**Descriptives**

Droga

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Controllo afecto	16	,1250	,34157	,08539	-,0570	,3070	,00	1,00
controlo sem afecto	22	,5909	1,36832	,29173	-,0158	1,1976	,00	6,00
parentalidade optima	44	,5682	1,20845	,18218	,2008	,9356	,00	5,00
parentalidade negligente	12	,8333	1,74946	,50503	-,2782	1,9449	,00	5,00
Total	94	,5319	1,23308	,12718	,2794	,7845	,00	6,00

**Test of Homogeneity of Variances**

Droga

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
3,314	3	90	,064

**ANOVA**

Droga

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	3,874	3	1,291	,845	,473
Within Groups	137,530	90	1,528		
Total	141,404	93			



## **ANEXO H**

### **ANÁLISE ESTATÍSTICA**

#### ***OUTPUT DO SPSS***

**Comportamentos delinquentes X Pergunta de resposta aberta**

## T-TEST

GROUPS = análiseconteúdo(1 2)

/MISSING = ANALYSIS

/VARIABLES = Danos Roubo Agressão Transgressão Delinquencia

/CRITERIA = CI(.95) .

## T-Test

Group Statistics

	análiseconteúdo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Danos	Representação paterna positiva	68	1,7353	1,95942	,23761
	Representação paterna negativa	14	1,4286	1,39859	,37379
Roubo	Representação paterna positiva	68	1,0294	2,32424	,28186
	Representação paterna negativa	14	1,1429	1,46009	,39023
Agressão	Representação paterna positiva	68	3,0147	3,38783	,41083
	Representação paterna negativa	14	2,9286	2,67364	,71456
Transgressão	Representação paterna positiva	68	2,5882	1,94119	,23540
	Representação paterna negativa	14	2,2857	1,85757	,49646
Delinquencia	Representação paterna positiva	68	8,9265	9,16567	1,11150
	Representação paterna negativa	14	8,3571	6,31978	1,68903

## Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Danos	Equal variance assumed	,942	,335	,556	80	,580	,30672	,55167	-,79113	1,40458
	Equal variance not assumed			,693	24,843	,495	,30672	,44292	-,60578	1,21923
Roubo	Equal variance assumed	,167	,684	-,175	80	,861	-,11345	,64771	-1,40244	1,17555
	Equal variance not assumed			-,236	28,593	,815	-,11345	,48137	-1,09857	,87168
Agressão	Equal variance assumed	,037	,848	,089	80	,929	,08613	,96333	-1,83095	2,00322
	Equal variance not assumed			,105	22,537	,918	,08613	,82425	-1,62089	1,79316
Transgressão	Equal variance assumed	,005	,946	,535	80	,594	,30252	,56580	-,82345	1,42849
	Equal variance not assumed			,551	19,313	,588	,30252	,54944	-,84621	1,45125
Delinquência	Equal variance assumed	,150	,700	,221	80	,825	,56933	2,57279	-4,55069	5,68935
	Equal variance not assumed			,282	25,760	,781	,56933	2,02194	-3,58872	4,72738

SORT CASES BY

Catg\_pais (A) Mae\_Categrozs (A) .

## Group Statistics

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Droga	Representação paterna positiva	68	,5588	1,26234	,15308
	Representação paterna negativa	14	,5714	1,39859	,37379

## Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Droga	Equal variances assumed	,072	,789	-,033	80	,973	-,01261	,37727	-,76339	,73818
	Equal variances not assumed			-,031	17,630	,975	-,01261	,40392	-,86249	,83728

## **ANEXO I**

### **ANÁLISE ESTATÍSTICA ADICIONAL**

#### ***OUTPUT DO SPSS***

#### **Comportamentos delinquentes X PBI mãe**

```

ONEWAY
  Delinquencia BY Mae_Categrozs
  /STATISTICS HOMOGENEITY
  /MISSING ANALYSIS
  /POSTHOC = TUKEY ALPHA(.05).

```

## Oneway

### Test of Homogeneity of Variances

Delinquencia

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
2,315	3	90	,081

### ANOVA

Delinquencia

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	209,982	3	69,994	,982	,405
Within Groups	6417,263	90	71,303		
Total	6627,245	93			

## Post Hoc Tests

### Multiple Comparisons

Dependent Variable: Delinquencia

Tukey HSD

(I) Mae_Categrozs	(J) Mae_Categrozs	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Controllo afecto	controlo sem afecto	-4,00000	2,73963	,466	-11,1715	3,1715
	parentalidade optima	-,70677	2,28209	,990	-6,6806	5,2670
	parentalidade negligenciada	,57895	3,73349	,999	-9,1942	10,3520
controlo sem afecto	Controllo afecto	4,00000	2,73963	,466	-3,1715	11,1715
	parentalidade optima	3,29323	2,28209	,476	-2,6806	9,2670
	parentalidade negligenciada	4,57895	3,73349	,612	-5,1942	14,3520
parentalidade optima	Controllo afecto	,70677	2,28209	,990	-5,2670	6,6806
	controlo sem afecto	-3,29323	2,28209	,476	-9,2670	2,6806
	parentalidade negligenciada	1,28571	3,41193	,982	-7,6457	10,2171
parentalidade negligenciada	Controllo afecto	-,57895	3,73349	,999	-10,3520	9,1942
	controlo sem afecto	-4,57895	3,73349	,612	-14,3520	5,1942
	parentalidade optima	-1,28571	3,41193	,982	-10,2171	7,6457

## Homogeneous Subsets

### Delinquencia

Tukey HSD<sup>a,b</sup>

Mae_Categrozs	N	Subset for alpha = .05
parentalidade negligente	7	7,0000
Controllo afecto	19	7,5789
parentalidade optima	49	8,2857
controlo sem afecto	19	11,5789
Sig.		,454

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 14,896.
- b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

EXAMINE

```
VARIABLES=Delinquencia BY Mae_Categrozs
/PLOT BOXPLOT STEMLEAF NPLOT
/COMPARE GROUP
/STATISTICS DESCRIPTIVES
/CINTERVAL 95
/MISSING LISTWISE
/NOTOTAL.
```

## Explore

### Mae\_Categorizado

#### Tests of Normality

Mae_Categrozs		Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Delinquencia	Controllo afecto	,127	19	,200*	,945	19	,319
	controlo sem afecto	,209	19	,029	,673	19	,000
	parentalidade optima	,169	49	,001	,904	49	,001
	parentalidade negligente	,277	7	,111	,844	7	,107

\*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

## Delinquencia

### Stem-and-Leaf Plots

### Normal Q-Q Plots

### Detrended Normal Q-Q Plots

ONEWAY

```
Danos Roubo Agressão Transgressão BY Mae_Categrozs
```

```

/STATISTICS HOMOGENEITY
/MISSING ANALYSIS
/POSTHOC = TUKEY ALPHA(.05).

```

## Oneway

**Test of Homogeneity of Variances**

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Danos	2,946	3	90	,037
Roubo	2,737	3	90	,048
Agressão	2,309	3	90	,082
Transgressão	1,409	3	90	,245

**ANOVA**

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Danos	Between Groups	11,400	3	3,800	1,109	,350
	Within Groups	308,260	90	3,425		
	Total	319,660	93			
Roubo	Between Groups	20,118	3	6,706	1,589	,198
	Within Groups	379,882	90	4,221		
	Total	400,000	93			
Agressão	Between Groups	11,484	3	3,828	,352	,788
	Within Groups	979,452	90	10,883		
	Total	990,936	93			
Transgressão	Between Groups	14,875	3	4,958	1,378	,255
	Within Groups	323,944	90	3,599		
	Total	338,819	93			

## Post Hoc Tests

## Multiple Comparisons

Tukey HSD

			Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
Dependent Variable (I) Mae_Categozs	(J) Mae_Categozs					Lower Bound	Upper Bound
Danos	Controllo afecto	controlo sem afecto	-,89474	,60045	,448	-2,4665	,6770
		parentalidade optima	-,03652	,50017	1,000	-1,3458	1,2728
		parentalidade negligente	-,38346	,81827	,966	-2,5254	1,7585
	controlo sem afecto	Controllo afecto	,89474	,60045	,448	-,6770	2,4665
		parentalidade optima	,85822	,50017	,322	-,4511	2,1675
		parentalidade negligente	,51128	,81827	,924	-1,6307	2,6533
	parentalidade optima	Controllo afecto	,03652	,50017	1,000	-1,2728	1,3458
		controlo sem afecto	-,85822	,50017	,322	-2,1675	,4511
		parentalidade negligente	-,34694	,74780	,967	-2,3044	1,6106
	parentalidade negligente	Controllo afecto	,38346	,81827	,966	-1,7585	2,5254
		controlo sem afecto	-,51128	,81827	,924	-2,6533	1,6307
		parentalidade optima	,34694	,74780	,967	-1,6106	2,3044
Roubo	Controllo afecto	controlo sem afecto	-1,15789	,66656	,311	-2,9027	,5870
		parentalidade optima	-,09989	,55524	,998	-1,5533	1,3536
		parentalidade negligente	,30827	,90837	,986	-2,0696	2,6861
	controlo sem afecto	Controllo afecto	1,15789	,66656	,311	-,5870	2,9027
		parentalidade optima	1,05800	,55524	,233	-,3954	2,5115
		parentalidade negligente	1,46617	,90837	,376	-,9117	3,8440
	parentalidade optima	Controllo afecto	,09989	,55524	,998	-1,3536	1,5533
		controlo sem afecto	-1,05800	,55524	,233	-2,5115	,3954
		parentalidade negligente	,40816	,83014	,961	-1,7649	2,5812
	parentalidade negligente	Controllo afecto	-,30827	,90837	,986	-2,6861	2,0696
		controlo sem afecto	-1,46617	,90837	,376	-3,8440	,9117
		parentalidade optima	-,40816	,83014	,961	-2,5812	1,7649
Agressão	Controllo afecto	controlo sem afecto	-,26316	1,07031	,995	-3,0649	2,5386
		parentalidade optima	-,25134	,89156	,992	-2,5852	2,0825
		parentalidade negligente	1,07519	1,45858	,882	-2,7429	4,8933
	controlo sem afecto	Controllo afecto	,26316	1,07031	,995	-2,5386	3,0649
		parentalidade optima	,01182	,89156	1,000	-2,3220	2,3456
		parentalidade negligente	1,33835	1,45858	,796	-2,4798	5,1565
	parentalidade optima	Controllo afecto	,25134	,89156	,992	-2,0825	2,5852
		controlo sem afecto	-,01182	,89156	1,000	-2,3456	2,3220
		parentalidade negligente	1,32653	1,33296	,753	-2,1627	4,8158
	parentalidade negligente	Controllo afecto	-1,07519	1,45858	,882	-4,8933	2,7429
		controlo sem afecto	-1,33835	1,45858	,796	-5,1565	2,4798
		parentalidade optima	-1,32653	1,33296	,753	-4,8158	2,1627
Transgressão	Controllo afecto	controlo sem afecto	-1,00000	,61553	,370	-2,6113	,6113
		parentalidade optima	,00107	,51274	1,000	-1,3411	1,3433
		parentalidade negligente	-,20301	,83883	,995	-2,3988	1,9928
	controlo sem afecto	Controllo afecto	1,00000	,61553	,370	-,6113	2,6113
		parentalidade optima	1,00107	,51274	,214	-,3411	2,3433
		parentalidade negligente	,79699	,83883	,778	-1,3988	2,9928
	parentalidade optima	Controllo afecto	-,00107	,51274	1,000	-1,3433	1,3411
		controlo sem afecto	-1,00107	,51274	,214	-2,3433	,3411
		parentalidade negligente	-,20408	,76659	,993	-2,2108	1,8026
	parentalidade negligente	Controllo afecto	,20301	,83883	,995	-1,9928	2,3988
		controlo sem afecto	-,79699	,83883	,778	-2,9928	1,3988
		parentalidade optima	,20408	,76659	,993	-1,8026	2,2108

## Homogeneous Subsets



**Danos**Tukey HSD<sup>a,b</sup>

		Subset for alpha = .05
Mae_Categrozs	N	1
Controllo afecto	19	1,4737
parentalidade optima	49	1,5102
parentalidade negligente	7	1,8571
controlo sem afecto	19	2,3684
Sig.		,553

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 14,896.
- b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

**Roubo**Tukey HSD<sup>a,b</sup>

		Subset for alpha = .05
Mae_Categrozs	N	1
parentalidade negligente	7	,4286
Controllo afecto	19	,7368
parentalidade optima	49	,8367
controlo sem afecto	19	1,8947
Sig.		,216

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 14,896.
- b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

**Agressão**Tukey HSD<sup>a,b</sup>

		Subset for alpha = .05
Mae_Categrozs	N	1
parentalidade negligente	7	1,7143
Controllo afecto	19	2,7895
parentalidade optima	49	3,0408
controlo sem afecto	19	3,0526
Sig.		,686

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 14,896.
- b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

**Transgressão**Tukey HSD<sup>a,b</sup>

		Subset for alpha = .05
Mae_Categrozs	N	1
parentalidade optima	49	2,3673
Controllo afecto	19	2,3684
parentalidade negligente	7	2,5714
controlo sem afecto	19	3,3684
Sig.		,478

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

- a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 14,896.
- b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

ONEWAY

```

Danos Roubo Agressão Transgressão Delinquencia BY Mae_Categrozs
/STATISTICS DESCRIPTIVES
/MISSING ANALYSIS .

```

**Oneway**

## Descriptives

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
						Lower Bound	Upper Bound		
Danos	Controllo afecto	19	1,4737	1,34860	,30939	,8237	2,1237	,00	5,00
	controlo sem afecto	19	2,3684	2,62912	,60316	1,1012	3,6356	,00	10,00
	parentalidade optima	49	1,5102	1,59586	,22798	1,0518	1,9686	,00	6,00
	parentalidade negligente	7	1,8571	2,19306	,82890	-,1711	3,8854	,00	5,00
	Total	94	1,7021	1,85397	,19122	1,3224	2,0819	,00	10,00
Roubo	Controllo afecto	19	,7368	,99119	,22739	,2591	1,2146	,00	3,00
	controlo sem afecto	19	1,8947	3,87147	,88818	,0287	3,7607	,00	17,00
	parentalidade optima	49	,8367	1,35933	,19419	,4463	1,2272	,00	5,00
	parentalidade negligente	7	,4286	,78680	,29738	-,2991	1,1562	,00	2,00
	Total	94	1,0000	2,07390	,21391	,5752	1,4248	,00	17,00
Agressão	Controllo afecto	19	2,7895	2,20048	,50482	1,7289	3,8501	,00	7,00
	controlo sem afecto	19	3,0526	5,06045	1,16095	,6136	5,4917	,00	20,00
	parentalidade optima	49	3,0408	2,90803	,41543	2,2055	3,8761	,00	12,00
	parentalidade negligente	7	1,7143	2,05866	,77810	-,1897	3,6182	,00	5,00
	Total	94	2,8936	3,26423	,33668	2,2250	3,5622	,00	20,00
Transgressão	Controllo afecto	19	2,3684	1,92095	,44070	1,4426	3,2943	,00	6,00
	controlo sem afecto	19	3,3684	2,56495	,58844	2,1322	4,6047	,00	11,00
	parentalidade optima	49	2,3673	1,62908	,23273	1,8994	2,8353	,00	6,00
	parentalidade negligente	7	2,5714	1,39728	,52812	1,2792	3,8637	1,00	5,00
	Total	94	2,5851	1,90872	,19687	2,1942	2,9761	,00	11,00
Delinquencia	Controllo afecto	19	7,5789	5,09156	1,16808	5,1249	10,0330	1,00	20,00
	controlo sem afecto	19	11,5789	14,28797	3,27789	4,6924	18,4655	,00	64,00
	parentalidade optima	49	8,2857	6,60177	,94311	6,3895	10,1820	,00	25,00
	parentalidade negligente	7	7,0000	5,53775	2,09307	1,8784	12,1216	2,00	16,00
	Total	94	8,7128	8,44161	,87069	6,9838	10,4418	,00	64,00

## Descriptives

Droga

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Controllo afecto	19	,2105	,53530	,12281	-,0475	,4685	,00	2,00
controlo sem afecto	19	,8947	1,59495	,36591	,1260	1,6635	,00	6,00
parentalidade optima	49	,5306	1,30866	,18695	,1547	,9065	,00	5,00
parentalidade negligente	7	,4286	,78680	,29738	-,2991	1,1562	,00	2,00
Total	94	,5319	1,23308	,12718	,2794	,7845	,00	6,00

## Test of Homogeneity of Variances

Droga

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
1,988	3	90	,121

**ANOVA**

Droga

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	4,539	3	1,513	,995	,399
Within Groups	136,866	90	1,521		
Total	141,404	93			